Ambrose Bierce

O dicionário do Diabo

uma seleção

Ambrose Bierce

O dicionário do Diabo

seleção e tradução de Rodrigo Breunig

Dicionário, substantivo, Diabo, substantivo

Este dicionário, escrito pelo Diabo – o responsável por todos os nossos males e o proprietário de todas as coisas boas deste mundo –, foi concebido para ser um compêndio de tudo que se conheceu no mundo até a data de sua conclusão, e consegue apertar um parafuso, consertar carroças de brinquedo ou encaminhar um divórcio. É um bom substituto para tratar sarampo, e faz com que os ratos saiam de seus buracos para morrer. É tiro e queda para lombrigas, e as crianças imploram às lágrimas por um exemplar.

Sobre esta edição

Agradecimento

Prefácio do autor à edição de 1911

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

K

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V
W
X
Z

Sobre esta edição

Ao longo de três décadas, Ambrose Bierce (nascido em Ohio em 1842, jornalista, contista, veterano da Guerra Civil dos Estados Unidos, desaparecido no México por volta de 1914) publicou na imprensa norte-americana – e em duas coletâneas, nenhuma das quais completa – cerca de 1.700 verbetes de seu monumental inventário da infâmia humana, uma das mais brilhantes obras satíricas da história da literatura. Muitas das definições – uma minoria no conjunto – tiravam sua força de zombarias dirigidas a personalidades e acontecimentos locais, ou de trocadilhos que se perdem na tradução. Esta seleção, com 1.184 verbetes, procura contemplar as definições mais universais e atemporais do incomparável léxico de Bierce.

Agradecimento

Pelo amável incentivo e auxílio, o tradutor deste dicionário fica muitíssimo agradecido a Luís Augusto Fischer e Tito Montenegro.

Prefácio do autor à edição de 1911

O dicionário do Diabo teve seu início num jornal semanal em 1881 e foi continuado de maneira desconexa, com longos intervalos, até 1906. Nesse ano final, grande parte dele foi publicada em livro sob o título *O vocabulário do cínico*, um nome que o autor não teve o poder de rejeitar e tampouco a felicidade de aprovar. Para citar os editores da presente obra: “Este título mais reverente havia sido previamente imposto a ele pelos escrúpulos religiosos do último jornal no qual aparecera parte da obra, com a natural consequência de que, quando ela saiu em livro, o país já tinha sido inundado por seus imitadores com inúmeros livros ‘cínicos’ – *O isso do cínico*, *O aquilo do cínico* e *O não sei o quê do cínico*. Na maioria, esses livros não passavam de asneiras, se bem que alguns também se distinguissem pela patetice. Em conjunto, fizeram a palavra ‘cínico’ cair tanto em desgraça que qualquer livro que a ostentasse ficava desacreditado antes mesmo da publicação.”

No meio-tempo, além disso, alguns dos humoristas empreendedores do país haviam se servido à vontade das partes da obra mais afeitas a suas necessidades, e muitas das definições, anedotas, frases e assim por diante se tornaram mais ou menos correntes na linguagem popular. Esta explicação é feita não com qualquer orgulho de prioridade em ninharias, mas na simples negação de possíveis acusações de plágio, o que não é nenhuma ninharia. Ao apenas retomar o que é seu, o autor espera ser tido como inocente por aqueles a quem a obra é dirigida – almas

iluminadas que preferem os vinhos secos aos doces, a sensatez ao sentimento, a sagacidade ao humor e o inglês límpido à gíria.

Uma característica notável – e não desagradável, espera-se – do livro são suas abundantes citações ilustrativas de poetas eminentes, dos quais o mais destacado é o padre Gassalasca Jape, erudito e engenhoso clérigo da Companhia de Jesus, cujos versos ostentam suas iniciais. Pelo amável incentivo e auxílio do padre Jape, o autor do texto em prosa fica muitíssimo agradecido.

A.B.

A

A.

A primeira letra em todo alfabeto devidamente construído. É a primeira pronunciação natural dos órgãos vocais humanos, e soa de modo variado, conforme o prazer e a conveniência do falante. Na lógica, A afirma e B nega. Como as afirmações são proverbialmente inverídicas, a presunção penderia em favor da inocência de B, não fosse o fato de que as negações são notoriamente falsas.

Abandonar, *v.t.*

[1] Corrigir um amigo errante ou repreender um amigo carente. Em relação às mulheres, usa-se a palavra *abandonada* no sentido de indiscreta.

[2] Conferir a outros a vantagem de que se livrem de você. Abjurar.

"Graças aos céus, abandonei os desatinos da juventude pelos desatinos da velhice." – *Chauncey Depew*.

Abatedouro, *s.*

Lugar no qual gado mata rebanho. É comumente situado a certa distância dos antros da nossa espécie, de modo que aqueles que

devoram a carne não fiquem chocados com a visão do sangue.

Abatis, *s.*

[1] Entulho na frente de uma fortificação militar para impedir que o entulho de fora moleste o entulho de dentro.

[2] Circunstâncias embaraçosas colocadas na entrada de uma fortificação com o propósito de avolumar a recatada relutância do inimigo.

Abator, *s.*

Ator que rouba todo um rebanho de gado, distinguindo-se assim do ator inferior que rouba um animal por vez – um ator bovino superior, por assim dizer.

Abderiano, *adj.*

O *riso abderiano* é o riso despropositado e indolente; assim chamado porque Demócrito, um filósofo despropositado e indolente, teria nascido em Abdera, de onde nem valeu muito a pena importar a palavra.

Abdicação, *s.*

[1] Ato por meio do qual um soberano atesta sua noção da alta temperatura do trono.

> Morreu pobre Isabel, cuja abdicação

Soltou todas as línguas na espanhola nação.

Por tal feito não se pode criticá-la:

O trono era quente demais para acomodá-la.

Na História, enigma régio não é ela –

Só uma ervilha seca que saltou da panela.

G.J.

[2] A entrega de uma coroa em troca de um capelo, com o propósito de compilar tíbias e unhas de santos. A renúncia voluntária àquilo de que a pessoa foi previamente privada à força. O abandono de um trono com a intenção de apreciar o desconcerto de um sucessor. Por essas diversas definições nós somos devedores da história espanhola.

ABDÔMEN, *s.*

[1] O templo do deus Estômago, em cuja veneração, com rituais de sacrifício, engajam-se todos os homens autênticos. Das mulheres, esse culto antigo não obtém muito mais do que um consentimento balbuciante. Elas por vezes ministram no altar de uma maneira ineficaz e meio indiferente; a verdadeira reverência pela única divindade que os homens realmente adoram, contudo, elas desconhecem. Se as mulheres detivessem o controle da comercialização mundial, a raça se tornaria herbívora.

[2] Um relicário no qual se guarda o objeto da mais sincera devoção do homem.

Abelianos, *s.pl.*

Uma seita religiosa da África que praticava as virtudes de Abel. Seus membros tiveram a infelicidade de florescer contemporaneamente com os cainitas, e agora estão extintos.

Aberração, *s.*

Qualquer desvio em outra pessoa do nosso próprio pensamento habitual, não numa medida suficiente, em si, para constituir insanidade.

Abjetamente, *adv.*

Ao modo de uma pessoa pobre, mas honesta.

Abjeto, *adj.*

Inocente de renda; sem patrimônio; desprovido de boas roupas.

Abjurar, *v.t.*

Dar o passo preliminar na retomada do poder.

Abnegação, *s.*

Renunciação a prazeres não lucrativos ou ganhos dolorosos.

Abominável, *adj.*

A qualidade da opinião de outra pessoa.

Aborígines, *s.pl.*

[1] Pessoas de pouco valor encontradas estorvando a terra improdutiva de um país recém-descoberto. Elas logo param de estorvar; fertilizam.

[2] Pessoas atenciosas que não darão ao lexicógrafo do futuro o trabalho de descrevê-las.

Abracadabra.

Com *Abracadabra* damos a entender

Uma multiplicidade interminável.

Responde a O quê? e Como? e Por quê?

De onde? Para onde? – e por sua mercê

A Verdade (conforto inevitável)

Socorre aos que, tateando em noite escura,

Suplicam a santa luz da Cultura.

Se a palavra é verbo ou substantivo

Não sei, raciocino mal.

Só sei que é legado vivo

De sábio para sábio,

De alfarrábio para alfarrábio –

Da linguagem é parte imortal!

Contam de um homem da Antiguidade
Que chegou aos dez séculos de idade
Vivendo na gruta de certa vertente.
(Verdade, morreu finalmente.)
Sua fama de sábio se alastrou pela terra,
Pois a cabeça era calva e, você não erra,
A barba longa era clara;
Nos olhos, radiância rara.

Filósofos mil não paravam de vir
Sentar junto dele e ouvir e ouvir,
Mas somente era ouvida
Esta palavra repetida:
“Abracadabra, abracadá”
“Abracad, abracá”
“Abrac, abra, abr, ah!”
Mais não sabia falar.
A eles bastava e sobrava;
Então copiavam, anotavam,
Publicavam resolutos

Um texto diminuto
Num mar de comentários –
Livros enormes, abundantes
Como as folhas da sequoia-gigante;
Sábios, extraordinários!

Ele morreu,
Como disse eu,
E os livros sábios pereceram no passado,
Mas o grande ensinamento, tesouro sagrado,
Em *Abracadabra* ressoa, cerimonial,
Como sino antigo em balançar perenal.
Adoro sentir no ouvido
Essa palavra dar sentido
Ao juízo humano em geral.

Jamrach Holobom.

Abraçar, *v. muito t.*

Significa... significa... Que diabo isso quer dizer, afinal?

Abreviamento, *s.*

Um breve resumo da obra literária de alguma pessoa, no qual as partes que contestam as convicções do abreviador são omitidas por falta de espaço.

Abreviar, *v.t.*

Encurtar.

"Quando, no decurso dos acontecimentos humanos, faz-se necessário a um povo abreviar seu rei, o decente respeito pelas opiniões da humanidade requere que os súditos declarem as causas que os impelem à separação." – *Oliver Cromwell.*

Abrupção, *s.*

Dr. Johnson disse, sobre certa obra, que as ideias eram "concatenadas sem abrupção". Em deferência a essa grande autoridade, demos à palavra um lugar.

Abrupto, *adj.*

Repentino, sem cerimônia, como a chegada de uma bala de canhão e a partida do soldado cujos interesses são mais afetados por ela.

Absentista, *s.*

Pessoa dotada de renda que teve a prudência de se retirar da esfera da cobrança.

Absoluto, *adj.*

[1] Independente, irresponsável. Uma monarquia absoluta é aquela na qual o soberano faz o que mais lhe agrada, desde que também agrade aos assassinos. Não restam muitas monarquias absolutas, substituídas na maioria por monarquias limitadas, nas quais o poder maligno (e benigno) dos soberanos é cerceado em grande medida, e por repúblicas, que são governadas pelo acaso.

[2] Na Filosofia, uma maneira de existir não tendo nada como referência, e com propósitos puramente egoístas. A *certeza absoluta* é um dos graus possíveis da probabilidade. A *monarquia absoluta* é uma forma de governo na qual o poder principal é conferido a um cavalheiro que já tem seu fim próximo.

Absolver, *v.t.*

Proferir decisão no julgamento de um caso de assassinato na cidade de São Francisco.

Abstêmio, *adj.*

[1] Refletidamente respeitoso em relação à própria capacidade sobrecarregada.

[2] Aquele que se abstém de bebidas fortes, por vezes totalmente, por outras toleravelmente totalmente.

Abstinente, *s.*

Pessoa fraca que cede à tentação de se negar um prazer. Um abstinente total é alguém que se abstém de tudo, menos da abstenção, e sobretudo de não interferir nos assuntos dos outros.

Disse um homem ao ébrio: “Meu infante,

Eu te julgava um abstinente enfático.”

“Sou sim, sou sim”, disse o canalha em flagrante –

“Mas não, senhor, de modo fanático.”

G.J.

Abstrusidade, *s.*

A isca de um anzol nu.

Absurdo, *s.*

[1] Uma declaração de fé manifestamente incompatível com a nossa opinião.

[2] O argumento de um oponente. Uma crença na qual alguém não teve o infortúnio de ser instruído.

Abundância, *s.*

Um meio, sob a Providência, de sonegar esmolas aos desamparados.

Abuso, *s.*

[1] O objetivo do debate. O abuso de poder é o exercício da autoridade de uma maneira que nos é desagradável.

[2] Espirituosidade incontestável.

Academia, *s.*

[1] Uma escola antiga onde a moralidade e a filosofia eram ensinadas.

[2] Uma escola moderna onde o futebol é ensinado.

[3] Originalmente, um bosque no qual filósofos buscavam sentido na natureza; agora, uma escola na qual desnaturados buscam sentido na filosofia.

Acéfalo, *adj.*

[1] Surpreendente condição do cruzado que, distraído, quis ajeitar o topete algumas horas depois de uma cimitarra sarracena ter – inconscientemente para ele – trespassado seu pescoço, como relatado por Joinville.

[2] O estado final e permanente de um soberano moderno que governa por direito divino.

Aceitar, *v.t.*

No Galanteio, colher o redemoinho depois de semear o vento. Aceitar um cargo é receber, com decente relutância, a recompensa da cobiça exorbitante. Aceitar um desafio é passar a crer sinceramente na santidade da vida humana.

Aceldama, *s.*

Terreno perto de Jerusalém no qual o corretor, Judas Iscariotes, investiu o dinheiro que ganhou vendendo a descoberto e escapando da alta do preço.

Acidente, *s.*

Ocorrência inevitável provocada pela ação de leis naturais imutáveis.

Aclimatado, *adj.*

Protegido de doenças endêmicas por ter morrido de uma.

Acomodar, *v.t.*

Obsequiar; assentar as bases para futuras cobranças.

Acordeão, *s.*

Um instrumento em harmonia com os sentimentos de um assassino.

Acordo, *s.*

[1] O ajuste de interesses conflitantes que dá a cada adversário a satisfação de pensar que conseguiu aquilo que não deveria ter e

que não foi privado de nada, exceto daquilo que lhe era justamente devido.

[2] Harmonia.

Acróstico, *s.*

Uma severa provação para os sentimentos, comumente infligida por um tolo.

Acusador, *s.*

Ex-amigo de alguém; especialmente o indivíduo para quem alguém prestou certo serviço amigável.

Acusar, *v.t.*

Afirmar a culpa ou indignidade de outra pessoa; na maioria das vezes, como justificativa por termos lesado essa pessoa.

Adágio, *s.*

[1] Sabedoria desossada para dentes fracos.

[2] Platitude grisalha e veneranda que vai sendo chutada ao longo dos séculos até que não lhe reste nada senão suas roupas. Uma “máxima” que já não tem a mínima utilidade para o entendimento humano.

Adivinhação, *s.*

A arte de farejar o oculto. A adivinhação é tão diversificada quanto as inúmeras variedades frutíferas do burro em flor e do tolo precoce.

Adolescente, *adj.*

Recuperando-se da infância.

Adoração, *s.*

O testemunho do Homo Creator quanto à sólida construção e ao refinado acabamento do Deus Creatus. Forma popular de abjeção com certo elemento de orgulho.

Adorar, *v.t.*

Venerar com expectativa.

Administração, *s.*

Na política, uma abstração engenhosa, concebida para receber os chutes e socos devidos ao primeiro-ministro ou presidente. Um testa de ferro, à prova de ovos podres e gatos mortos.

Admirabilidade, *s.*

O meu tipo de habilidade em oposição ao seu tipo de habilidade.

Admiração, *s.*

Nosso polido reconhecimento da semelhança de outra pessoa conosco.

Admitir, *v.t.*

Confessar. Admitir os defeitos alheios é o mais alto dever imposto pelo nosso amor à verdade.

Admoestação, *s.*

Reprovação suave, como um golpe de cutelo. Aviso amigável.

Adversário, *s.*

Uma pessoa instigada por sua natureza perversa a negar os nossos méritos ou a exibir méritos superiores.

Advogado, *s.*

[1] Um especialista em contornar a lei.

[2] Um indivíduo legalmente nomeado para cuidar mal dos nossos problemas quando não temos competência para corretamente cuidar mal deles.

Afetuoso, *adj.*

Viciado em ser um aborrecimento. A criatura mais afetuosa do mundo é um cachorro molhado.

Afirmar, *v.*

Declarar algo com suspeita gravidade quando não somos compelidos ao total descrédito de fazer um juramento.

Aflição, *s.*

Um grau superior de desgosto corporal. A condição mental correspondente se chama “todo arrebentado”.

Aforismo, *s.*

Sabedoria pré-digerida.

Agitador, *s.*

Estadista que sacode as árvores frutíferas de seus vizinhos – para desalojar os vermes.

Agonia, *s.*

Processo de aclimatação no qual preparamos a alma com o propósito de partir desta para uma pior.

Agouro, *s.*

Um sinal de que algo vai acontecer se não acontecer nada.

AGRADAR, *v.*

Estabelecer as bases para uma superestrutura de opressão.

AGRÁRIO, *s.*

Um político que carrega seus bens imóveis embaixo das unhas. Um filho do solo que, como Eneias, carrega o pai nos braços.

AJUDANTE, *s.*

Nos assuntos militares, um oficial alvoroçado de categoria inferior cuja função é tirar as atenções de cima do comandante.

ÁLBUM, *s.*

Um instrumento de tortura no qual as amigas de um homem o crucificam entre dois ladrões.

ÁLCOOL, *s.*

(Do árabe *al kohl*, um cosmético para os olhos.) O princípio essencial de todos os líquidos capazes de dar ao homem um olho roxo.

ALCORÃO, *s.*

Um livro que os maometanos tolamente acreditam ter sido escrito por inspiração divina, mas que, como sabem os cristãos, não passa de uma impostura perversa, ao contrário das Sagradas Escrituras.

ALEGRIA, *s.*

Uma emoção variavelmente animada; em seu mais alto grau, porém, decorre da contemplação do sofrimento de outra pessoa.

ALIANÇA, *s.*

Em política internacional, a união de dois ladrões que têm as mãos tão profundamente inseridas no bolso do outro que não conseguem, separadamente, roubar um terceiro.

ALICIAR, *v.*

Chamar para o crime, como quem socorre a pobreza com moedinhas.

ALJAVA, *s.*

Uma bainha portátil na qual o antigo estadista e o advogado aborígine carregavam seus argumentos mais leves.

ALMA, *s.*

Uma entidade espiritual suscitadora de valorosas disputas. De acordo com Platão, as almas que num estado anterior à existência (precedendo Atenas) haviam obtido os vislumbres mais claros da verdade eterna entravam nos corpos de pessoas que se tornavam filósofos. O próprio Platão era um filósofo. As almas que tivessem

contemplado menos a verdade divina animavam os corpos dos usurpadores e dos déspotas. Dionísio I, que ameaçara decapitar o filósofo de testa larga, era um usurpador e um déspota. Platão, sem dúvida, não foi o primeiro a construir um sistema filosófico que pudesse ser citado contra seus inimigos; certamente não foi o último.

"Em relação à natureza da alma", diz o renomado autor do *Diversiones Sanctorum*, "poucos tópicos têm gerado mais discussão do que o de seu lugar no corpo. Minha própria crença é de que a alma tem seu assento no abdômen, e nessa fé podemos discernir e interpretar uma verdade até agora ininteligível – a saber, que o glutão é o mais devoto de todos os homens. Dele se diz, nas Escrituras, que 'fez da barriga um deus' – por que, então, não haveria ele de ser piedoso, possuindo desde sempre sua Divindade consigo para refrescar sua fé? Quem tão bem quanto ele poderá conhecer o poder e a majestade de seu relicário? Verdadeira e sobriamente, a alma e o estômago são uma única Entidade Divina; e tal era a crença de Promasius, que não obstante errou ao negar sua imortalidade. Ele observara que sua substância visível e material fraquejava e se decompunha com o resto do corpo após a morte, mas, de sua essência imaterial, nada sabia. Esse espírito é o que chamamos de Apetite. Ele sobrevive ao naufrágio e aos maus odores da mortalidade para ser recompensado ou punido em outro mundo de acordo com aquilo que demandou da carne. O Apetite cujos grosseiros clamores tenderam aos comestíveis insalubres dos mercados e refeitórios públicos haverá de ser lançado à fome eterna; já o Apetite que insistiu, firme sem deixar de ser polido, em hortulanas, caviar, tartaruga de água doce, anchovas, *pâtés de foie*

gras, e em todos os víveres cristãos assemelhados, haverá de cevar seu dente espiritual nas almas de tais gêneros alimentícios para todo o sempre, e saciar sua divina sede nos restos imortais dos mais raros e preciosos vinhos jamais tragados aqui embaixo. Eis minha fé religiosa, muito embora eu lamente confessar que nem Sua Santidade o Papa e tampouco Sua Excelência o Arcebispo da Cantuária (aos quais dedico idêntica e profunda reverência) irão concordar com sua divulgação."

ALMIRANTE, *s.*

A parte do navio de guerra que cuida de falar enquanto a carranca de proa cuida de pensar.

ALTAR, *s.*

O lugar em que o antigo sacerdote desemaranhava o intestino delgado da vítima sacrificial para fins de adivinhação e cozinhava sua carne para os deuses. A palavra é hoje raramente usada, exceto quando se refere ao sacrifício de paz e liberdade ao qual se submete um casal de tolos, macho e fêmea.

Parados no altar, proveram chama pura

Com a qual se fritou sua gordura.

Nenhum deus deseja – sacrifício vão! –

Oferenda queimada em fogo malsão.

M.P. Nopput.

Altivo, *adj.*

Soberbo e desdenhoso, como um garçom.

Amador, *s.*

Um perturbador da ordem pública que vê talento onde há mero gosto, e que confunde sua ambição com sua capacidade.

Amanhã, *s.*

O dia das boas ações e de uma vida reformada. O início da felicidade.

Amanhecer, *s.*

A hora em que os homens sensatos vão dormir. Certos velhos preferem se levantar por volta dessa hora, tomando um banho frio, dando uma longa caminhada sem nada no estômago, enfim, mortificando a carne de diversas maneiras. Eles então apontam essas práticas, com orgulho, como a causa de sua saúde férrea e de seus anos longevos; mas a verdade é que são vigorosos e velhos não por causa de seus hábitos, mas apesar deles. A razão pela qual só vemos pessoas robustas fazendo essas coisas é que essas coisas mataram todas as outras que tentaram fazê-las.

Amatório, *adj.*

Deveríamos enrubescer ao murmurar isso.

AMAZONA, *s.*

Integrante de uma raça antiga que não parece ter se preocupado muito com os direitos da mulher e a igualdade dos sexos. Seu hábito irrefletido de torcer o pescoço dos homens resultou, infelizmente, na extinção de sua espécie.

AMIGAR, *v.t.*

Cultivar um ingrato.

AMBIÇÃO, *s.*

Um desejo irresistível de ser vilipendiado por inimigos enquanto vivo e ridicularizado por amigos quando morto.

AMBIDESTRO, *adj.*

Capaz de violar um bolso com qualquer uma das mãos.

AMIGO, *s.*

Um investigador sobre cuja lâmina de microscópio nós vivemos, viajamos e levamos nossa vida.

AMIZADE, *s.*

Um barco grande o bastante para transportar dois em tempo bom, mas apenas um em tempo ruim.

Amor, *s.*

Uma insanidade temporária curável pelo casamento ou pela remoção do paciente das influências sob as quais contraiu o distúrbio. Essa doença, como a cárie e muitas outras moléstias, é corrente apenas nas raças civilizadas que vivem em condições artificiais; nações bárbaras que respiram ar puro e comem alimentos simples gozam de imunidade contra suas devastações. Por vezes é fatal, mas mais frequentemente para o médico do que para o paciente.

Anfitrião, *s.*

No uso popular, um homem que, em consideração aos pagamentos semanais, permite que você se autodenomine hóspede dele.

Angústia, *s.*

Uma doença provocada pela exposição à prosperidade de um amigo.

Animal, *s.*

Um organismo que, demandando um grande número de outros animais para seu sustento, ilustra de modo acentuado a

generosidade da Providência em preservar as vidas de suas criaturas.

Animalismo, *s.*

O estado e a qualidade da natureza humana em que nos gabamos de ser assemelhados aos “animais que perecem”.

Anistia, *s.*

Magnanimidade do Estado para com os infratores cuja punição seria cara demais.

Ano, *s.*

Um período de trezentas e sessenta e cinco decepções.

Anormal, *adj.*

Sem conformidade com o padrão. Em matéria de pensamento e conduta, ser independente é ser anormal, e ser anormal é ser detestado. Por conseguinte, o lexicógrafo aconselha ao leitor um total desvelo na busca de uma semelhança mais estreita com o Homem Comum do que consigo mesmo. Quem atingir tal escopo haverá de ter paz, a perspectiva da morte e a esperança do Inferno.

Antagonista, *s.*

O canalha desgraçado que nos atrapalha.

Antecâmara, *s.*

Um aposento no qual a pessoa cumpre penitência antecipada pelo pecado de solicitar um cargo.

Antipatia, *s.*

O sentimento inspirado pelo amigo de um amigo nosso.

Antipático, *adj.*

Aquele que não tem nenhum favor para fazer. Destituído de fortuna. Viciado na enunciação da verdade e do bom senso.

Apático, *adj.*

Casado há seis semanas.

Apelar, *v.t.*

No âmbito das leis, colocar os dados no copo para lançá-los de novo.

Apetite, *s.*

Um instinto criativamente implantado pela Providência como solução para o problema do incentivo ao trabalho.

Aplauso, *s.*

[1] O eco de uma platitude.

[2] Moeda com que o populacho paga quem lhe faz cócegas e o devora.

Apóstata, *s.*

Um parasita que, tendo penetrado no casco de uma tartaruga somente para descobrir que a criatura morrera muito tempo antes, considera oportuno formar novo laço afetivo com outra tartaruga.

Apresentação, *s.*

Uma cerimônia social inventada pelo diabo para gratificar seus servos e flagelar seus inimigos. A apresentação atinge seu mais malévolo desenvolvimento neste século, tendo íntima relação, de fato, com o sistema político dos Estados Unidos. Cada americano sendo igual a qualquer outro americano, segue-se que todas as pessoas têm o direito de conhecer todas as outras, o que implica o direito de apresentar sem solicitação ou permissão. A Declaração da Independência deveria ter sido redigida da seguinte maneira:

"Tomamos estas verdades como evidentes por si mesmas: que todos os homens são criados iguais; que são munidos por seu Criador de certos direitos inalienáveis; que entre estes estão a vida e o direito de tornar a vida de outro homem insuportável com a imposição a ele de uma quantidade incalculável de conhecidos; a liberdade, sobretudo a liberdade de apresentar as pessoas umas às outras sem antes averiguar se elas já não se conhecem na condição

de inimigas; e a promoção da felicidade de outro indivíduo com uma contínua sucessão de desconhecidos.”

Apresentável, *adj.*

Horrendamente trajado de acordo com a moda da época e do lugar.

Em Boorioboola-Gha, um homem é apresentável em ocasiões de cerimônia se tiver seu abdômen pintado de azul brilhante e usar um rabo de vaca; em Nova York ele pode omitir a pintura se quiser, mas, depois do pôr-do-sol, deverá usar dois rabos feitos da lã de uma ovelha e tingidos de preto.

Apuros, *s.pl.*

[1] Um depósito no qual são deixados os fracos e incompetentes, e onde eles se divertem lendo à vontade os nossos estimados contemporâneos.

[2] A recompensa da consistência.

Ar, *s.*

Uma substância nutritiva fornecida pela beneficente Providência para engordar os pobres.

Ar livre, *s.*

A parte do nosso ambiente sobre a qual nenhum governo consegue arrecadar impostos. Útil principalmente para inspirar poetas.

ARBITRAGEM, *s.*

[1] Um artifício moderno para promover o conflito substituindo uma disputa original por uma vintena de discordâncias inevitáveis quanto à maneira de chegar a um acordo.

[2] Medicamento vendido sem receita para suavizar o calor internacional, projetado para suplantar o antigo tratamento da sangria. Faz com que a parte vencida na disputa passe a odiar duas ou mais nações, em vez de uma – para indizível vantagem da paz.

ARCEBISPO, *s.*

Um dignitário eclesiástico ligeiramente mais santo do que um bispo.

ARDOR, *s.*

A qualidade que distingue o amor sem conhecimento.

ARENA, *s.*

Na política, um imaginário ringue de ratos onde o estadista luta com sua folha corrida.

ARENGA, *s.*

O discurso de um oponente, sujeito conhecido como arengotango.

Argumentar, *v.t.*

Considerar tentativamente com a língua.

Aristocracia, *s.*

O governo dos melhores homens. (Neste sentido, a palavra é obsoleta, bem como esse tipo de governo.) Sujeitos que usam chapéus aveludados e camisas limpas – culpados de educação e suspeitos de contas bancárias.

Armadura, *s.*

A roupa usada por um homem cujo alfaiate é um ferreiro.

Arquiteto, *s.*

Aquele que planeja um esboço da nossa casa e esboça um plano com nosso dinheiro.

Arregimentado, *part.*

Alistado e disposto em ordenação, como um desordeiro enforcado num poste de luz.

Arrependimento, *s.*

O fiel seguidor e atendente da Punição. Geralmente se manifesta num grau de reforma que não é incompatível com a continuidade do pecado.

Arruinar, *v.*

Destruir. Especificamente, destruir a crença de uma donzela na virtude das donzelas.

Arte, *s.*

Essa palavra não tem definição.

Árvore, *s.*

Um vegetal alto concebido pela natureza para servir como aparelho punitivo, muito embora, por erro judicial, a maioria das árvores produza um único fruto insignificante, ou até mesmo nenhum. Quando se mostra naturalmente frutada, a árvore é um agente benéfico da civilização e um fator importante na moral pública. No severo Oeste e no sensível Sul, seu fruto (branco e negro, respectivamente), embora não seja comido, é agradável ao gosto do público e, embora não seja exportado, é lucrativo para o bem-estar geral.

Astrologia, *s.*

A ciência de fazer o trouxa ver estrelas. A astrologia é altamente respeitada por alguns na condição de precursora da astronomia. Da mesma forma, o gato uivante tem pleno direito a uma consideração reverencial na condição de precursor da bota sibilante.

Astúcia, *s.*

A faculdade que distingue um animal ou homem fraco de um forte. Proporciona para seu possuidor muita satisfação mental e grande adversidade material. Um provérbio italiano diz: “O vendedor de peles esfola mais raposas do que burros”.

Ator, *s.*

Indivíduo que mascateia emoções pré-fabricadas e que, desprezando-nos pelas qualidades das quais se alimenta, é por nós desprezado pelo caráter insalubre de sua dieta.

Atrevimento, *s.*

O filho ilegítimo, atrofiado e deformado do arrojo e da vulgaridade.

Atriz, *s.*

Uma mulher cujo bom nome costuma ser manchado por frequentar demais as nossas bocas.

Audácia, *s.*

Uma das qualidades mais notáveis de um homem em segurança.

Ausente, *adj.*

[1] Pessoa particularmente exposta ao dente da detração; vilipendiada; irremediavelmente errada; suplantada na consideração

e no afeto de outra. [2] Pessoa exposta aos ataques de gente amiga e conhecida; difamada, caluniada.

Austero, *adj.*

Dotado da qualidade de um virgem à moda antiga, ou de um legislador abordado com proposta de suborno pelo lado que já lhe pagaram para contrariar.

Autêntico, *adj.*

Indubitavelmente verdadeiro – na opinião de alguém.

Autocrata, *s.*

Um cavalheiro ditatorial sobre o qual não pesa nenhuma restrição além da mão do assassino.

Autoestima, *s.*

Uma avaliação errônea.

Avental, *s.*

Um pedaço de pano usado na frente para impedir que as roupas sujem as mãos.

Averno, *s.*

O lago pelo qual os antigos entravam nas regiões infernais. O fato de que o acesso às regiões infernais era obtido por um lago inspirou, na opinião do erudito Marcus Ansello Scrutator, o rito cristão do batismo por imersão. O caráter equivocado dessa opinião, no entanto, foi comprovado por Lactâncio.

B

Baco, *s.*

Conveniente divindade inventada pelos antigos como pretexto para suas bebedeiras.

Bacon, *s.*

A múmia de um porco embalsamada em salmoura.

Baioneta, *s.*

Um instrumento para espetar a bolha da presunção de uma nação.

Baixista, *s.*

No mercado de ações, um corretor, que, tendo vendido a descoberto, usa as ações de seus clientes para corrigir o preço.

Balão, *s.*

Um artifício para lardear a Terra com a gordura dos tolos.

Banalidade, *s.*

O elemento fundamental e a glória especial da literatura popular. Um pensamento que ronca em palavras que fumam. A sabedoria de um milhão de tolos na dicção de um simplório. Um sentimento fóssil numa rocha artificial. Uma moral sem a fábula. Tudo que é mortal numa verdade falecida. Meia taça de leite moral. A parte mais imponente de um pavão depenado. Uma água-viva definhando na praia do mar do pensamento. O cacarejo sobrevivendo ao ovo. Um epigrama ressecado.

Bandear-se, *v.*

Subitamente mudar de opinião e trocar de partido. O mais notável bandeamento já registrado foi o de Saulo de Tarso, severamente criticado como vira-casaca por alguns de nossos jornais partidários.

Bandeira, *s.*

Um trapo colorido carregado por cima de tropas e içado em fortes e navios. Parece servir ao mesmo propósito de certas placas que vemos em terrenos baldios de Londres – “Refugos podem ser descartados aqui”.

Bandido, *s.*

Uma pessoa que tira à força de A o que A tirou por logro de B.

Banho, *s.*

Uma espécie de cerimônia mística substituta da veneração religiosa, com eficácia espiritual indeterminada.

Barba, *s.*

O cabelo que geralmente é cortado por aqueles que justificadamente execram o absurdo costume chinês de raspar a cabeça.

Barbeiro, *s.*

(Do latim *barbarus*, selvagem, derivação de *barba*.) Um selvagem cuja laceração da nossa bochecha passa despercebida durante o tormento superior de sua conversação.

Bardo, *s.*

Uma pessoa que faz rimas. A palavra é um dos inúmeros pseudônimos sob os quais o poeta procura ocultar sua identidade e fugir ao opróbrio.

Barômetro, *s.*

Um engenhoso instrumento que revela o tipo de clima que estamos tendo no momento.

Barrister, *s.*

Uma das dez mil variedades do gênero Advogado. Na Inglaterra, as funções de um *barrister* são distintas das de um *solicitor*. Um aconselha, o outro executa; mas a coisa aconselhada e a coisa executada são o cliente.

Basilisco, *s.*

A cocatrice. Uma espécie de serpente chocada no ovo de um galo. O basilisco tinha um mau-olhado, e seu olhar era fatal. Muitos incrédulos negam a existência da criatura, mas Semprello Aurator viu e manejou uma que havia sido cegada por um raio como punição por ter fatalmente contemplado uma dama de alta classe amada por Júpiter. Juno posteriormente restabeleceu a visão do réptil e o escondeu numa caverna. Nada ficou tão bem atestado pelos antigos quanto a existência do basilisco, mas os galos pararam de botar ovos.

Bastonada, *s.*

O ato de andar sobre a madeira sem esforço.

Batalha, *s.*

Um método de desatar com os dentes um nó político que não quer ceder à língua.

Batismo, *s.*

Um ritual sagrado de tamanha eficácia que quem for parar no céu sem ter passado por ele será infeliz para sempre.

Batizar, *v.t.*

Cerimoniosamente afligir uma criança indefesa com um nome.

> Este é o único truque do batizado:
>
> Molhar o bebê para que o nome fique grudado.

Bêbado, *adj.*

Emborrachado, atônito, mamado, tonto, faceiro, encharcado, cheio, grogue, cansado, desequilibrado, glorioso, derrubado, aguado, elevado, possuído, ferrado, rubro, viçoso, sonolento, turvo, sentimental, pio, frouxo, flácido, feliz, etc.

Bebê, *s.*

Uma criatura disforme, sem determinação de idade, sexo ou condição, notável principalmente pela violência das simpatias e antipatias que provoca nos outros, sendo ela mesma desprovida de sentimento ou emoção. Já existiram bebês famosos; por exemplo, o pequeno Moisés, de cujas aventuras nos juncos os hierofantes egípcios de sete séculos antes derivaram, sem dúvida, sua historinha fantasiosa do menino Osíris sendo preservado sobre uma folha de lótus flutuante.

Beijo, *s.*

Palavra inventada por poetas. Supõe-se que significa, de maneira geral, alguma espécie de rito ou cerimônia indicando um bom entendimento; mas o modo de desempenhar o ato é desconhecido por este lexicógrafo.

Beleza, *s.*

O poder com o qual a mulher enfeitiça um amante e aterroriza um marido.

Belladonna, *s.*

Em italiano, uma linda mulher; em inglês, um veneno mortal. Exemplo notável da identidade essencial das duas línguas.

Benevolência, *s.*

Subscrever cinco dólares para o socorro do nosso avô idoso no asilo de pobres e publicar o feito no jornal.

Benfeitor, *s.*

Alguém que realiza vultosas compras de ingratidão e mesmo assim não afeta significativamente o preço, que permanece acessível a todos.

Bengala, *s.*

Artigo conveniente para admoestar o caluniador delicado e o rival imprudente.

Berço, *s.*

Um altar no qual é adorada “a imagem do papai”. A palavra vem do francês *berceau*, mas a “imagem” é derivada sabe Deus de onde.

Bigamia, *s.*

Um deslize no bom gosto para o qual a sabedoria do futuro decretará uma punição chamada trigamia.

Biografia, *s.*

A homenagem literária que um homem pequeno presta para um homem grande.

Bisbilhotar, *v.i.*

Ouvir secretamente um catálogo dos crimes e vícios de outra pessoa ou de você mesmo.

Boato, *s.*

Arma favorita dos assassinos de reputações.

Bobagem, *s.*

Qualquer objeção levantada contra este excelente dicionário.

Bobo da corte, *s.*

O queixoso numa ação judicial.

Boca, *s.*

No homem, a porta de entrada para a alma; na mulher, a saída do coração.

Bolso, *s.*

O berço da motivação e a sepultura da consciência. Na mulher, esse órgão inexiste; assim sendo, ela age sem motivação, e sua consciência, impedida de ser enterrada, permanece para sempre viva, confessando os pecados dos outros.

Bom, *adj.*

Ciente, senhora, do mérito deste presente autor. Sensível, senhor, às vantagens de deixá-lo em paz.

Bomba, *s.*

Argumento de um sitiador em favor da capitulação, habilmente adaptado aos entendimentos das mulheres e crianças.

Botânica, *s.*

A ciência dos vegetais – aqueles que não são bons de comer bem como aqueles que são. Trata em grande medida de suas flores, que são comumente mal desenhadas, inartísticas na cor e malcheirosas.

Boticário, *s.*

Cúmplice do médico, benfeitor do agente funerário e fornecedor do verme de sepultura.

Quando Júpiter deu bênçãos aos homens do mundo

E Mercúrio as levou num jarro fundo,

O grande trapaceiro introduziu, solidário,

A doença – pra saúde do boticário,

Que proclamou, impelido por gratidão:

“Minha droga mais mortal terá o nome do meu patrão!”

G.J.

Brahma, *s.*

Aquele que criou os hindus, que são conservados por Vishnu e destruídos por Shiva – uma divisão do trabalho bem mais organizada do que a encontrada entre as divindades de certas outras nações. O abracadabrenses, por exemplo, são criados por Pecado, mantidos por Roubo e destruídos por Desatino. Os sacerdotes de Brahma, assim como os dos abracadabrenses, são homens santos e instruídos que nunca cometem travessuras.

Branco, *adj. e s.*

Preto.

Bruto, *s.*

Ver Marido.

Bruxa, *s.*

[1] Uma velha feia e repulsiva em pé de igualdade com o diabo.

[2] Uma jovem bela e atraente da qual o diabo não chega nem aos pés.

Bufão, *s.*

Um funcionário, antigamente vinculado à casa de um rei, cuja função era divertir a corte com ações e declarações ridículas, o absurdo sendo atestado por seu traje de retalhos multicoloridos. Com o próprio rei sempre vestido de maneira digna, o mundo levou alguns séculos para descobrir que a conduta e os decretos do próprio rei eram suficientemente grotescos para divertir não apenas a corte, mas a humanidade como um todo. O bufão era comumente chamado de bobo, mas os poetas e romancistas medievais sempre se deleitaram em representá-lo como uma pessoa singularmente sábia e espirituosa. No circo atual, o melancólico fantasma do bufão promove o desânimo de plateias mais humildes por meio das mesmas bufonarias com as quais, em vida, ele obscurecia o salão

de mármore, afligia o senso de humor patrício e furava o reservatório das lágrimas reais.

C

Cabeça, *s.*

A parte do corpo humano supostamente responsável por todas as outras. Em alguns países é costume retirá-la, e muitos adquiriram grande perícia e proficiência na arte. No Japão antigo, em especial, essa arte foi levada a um alto grau de perfeição.

Cabo, s.

Um homem que ocupa o degrau mais baixo da escada militar.

Feroz rugiu a luta e, fato pungente,

Caiu o cabo heroicamente!

Disse a Fama, contemplando sua bravura:

“Não caiu de grande altura”.

Giacommo Smith.

Caça-dotes, *s.*

Homem sem fortuna fisgado em matrimônio por uma mulher rica quando a vida dele está prestes a começar.

CACAREJAR, *v.i.*

Celebrar o nascimento de um ovo.

CADÁVER, *s.*

Uma pessoa que manifesta o máximo grau possível de indiferença dentro do âmbito de um respeito civilizado pela solicitude dos outros.

CADETE, *s.*

Um jovem cavalheiro militar que daqui a dez anos poderá cortar gargantas de nações e abalar o mundo, mas, no meio-tempo, mostra-se solícito quanto ao melhor método de decepar uma orelha de cor.

CALAMIDADE, *s.*

Um lembrete inconfundível e mais do que comumente claro de que as questões desta vida não seguem nossa própria vontade. As calamidades são de dois tipos: infortúnio para nós mesmos e boa fortuna para os outros.

CALEJADO, *adj.*

Dotado de grande fortitude para suportar os males que afligem outra pessoa.

Quando disseram a Zenão que um de seus inimigos não existia mais, profunda comoção foi observada nele. “O quê!”, exclamou um de seus discípulos, “o senhor chora pela morte de um inimigo?” “Ah, é verdade”, retrucou o grande estoico; “mas você devia ver como sorrio pela morte de um amigo.”

Calouro, *s.*

Um estudante familiarizado com o sofrimento.

Caluniar, *v.t.*

[1] Falar de um homem pelas costas quando as costas desse homem estão bem longe de você.

[2] Atribuir a outro, maliciosamente, más ações que você não teve a tentação e a oportunidade de cometer.

Cama, *s.*

Uma roda de tortura para o suplício dos imorais; uma cidadela não fortificada contra o remorso.

Candidato, *s.*

Alguém que, aconselhado por seus amigos, relutantemente aceita sacrificar seus interesses particulares em nome do bem público.

Canguru, *s.*

Um tipo pouco convencional de animal que, na forma, tem mais desproporção entre tronco e base do que qualquer outro. Ele é auxiliado nos pulos pela cauda (que dá uma ótima sopa), e, quando acontece de pousar perante um australiano surpreso, geralmente se pode observar que sua pele é desabotoada do pescoço para baixo e que ele carrega suas entranhas nos braços.

CÂNHAMO, s.

Planta de cuja casca fibrosa se faz um cachecol que frequentemente é colocado depois de um discurso em público ao ar livre e previne resfriados.

CANHÃO, *s.*

Um instrumento empregado na retificação de fronteiras nacionais.

CANIBAL, *s.*

Um gastrônomo da velha escola que preserva o paladar simples e adere à dieta natural do período pré-suíno.

CANONIZAR, *v.t.*

Santificar um pecador morto.

CÃO, *s.*

Uma espécie de Divindade adicional ou subsidiária, concebida para capturar o excesso e a superabundância de veneração no mundo. Este Ser Divino, em algumas de suas menores e mais sedosas encarnações, ocupa no afeto da Mulher um lugar para o qual não existe aspirante humano do sexo masculino. O Cão é um sobrevivente – um anacronismo. Ele não trabalha, tampouco fia, contudo vos digo que nem mesmo Salomão, em sua imensa glória, jamais se deitou sobre um capacho durante o dia todo, torrando no sol, empanturrado de moscas, gordo, enquanto seu dono trabalhava em troca de meios para obter uma ociosa sacudida do rabo salomônico, temperada por um olhar de tolerante reconhecimento.

Capital, *s.*

A sede do desgoverno. Aquilo que fornece o fogo, a panela, o jantar, a mesa, o garfo e a faca para o anarquista; a parte do repasto que ele mesmo fornece é desagradecer pela comida. A *pena capital* é uma punição sobre cuja justiça e conveniência muitas pessoas dignas – incluindo todos os assassinos – nutrem sérias dúvidas.

Careca, *adj.*

Destituído de cabelo por causas hereditárias ou acidentais – nunca pela idade.

Caridade, *s.*

Uma amável qualidade do coração que nos move a tolerar nos outros os pecados e vícios aos quais somos afeitos.

Carne, *s.*

A segunda pessoa da Trindade secular, a primeira e a terceira vindo a ser o Mundo e o Diabo, respectivamente.

Carniçal, *s.*

Um demônio viciado no condenável hábito de devorar os mortos. A existência dos carniçais tem sido contestada por polemistas de certa estirpe, mais preocupados em privar o mundo de crenças reconfortantes do que em lhe dar alguma coisa boa em troca. Em 1640, o padre Secchi viu um carniçal num cemitério perto de Florença e o afugentou com o sinal da cruz. Ele o descreve como dotado de muitas cabeças e um incomum provimento de membros, e o viu em mais de um lugar ao mesmo tempo. O bom homem estava voltando do jantar na ocasião e explica que, não estivesse "pesado de comida", teria apreendido aquele demônio sob todos os riscos. Atholston relata que um carniçal foi apanhado por certos camponeses robustos num adro em Sudbury e afogado no laguinho dos cavalos. (Ele parece ser da opinião de que tão distinto criminoso deveria ter sido afogado num tanque de água de rosas.) A água virou sangue no mesmo instante "e assim até hoje perdura". De lá para cá, o laguinho foi sangrado com uma vala. Não muito tempo atrás, no início do século XIV, um carniçal foi encurralado na cripta da catedral de Amiens, e a população toda cercou o lugar. Vinte homens armados, encabeçados por um padre portador de um crucifixo, entraram e capturaram o carniçal, que, recorrendo a um estratagema para tentar escapar, transformou-se na imagem de um

notório cidadão, mas foi mesmo assim enforcado, arrastado e esquartejado em meio a horrendas orgias populares. O cidadão cuja forma o demônio assumira ficou tão afetado pela sinistra ocorrência que nunca mais apareceu em Amiens, e seu destino continua sendo um mistério.

Carnívoro, *adj.*

Viciado na crueldade de devorar o vegetariano timorato, seus herdeiros e cessionários.

Carrasco, *s.*

[1] Um oficial de justiça encarregado de deveres da mais alta dignidade e da máxima gravidade, e tido em hereditária desestima por uma população possuidora de ancestralidade criminosa. Em alguns dos estados americanos, suas funções são agora executadas por um eletricista, como em Nova Jersey, onde as execuções por eletricidade foram recentemente instituídas – foi a primeira ocasião em que este lexicógrafo viu alguém questionar a conveniência de enforcar gente de Nova Jersey.

[2] Um oficial de justiça que produz animação suspensa.

[3] Um indivíduo que faz o que pode para diminuir os estragos da senilidade e reduzir as chances de uma morte por afogamento.

Carteado, *s.*

Um substituto para a conversação entre aqueles aos quais a natureza negou ideias.

CARTESIANO, *adj.*

Relativo a Descartes, filósofo famoso, autor da célebre máxima *Cogito ergo sum* – com a qual ele supôs, para sua satisfação, ter demonstrado a realidade da existência humana. A máxima poderia ser melhorada, no entanto, assim: *Cogito cogito ergo cogito sum* – "Penso que penso, logo penso que existo", um enfoque mais aproximado da certeza do que o alcançado por qualquer outro filósofo até hoje.

CASA, *s.*

Um edifício oco erigido para a moradia do homem, do rato, do camundongo, do besouro, da barata, da mosca, do mosquito, da pulga, do bacilo e do micróbio. *Casa de Correção*, um lugar de recompensa por serviços políticos e pessoais, e para a detenção de infratores e dotações. *Casa de Deus*, um edifício com uma torre e uma hipoteca. *Cão de casa*, um bicho pestilento mantido em dependências domésticas para insultar passantes e apavorar o visitante audaz. *Empregada de casa*, uma jovem do sexo oposto contratada para ser variadamente desagradável e engenhosamente pouco asseada no posto em que Deus achou por bem colocá-la.

CASAMENTO, *s.*

Estado ou condição de uma comunidade composta por um patrão, uma patroa e dois escravos, totalizando duas pessoas.

Cascavel, *s.*

Nosso irmão prostrado, *Homo ventrambulans*.

Casebre, *s.*

O fruto de uma flor chamada Palácio.

Caserna, *s.*

Uma casa na qual soldados desfrutam de uma parcela daquilo que, por ofício, despojam dos outros.

Castigo, *s.*

Uma chuva de fogo e enxofre que cai tanto sobre os justos quanto sobre aqueles, entre os injustos, que não tiverem obtido abrigo por meio do despejo dos justos.

Nos versos seguintes, endereçados a um Imperador no exílio pelo padre Gassalasca Jape, o reverendo poeta parece insinuar sua percepção de como é imprudente encarar o Castigo quando este está sendo exercido:

O quê! Dom Pedro, desejas voltar

Ao Brasil e descansar em paz?

Ora, o que pode te assegurar?

Houve tumulto pouco tempo atrás,
Teu amado povo se mostrou capaz
De trucidar-te feito um rato. Não podes negar
A ingratidão dos impérios; acaso crês
Que uma República é mais cortês?

Catecismo, *s.*

Um conjunto de charadas teológicas em que dúvidas universais e eternas são resolvidas por respostas locais e fugazes.

Cavalo, *s.*

O fundador e mantenedor da civilização.

Cavilador, *s.*

Um crítico da nossa obra.

Cenobita, *s.*

Um homem que piedosamente se isola para meditar sobre o pecado da perversão, e que, para mantê-la vívida em sua mente, ingressa numa irmandade de péssimos exemplos.

Censor, *s.*

Funcionário de certos governos, empregado para suprimir as obras geniais. Entre os romanos, o censor era um inspetor da moral pública, mas a moral pública das nações modernas não suporta inspeção.

CENTAURO, *s.*

Membro de uma raça de pessoas nascidas num tempo em que a divisão do trabalho ainda não alcançara o atual grau de diferenciação, e que seguiam esta primitiva máxima econômica: “Cada homem é seu próprio cavalo”. O melhor da estirpe foi Quíron, que à sabedoria e às virtudes do cavalo acrescentou a ligeireza do homem. A história bíblica da cabeça de João Batista montada numa bandeja mostra que os mitos pagãos sofisticaram um pouco a história sagrada.

CÉRBERO, *s.*

O cão de guarda do Hades, cujo dever era proteger a entrada – contra quem ou o quê não fica bem claro; todo mundo, mais cedo ou mais tarde, tinha de ir para lá, e ninguém queria ingressar por essa entrada. Cérbero é célebre por ter tido três cabeças, e alguns dos poetas lhe creditaram até mesmo cem. O professor Graybill, cuja erudição livresca e cujo profundo conhecimento do grego dão grande peso a sua opinião, calculou a média de todas as estimativas e chegou ao número vinte e sete – um julgamento que seria inteiramente conclusivo se o professor Graybill entendesse (a) algo sobre cães e (b) algo sobre aritmética.

CÉREBRO, *s.*

Um aparelho com o qual nós pensamos que pensamos. Aquilo que distingue o homem que se contenta em *ser* algo do homem que deseja *fazer* algo. Um homem de grande riqueza, ou aquele que foi catapultado a um alto posto, tem comumente uma cabeça tão cheia de cérebro que seus vizinhos não conseguem deixar de tirar seus chapéus para ele. Em nossa civilização, e sob nossa forma republicana de governo, o cérebro é tão altamente reverenciado que sua recompensa é a dispensa das obrigações do cargo.

CERTEZA, *s.*

Um engano em voz alta.

CERVO, *s.*

O som dos passinhos de um coelho no chaparral aos ouvidos de um caçador da cidade.

CETRO, *s.*

O bastão de um rei no trono, sinal e símbolo de sua autoridade. Originalmente, era um cassetete com o qual o soberano admoestava seu bobo da corte ou vetava medidas ministeriais quebrando os ossos de seus proponentes.

CÉU, *s.*

Um lugar onde os ímpios param de incomodar você com conversas a respeito de assuntos pessoais e os bons escutam com atenção enquanto você expõe os seus.

CHATO, *s.*

Uma pessoa que fala quando você quer que ela ouça.

CHEMISE, *s.*

Não sei o que isso significa.

CHINÊS, *s.*

Um trabalhador cujos defeitos são a docilidade, a destreza, o zelo, a frugalidade e a temperança, e sobre quem clamamos que seja proibido de trabalhar legalmente; cujo labor abre incontáveis oportunidades de emprego para os brancos e barateia para os pobres as necessidades básicas da vida; a quem a sordidez da pobreza é imputada como vício congênito, despertando não compaixão, mas ressentimento.

CHUMBO, *s.*

Um metal pesado, azul-cinzento, muito usado para dar estabilidade aos amantes volúveis – particularmente aqueles que amam, de modo pouco sábio, esposas de outros homens. O chumbo também se mostra de grande utilidade como contrapeso a um argumento que, de tão pesado, favorece o prato errado da balança. Um fato

interessante na química da controvérsia internacional: no ponto de contato entre dois patriotismos, o chumbo é precipitado em grandes quantidades.

Cimitarra, *s.*

Uma espada curva e extraordinariamente afiada em cujo manejo certos orientais alcançam espantosa proficiência, como comprovará o incidente aqui narrado. O relato é traduzido do japonês por Shusi Itama, famoso escritor do século XIII.

Em seu governo como Mikado, o grande Gichi-Kuktai condenou à decapitação Jijiji Ri, um alto funcionário da Corte. Pouco depois da hora marcada para o cumprimento do rito, qual não foi a surpresa de Sua Majestade quando viu, calmamente se aproximando do trono, o homem cuja morte, naquele momento, já deveria ter uma duração de dez minutos!

“Mil e setecentos dragões impossíveis!”, gritou o furioso monarca. “Eu não o sentenciei a comparecer à praça do mercado para ter sua cabeça cortada pelo carrasco público às três horas? E não são agora três e dez?”

“Filho de mil divindades ilustres”, respondeu o ministro condenado, “tudo que dizes é tão verdadeiro que a verdade é uma mentira em comparação. Mas os desejos ensolarados e vitalizantes de Vossa Celestial Majestade foram repugnantemente desconsiderados. Com alegria eu corri ao mercado e lá postei meu indigno corpo. O carrasco apareceu com sua cimitarra nua, ostensivamente a girou no ar e a encostou de leve no meu pescoço, e então foi embora, apedrejado pelo populacho, do qual fui sempre

um favorito. Venho aqui lhe pedir que a justiça recaia sobre a cabeça desonrosa e traiçoeira do carrasco."

"A qual regimento de carrascos pertence esse covarde de tripas pretas?", perguntou o Mikado.

"Ao galante regimento nove mil oitocentos e trinta e sete. Conheço esse homem. Seu nome é Sakko-Samshi."

"Que seja trazido diante de mim", disse o Mikado a um servidor, e meia hora depois o criminoso apareceu ao Soberano.

"Filho bastardo de um corcunda de três pernas sem polegares!", rugiu Sua Majestade. "Por que não fizeste mais do que tocar de leve o pescoço que deverias ter te comprazido em cortar?"

"Senhor das Garças e das Flores de Cerejeira", retrucou o carrasco, inabalável, "basta ordenar que o homem assoe o nariz com os dedos."

Recebendo a ordem, Jijiji Ri pegou seu próprio nariz e trombeteou como um elefante. Todos ficaram na expectativa de ver a cabeça decepada sendo violentamente arremessada para cima. Nada ocorreu: a demonstração prosperou pacificamente até ao fim, sem nenhum incidente.

Todos os olhos se voltaram agora para o carrasco, que se fizera tão branco quanto as neves no topo do Fuji. Suas pernas tremiam; sua respiração saía em arquejos de terror.

"Por todos os tipos de rabos pontudos de leões de bronze!", ele gritou. "Não passo de um espadachim arruinado e desgraçado! Golpeei o vilão debilmente porque, no ato de brandir a cimitarra, eu

acidentalmente trespassara o meu próprio pescoço! Pai da Lua, renuncio ao meu cargo.”

Tendo dito isso, ele agarrou seu topete, levantou sua cabeça no ar e, avançando até o trono, depositou-a humildemente aos pés do Mikado.

Cínico, *s.*

Um canalha cuja visão defeituosa enxerga as coisas como elas são, e não como deveriam ser. Daí o costume entre os citas de arrancar os olhos de um cínico para melhorar sua visão.

Circo, *s.*

Um lugar onde é permitido a cavalos, pôneis e elefantes que vejam homens, mulheres e crianças agindo como idiotas.

Circunlóquio, *s.*

Um truque literário através do qual o escritor que não tem nada para dizer se revela gentilmente para o leitor.

Citação, *s.*

O ato de repetir erroneamente as palavras de outra pessoa. As palavras erroneamente repetidas.

Ciúme, *s.*

O avesso do amor.

CIUMENTO, *adj.*

Indevidamente preocupado com a preservação daquilo que só pode ser perdido quando não vale a pena manter.

CLARIVIDÊNCIA, *s.*

A peculiar e valiosa faculdade que permite a um político sempre saber que seu partido terá sucesso – em oposição à sabedoria retrospectiva, que às vezes demonstra que o partido foi calamitosamente batido.

CLARINETE, *s.*

Um instrumento de tortura operado por uma pessoa com algodão nos ouvidos. Existem dois instrumentos que são piores do que um clarinete – dois clarinetes.

CLEMÊNCIA, *s.*

Um atributo amado pelos infratores detectados.

CLEPTOMANÍACO, *s.*

Um ladrão rico.

CLÉRIGO, *s.*

Um homem que assume a condução dos nossos assuntos espirituais como um método de aprimorar seus assuntos mundanos.

CLIENTE, *s.*

Uma pessoa que fez a escolha costumeira entre os dois métodos de ser legalmente roubada.

CLÍNICO, *adj.*

Relativo a uma cama. Uma palestra clínica é um discurso sobre determinada doença ilustrado pela exibição de um paciente tornado adequadamente doente para tal propósito.

CLUBE, *s.*

Uma associação de homens para fins de embriaguez, gula, alegria profana, assassinato, sacrilégio e difamação de mães, esposas e irmãs.

Por essa definição, sou devedor de diversas damas estimáveis que têm os melhores meios de informação, seus maridos sendo membros de diversos clubes.

COBIÇAR, *v.*

Desejar aquilo que o dono perversamente retém.

COCÔ DE MOSCA, *s.*

O protótipo da pontuação. Garvinus observa que os sistemas de pontuação em atual uso pelas várias nações literárias dependiam originalmente dos hábitos sociais e da dieta geral das moscas que infestavam os diversos países. Essas criaturas, que sempre se distinguiram por uma familiaridade íntima e sociável com os autores, embelezam generosa ou avaramente os manuscritos em processo de crescimento sob a caneta de acordo com seus hábitos corporais, trazendo à tona o sentido da obra numa espécie de interpretação independente que supera o talento do escritor. Os “velhos mestres” da literatura – ou seja, os primeiros escritores cuja obra é tão estimada por escribas e críticos posteriores da mesma língua – nunca pontuavam em absoluto, mas trabalhavam com rédea solta, sem essa interrupção de pensamento advinda do uso de pontos. (Observamos a mesma coisa nas crianças de hoje, cujo estilo nesse particular é um belo e impressionante exemplo da lei de que a infância dos indivíduos reproduz os métodos e estágios de desenvolvimento que caracterizam a infância das raças.) Na obra dos escribas primitivos, segundo constata o investigador moderno com seus instrumentos ópticos e testes químicos, todas as pontuações eram inseridas pela engenhosa e prestativa colaboradora dos escritores, a mosca doméstica – *Musca maledicta*. Ao transcrever esses manuscritos antigos, com o propósito de plagiar a obra ou então de preservar o que naturalmente consideram revelações divinas, os autores posteriores copiam de modo preciso e reverente quaisquer marcas encontradas no papiro ou pergaminho, com indizível aumento na lucidez do pensamento e no valor da obra. Os escritores contemporâneos dos copistas

naturalmente se valem das óbvias vantagens de tais marcas em suas próprias obras e, com a eventual ajuda que as moscas de suas próprias residências estiverem dispostas a conceder, não raro rivalizam com as criações primitivas e por vezes até as superam, ao menos no tocante à pontuação, o que não é pouca glória. Para entender plenamente os importantes serviços que as moscas prestam à literatura, basta colocar uma página de algum romancista popular ao lado de um pires com nata e melado em uma sala ensolarada e observar “como a inteligência se ilumina e o estilo se refina” numa intensidade proporcional à duração da exposição.

Colaborador, *s.*

No jornalismo, um benfeitor da cesta de lixo. O colaborador mantém os editores abastecidos de selos postais, que ele atenciosamente anexa para o retorno de seus favores rejeitados.

Colo, *s.*

Um dos órgãos mais importantes do sistema feminino – admirável provisão da natureza para o repouso da infância, mas útil principalmente em festividades rurais para sustentar pratos de frango frio e cabeças de homens adultos. O macho da nossa espécie tem um colo rudimentar, imperfeitamente desenvolvido, circunstância que não contribui nem um pouco para o bem-estar fundamental do animal.

Comédia, *s.*

Uma peça na qual nenhum dos nossos camaradas atores é visivelmente assassinado.

Comer, *v.i.*

Desempenhar sucessivamente (e com sucesso) as funções da mastigação, da umectação e da deglutição.

"Eu estava na sala de visitas, desfrutando do meu jantar", disse Brillat-Savarin, começando uma anedota. "O quê!", interrompeu Rochebriant; "Jantando numa sala de visitas?" "Queira reparar, monsieur", explicou o grande gastrônomo, "que eu não disse que estava comendo meu jantar, mas desfrutando dele. Eu havia jantado uma hora antes."

Comércio, *s.*

Uma espécie de transação na qual A saqueia de B os bens de C e, como compensação, B rouba do bolso de D o dinheiro pertencente a E.

Comestível, *adj.*

Bom para comer e salutar para o aparelho digestivo, como um verme para um sapo, um sapo para uma cobra, uma cobra para um porco, um porco para um homem e um homem para um verme.

Cometa, *s.*

Uma desculpa para ficar fora até tarde da noite e voltar para casa bêbado pela manhã.

Comissionado, *s.*

Parente do titular de um cargo público ou de seu fiador. O comissionado costuma ser um jovem bonito, com gravata vermelha e um intrincado sistema de teias de aranha que se estende de seu nariz até sua mesa. Quando atingido acidentalmente pela vassoura do faxineiro, emite uma nuvem de poeira.

Compulsão, *s.*

A eloquência do poder.

Compunção, *s.*

(Do latim *con*, contra, e *punctum*, ponta.) O remorso do delinquente que “resistiu aos aguilhões”, como pontificam as Escrituras.

Comunhão fechada, *s.*

A prática sectária de excluir os pecadores, e diversas denominações menores, da ceia do Senhor. A ceia sendo comumente bem ruim, não ocorre nenhuma grande injustiça.

Concerto, *s.*

Um entretenimento para humilhar os bebês por meio de berros superiores.

Concessão, *s.*

Baixar a guarda para suscitar o golpe irrefletido de um adversário.

Conciliação, *s.*

O mesmo que acima.

Conclusivo, *adj.*

Decisivo para o assunto em disputa quando seguido por imediata saída do debate.

Concorrente, *s.*

Um patife que deseja o que nós desejamos.

Condoer-se, *v.*

Mostrar que o luto é um mal menor do que a compaixão.

Conferencista, *s.*

Alguém com a mão no nosso bolso, a língua no nosso ouvido e a fé na nossa paciência.

Confessionário, *s.*

Um lugar onde o padre se senta para perdoar os grandes pecados pelo prazer de ficar sabendo dos pequenos.

Confidente, *s.*

Alguém a quem A confiou os segredos de B, confidenciados por *ele* a C.

Conforto, *s.*

Um estado de espírito produzido pela contemplação do mal-estar de um vizinho.

Congratulação, *s.*

A cortesia da inveja.

Congregação, *s.*

Pessoas submetidas a um experimento de hipnotismo.

Congresso, *s.*

Corporação de homens que se reúnem para revogar leis.

Conhaque, *s.*

Um cordial composto de uma porção de trovão-e-relâmpago, uma porção de remorso, duas porções de assassinato sanguinolento, uma porção de morte-inferno-e-sepultura e quatro porções de Satã clarificado. Dosagem: encher a cara sempre. O conhaque, nas palavras do Dr. Johnson, é a bebida dos heróis. Só um herói vai se aventurar a bebê-lo.

CONHECIDO, *s.*

Pessoa que conhecemos bem o bastante para pedir emprestado dela, mas não bem o bastante para lhe emprestar. O grau de amizade será dito superficial quando seu objeto for pobre ou obscuro, e íntimo quando for rico ou famoso.

CONJUGAL, *adj.*

(Do latim *con*, mútuo, e *jugum*, um jugo.) Relativo a uma espécie popular de servidão penal – quando um pároco une dois tolos sob o mesmo jugo.

CONNOISSEUR, *s.*

Um especialista que sabe tudo sobre alguma coisa e nada sobre qualquer outra coisa.

Quando um velho bebedor de vinho foi esmagado num acidente de trem, derramaram um pouco de vinho sobre seus lábios para reanimá-lo. “Pauillac, 1873”, ele murmurou, e então morreu.

Conquista, *s.*

A morte do empenho e o nascimento do desgosto.

Conselho, *s.*

A menor das moedas correntes.

“Estava o sujeito em tão grave pesar”,
Diz Tim, “que não pude me furtar
De lhe dar bom conselho.” Jim diz:
“Por que não fez menos pelo infeliz?
Quanto menos melhor, meu rapaz,
Sei bem que você é capaz.”

Jebel Jocordy.

Conservador, *s.*

Um político apaixonado pelos males existentes, em oposição ao liberal, que deseja substituí-los por outros.

Consolação, *s.*

A percepção de que uma pessoa melhor é mais infeliz do que você.

Cônsul, *s.*

Na política americana, uma pessoa que, tendo falhado em obter um cargo através do voto popular, ganha um cargo do governo sob a condição de que deixe o país.

Consultar, *v.t.*

Buscar a aprovação de outra pessoa para uma conduta já decidida.

Contravenção, *s.*

Uma infração da lei menos digna do que o delito grave, da qual não deriva nenhum direito de admissão na melhor sociedade criminosa.

Controvérsia, *s.*

Uma batalha em que a saliva ou a tinta substituem a injuriosa bala de canhão e a inconsiderada baioneta.

Conveniência, *s.*

A mãe de todas as virtudes.

Convento, *s.*

Um local de retiro destinado a mulheres que desejam ter tempo livre para meditar sobre o vício da ociosidade.

Conversação, *s.*

Uma feira para exibir mercadorias mentais de pouco valor, cada expositor estando preocupado demais com a disposição de seus próprios produtos para observar os de seu vizinho.

Coração, *s.*

Uma bomba de sangue automática. Figurativamente, esse útil órgão é tido como a sede das emoções e dos sentimentos – uma fantasia muito bonita que, no entanto, não é senão a sobrevivência de uma crença, outrora universal. Sabe-se agora que os sentimentos e as emoções residem no estômago, sendo extraídos dos alimentos pela ação química do fluido gástrico. O minucioso processo pelo qual um bife se transforma num sentimento (tenro ou não, dependendo da idade do animal de que foi cortado); as sucessivas fases de elaboração através das quais um sanduíche de caviar é transmutado em capricho pitoresco e reaparece sob a forma de um epigrama pungente; os maravilhosos métodos funcionais que convertem um ovo cozido em contrição religiosa, ou uma bomba de creme num suspiro de sensibilidade – todas essas coisas foram pacientemente averiguadas por M. Pasteur, e expostas por ele com a mais convincente lucidez. (Ver também minha monografia *A identidade essencial dos afetos espirituais e certos gases intestinais liberados na digestão*, 4to, 687 pp.) Numa obra científica intitulada, creio eu, *Delectatio Demonorum* (John Camden Hotten: Londres, 1873), essa visão dos sentimentos recebe uma impressionante ilustração; para maiores luzes, consultar o famoso tratado do professor Dam sobre *O amor como produto da maceração alimentar*.

Corda, *s.*

Um obsoleto apetrecho destinado a lembrar aos assassinos que eles também são mortais. É colocado em volta do pescoço e permanece no lugar pelo resto da vida. Tem sido em grande parte suplantado por um dispositivo elétrico mais complexo, usado em outra parte da pessoa; e este, por sua vez, está rapidamente dando lugar a um aparelho conhecido como sermão.

Cordialidade, *s.*

Maneira peculiarmente cativante de tratar alguém que está prestes a desfrutar da distinção de ser logrado.

Coro, *s.*

Na ópera, um bando de dervixes uivantes que aterroriza o público enquanto os cantores tomam fôlego.

Coroação, *s.*

A cerimônia na qual um soberano é investido dos sinais exteriores e visíveis de seu direito divino de ser dinamitado em mil pedaços pelos ares.

Coronel, *s.*

O homem mais garbosamente trajado de um regimento.

Corporação, *s.*

Um artifício engenhoso para obter lucro individual sem responsabilidade individual.

Corrupto, *adj.*

Na política, o ocupante de um cargo de confiança ou de lucro.

Costas, *s.pl.*

A parte dos seus amigos que você tem o privilégio de contemplar quando passa por alguma adversidade.

Costeleta, *s.*

Um pedaço de couro habilmente colado a um osso e ministrado aos pacientes em restaurantes.

Covarde, *s.*

Alguém que, numa emergência perigosa, pensa com as pernas.

Credor, *s.*

Membro de uma tribo de selvagens assentada além do Estreito Financeiro e temida por suas incursões devastadoras.

CREMAÇÃO, *s.*

O procedimento pelo qual as carnes frias da humanidade são requentadas.

CREME, *s.*

Substância detestável produzida por uma conspiração malévola da galinha, da vaca e da cozinheira.

CREMONA, s.

Um caríssimo violino italiano feito em Connecticut.

CRESCENTE, *s.*

A lua nos estágios iniciais de seu crescimento mensal, quando está um pouco brilhante demais para os ladrões e um pouco escura demais para os amantes.

CRIANÇA, *s.*

Um acidente para cuja ocorrência todas as forças e todos os arranjos da natureza são especialmente concebidos e precisamente adaptados.

CRIMINOSO, *s.*

Uma pessoa muito empreendedora e pouco criteriosa que, ao abraçar uma oportunidade, constitui uma ligação desafortunada.

Cristão, *s.*

Alguém que acredita que o Novo Testamento é um livro divinamente inspirado e admiravelmente adequado às necessidades espirituais de seu próximo. Alguém que segue os ensinamentos de Cristo até onde não sejam incompatíveis com uma vida de pecado.

Crítico, *s.*

Uma pessoa que se vangloria como difícil de agradar porque ninguém tenta agradá-la.

Cui bono?

(Latim.) Que bem isso faria *para mim*?

Culinária, *s.*

Técnica e prática doméstica de tornar intragável o que já era indigesto.

Culpa, *s.*

A condição da pessoa sobre a qual se sabe que cometeu uma indiscrição, em oposição ao estado daquela que cobriu seus rastros.

Culpado, *s.*

O outro cúmplice.

CULTURA LIVRESCA, *s.*

Termo derrisório do burro para todo e qualquer conhecimento que transcenda sua própria ignorância impenitente.

CÚMPLICE, *s.*

[1] Sujeito associado a outro num crime com noção de culpa e conivência, como um advogado que defende um criminoso sabendo que ele é culpado. Esse ponto de vista quanto à posição dos advogados na questão não obteve até aqui consentimento algum dos advogados, ninguém tendo lhes oferecido quaisquer honorários pelo consentimento.

[2] Nosso parceiro nos negócios.

CUPIDO, *s.*

O assim chamado deus do amor. Essa criação bastarda de uma fantasia bárbara foi infligida à mitologia, sem dúvida, pelos pecados de suas divindades. De todas as concepções feiosas e inadequadas, é a mais irracional e ofensiva. A noção de simbolizar o amor sexual através de um bebê semiassexuado, e de comparar as dores da paixão aos ferimentos de uma flecha – de introduzir esse homúnculo gorducho na arte para grosseiramente materializar algo de sutil e sugestivo na obra –, tudo isso é eminentemente digno de

uma época que, dando-lhe nascimento, abandonou-o na porta da posteridade.

CÚPIDO, *s.*

O deus da religião mais importante do mundo. Seu principal templo fica na cidade sagrada de Nova York.

CURIOSIDADE, *s.*

Censurável qualidade da mente feminina. O desejo de saber se uma mulher é ou não é amaldiçoada pela curiosidade é uma das paixões mais ativas e insaciáveis da alma masculina.

D

Dados, *s.pl.*

Pequenos cubos pontilhados de marfim, construídos, como um advogado, para mentir por qualquer lado, mas geralmente pelo lado errado.

Dama, *s.*

Termo com o qual pessoas vulgares designam uma mulher. Um tenente-governador da Califórnia e diretor da prisão estadual certa vez informou o número de presos sob seus cuidados como sendo de “931 homens e 27 damas”.

Dançar, *v.i.*

Pular de um lado a outro sob o som de uma música risonha, de preferência com os braços em volta da esposa ou filha do vizinho. Existem muitos tipos diferentes, mas todas as danças que requerem a participação dos dois sexos têm duas características em comum: são conspicuamente inocentes e ardorosamente amadas pelos depravados.

Dândi, *s.*

Alguém que professa uma singularidade de opinião no que diz respeito a seus próprios méritos, acentuando sua excentricidade com suas roupas.

Decálogo, *s.*

Uma série de mandamentos, em número de dez – justamente o bastante para permitir uma seleção inteligente daqueles que queremos seguir, mas não o bastante para dificultar a escolha.

Decantador, *s.*

Um recipiente cujas funções são muitíssimo invejadas pelo estômago humano.

Decidir, *v.i.*

Sucumbir à preponderância de um conjunto de influências sobre outro conjunto.

Defeito, *s.*

Uma das minhas transgressões em oposição a uma das suas, estas últimas consistindo em crimes.

Defraudador, *s.*

Importante funcionário de banco que comumente suplementa seu serviço regular com a função de caixa.

Degradação, *s.*

Uma das etapas do progresso moral e social da condição privada para o cargo político.

Deísta, *s.*

Alguém que acredita em Deus, mas se reserva o direito de adorar o Diabo.

Dejeuner, *s.*

O café da manhã de um americano que esteve em Paris. Pronunciado de diversas formas.

Dela, *pron.*

Dele.

Deliberação, *s.*

O ato de examinar o pão para determinar de que lado está a manteiga.

Demagogo, *s.*

Um adversário político.

Demente, *adj.*

A melancólica condição mental de alguém a cujos argumentos não somos capazes de responder.

Demônio, *s.*

Um homem cujas crueldades são relatadas nos jornais. “Diabo em pessoa”.

Dentista, *s.*

Um prestidigitador que, inserindo metal na nossa boca, tira moedas do nosso bolso.

Dependente, *s.*

O indivíduo que conta com a generosidade de alguém cujos temores não conseguiu explorar.

Depilatório, *adj.*

Dotado da propriedade de remover pelos da pele – qualidade altamente desenvolvida na mão de uma esposa.

Depósito, *s.*

Contribuição caridosa em benefício de um banco.

Depravada, *part.*

A condição moral de um cavalheiro com opinião divergente.

Depressão, *s.*

O estado de espírito produzido por uma piada de jornal, por atores brancos maquiados como negros ou pela contemplação do sucesso de alguém. Ver Melancolia.

Desatencioso, *adj.*

Imperfeitamente atento ao bem-estar, à felicidade, ao conforto ou aos desejos dos outros, como o cólera, a varíola, a cascavel e o jornal satírico.

Descendência, *s.*

Decair um pouco mais. Popularmente utilizado para indicar que a geração existente está um tanto pior do que aquela que a engendrou. Nesse sentido, certo sujeito chamado Darwin discorre com razão sobre a superioridade do ancestral babuíno num ensaio melancólico chamado “A descendência do homem”.

Descerebrar, *v.t.*

Repreender asperamente, mas não incisivamente; dissipar uma fonte de erro num adversário.

Descrédito, *s.*

A condição de um filósofo. A condição de um tolo. A condição de um candidato.

Desculpar-se, *v.*

Lançar as bases para uma futura ofensa.

Desencantar, *v.t.*

Libertar a alma das correntes da ilusão, de modo que o chicote da verdade possa tirar sangue num maior número de pontos.

Deserção, *s.*

Aversão à luta. Característica de quem abandona um exército ou uma esposa.

Deserto, *s.*

Imensa extensão de terra fértil, grande produtora de trigo e vindimas em prospectos de colonização.

Desiludir, *v.t.*

Apresentar ao vizinho um erro melhor do que o erro que ele considerou vantajoso adotar.

Desobedecer, *v.t.*

Celebrar com apropriada cerimônia o amadurecimento de uma ordem.

Desobediência, *s.*

O lado róseo da nuvem da servidão.

Desonestidade, *s.*

Um importante elemento do sucesso comercial, para o qual as faculdades de negócios ainda não concederam proeminência honrosa no currículo, mas com o qual debilmente substituíram a caligrafia.

"A desonestidade é a melhor política." – *Novo Testamento: São Judas Iscariotes, IXL, 29.*

Desonroso, *adj.*

Ao modo característico e costumeiro de um rival.

Despacho, *s.*

Um relato completo de todos os assassinatos, atentados e outros crimes repugnantes que acontecem por toda parte, divulgados

diariamente pela Associated Press para o aprimoramento do mundo em geral.

DESPREZO, *s.*

O sentimento de um homem prudente por um inimigo que é formidável demais para ser combatido de maneira segura.

DESTILARIA, *s.*

Uma instituição consagrada à feitura e à difusão do focinho escarlate. É à destilaria, também, que devemos o precioso legado do abstêmio falante.

DESTINO, *s.*

A autoridade do tirano para cometer crimes e a desculpa do tolo para fracassar.

DESTREZA MANUAL, *s.*

A substituta do cérebro para os tolos.

DESUMANIDADE, *s.*

Uma das qualidades mais típicas e marcantes da humanidade.

DESVIAR, *v.t.*

Proteger propriedade fiduciária das vicissitudes de uma posse passageira e de um controle dividido.

Detetive, *s.*

Um oficial contratado pela cidade e pelo condado para detectar um crime quando um crime foi cometido.

Devasso, *s.*

Aquele que tão ardentemente perseguiu o prazer que acabou tendo a infelicidade de alcançá-lo.

Dever, *s.*

Aquilo que nos impele severamente na direção do lucro, pelos trilhos do desejo.

Devoção, *s.*

[1] Tipo ameno de aberração mental produzido por várias causas; no amor, por excesso de sangue; na religião, por dispepsia crônica.

[2] Reverência dedicada ao Ser Supremo com base em Sua suposta semelhança com o homem.

> O porco aprende com sermões e hinos
>
> A ver rabo e focinho no Deus dos suínos.
>
> *Judibras.*

Dia, *s.*

Um período de vinte e quatro horas, desperdiçadas na maioria. Esse período é dividido em duas partes: o dia propriamente dito e a noite, ou dia impropriamente dito – a primeira sendo devotada aos pecados dos negócios e a segunda sendo consagrada ao outro tipo. As duas formas de atividade social se sobrepõem.

Diabo, *s.*

O responsável por todos os nossos males e o proprietário de todas as coisas boas deste mundo.

Diafragma, *s.*

Uma partição muscular que separa os distúrbios do peito dos distúrbios do intestino.

Diagnóstico, *s.*

Previsão de doença realizada por um médico com base no pulso e no bolso do paciente.

Diamante, *s.*

[1] Um mineral frequentemente encontrado sob um espartilho. Solúvel em solicitato de ouro.

[2] Pedra sem valor, macia demais para ser dada a um mendigo no lugar de um pão e pequena demais para ser arremessada contra sua cabeça.

Diário, *s.*

Um registro cotidiano da parte de nossa vida que podemos contar a nós mesmos sem corar.

Dicionário, *s.*

Um maléfico instrumento literário para atravancar o crescimento de uma língua e torná-la difícil e inelástica. Este dicionário, no entanto, é uma das obras mais úteis que seu autor, o Dr. John Satan, jamais produziu. Foi concebido para ser um compêndio de tudo que se conheceu no mundo até a data de sua conclusão, e consegue apertar um parafuso, consertar carroças de brinquedo ou encaminhar um divórcio. É um bom substituto para tratar sarampo, e faz com que os ratos saiam de seus buracos para morrer. É tiro e queda para lombrigas, e as crianças imploram às lágrimas por um exemplar.

Difamar, *v.t.*

Mentir a respeito de alguém. Dizer a verdade a respeito de alguém.

Digestão, *s.*

A conversão de víveres em virtudes. Quando o processo é imperfeito, geram-se vícios em vez de virtudes – circunstância da qual o Dr. Jeremiah Blenn, perverso escritor, infere que as damas são mais afetadas pela dispepsia. Essa brutal opinião pode ser encontrada em seu panfleto intitulado *Por que as mulheres são doentias* (John Camden Hotten: Londres, 1870), obra que suscitou bem-merecida execração em setenta línguas.

"Por que são as mulheres doentias?",

Pergunta Blenn, de dons eméritos.

Mas qualquer um responderia:

"Só há homens entre os médicos."

DILÚVIO, *s.*

Um notável experimento inicial de batismo que lavou os pecados (e os pecadores) do mundo.

DINHEIRO, *s.*

Uma bênção que não nos traz nenhuma vantagem, exceto quando nos desfazemos dela. Um sinal de cultura e um passaporte para a sociedade educada. Propriedade suportável.

DIPLOMACIA, *s.*

A arte patriótica de mentir por nosso país.

Direito, *s.*

Autoridade legítima para ser, fazer ou ter; por exemplo, o direito de ser um rei, o direito de fazer mal ao próximo, o direito de ter sarampo e afins.

Direito comum, *s.*

O bel-prazer do juiz.

Diretor, *s.*

Um funcionário de corporação ou empresa que credulamente imagina ser poderoso quando ninguém avalia seu trabalho.

Discriminar, *v.i.*

Observar as particularidades nas quais uma pessoa ou coisa é, se possível, mais censurável do que outra.

Discurso, *s.*

Exposição oral, dirigida geralmente a uma pessoa que possui algo por uma pessoa que quer algo que ela possui.

Discussão, *s.*

Um método de confirmar os erros dos outros.

Dissimular, *v.i.*

Colocar uma camisa limpa no caráter.

Distância, *s.*

A única coisa que os ricos estão dispostos a permitir que os pobres possuam e mantenham.

Distúrbio, *s.*

Um entretenimento popular oferecido aos militares por transeuntes inocentes.

Ditador, *s.*

O chefe de uma nação que prefere a peste do despotismo à praga da anarquia.

Dívida, *s.*

Um engenhoso substituto para as correntes e o chicote do feitor.

Divórcio, *s.*

Um toque de corneta que separa os combatentes e faz com que lutem a longo alcance.

Doce, *s.*

Um confeito composto por sulfato de cálcio, glicose, farinha e morte prematura.

Doença, *s.*

A dotação da natureza às escolas de medicina. Uma provisão liberal para a manutenção dos agentes funerários. Um meio de fornecer ao digno verme de sepultura uma carne que não seja demasiado seca e dura para escavar túneis e passagens.

Doméstico, *adj.*

Pertinente ao lar, como um marido doméstico, aquele que vadia pela casa fazendo amor com as criaturas domésticas do sexo feminino. O marido doméstico é comumente aquilo que Artemus Ward afirmou que o príncipe de Gales foi – “um bom provedor”. Ou seja, ele comumente provê copeiras bonitas.

Doméstico, **Doméstica**, *s.*

Pessoa que empregamos em nossa casa para exercer as funções de patrão ou patroa.

Doninha-fétida, *s.*

Um pequeno animal europeu que tem a grande bondade de emprestar seu nome ao falante americano como um eufemismo para o nome do gambá nativo, em relação ao qual é tido como mais

nobre. Assim como acontece com o gambá, no entanto, ele produz música para os surdos quando chutado.

DONZELA, *s.*

Jovem pessoa do sexo forte, viciada em condutas impensadas e em opiniões que conduzem à loucura do crime. O gênero tem ampla distribuição geográfica, sendo encontrado onde quer que seja procurado e deplorado onde quer que seja encontrado. A donzela não é de todo desagradável para os olhos, tampouco (sem seu piano e suas opiniões) insuportável para o ouvido, embora no tocante à graciosidade seja nitidamente inferior ao arco-íris, e, no tocante a sua parte audível, perca de lavada para o canário – que também é mais portátil.

DOR, *s.*

Um estado de espírito desconfortável que pode ter origem em algo sofrido pelo corpo, mas também pode ser puramente mental, causado pela felicidade de outra pessoa.

DOTE, *s.*

A minhoca sobre o anzol matrimonial na pescaria de homens.

DOUTOR, *s.*

Um cavalheiro que prospera com a doença e morre de saúde.

Doutrinário, *s.*

Alguém cuja doutrina tem o demérito de antagonizar a nossa.

Dragão, *s.*

[1] Uma das atrações principais no zoológico da imaginação antiga. Parece ter fugido.

[2] Um soldado que combina intrepidez e perseverança em tão igual medida que realiza seus avanços a pé e suas retiradas a cavalo.

Dragona, *s.*

Emblema ornamentado que serve para distinguir um oficial militar do inimigo – isto é, do oficial de patente mais baixa que seria promovido com sua morte.

Dramaturgo, *s.*

Alguém que adapta peças do francês.

Druidas, *s.pl.*

Padres e ministros de uma antiga religião celta que não desdenhava se valer da humilde fascinação do sacrifício humano. Muito pouco se sabe hoje sobre os druidas e sua fé. Plínio afirma que a religião, originária das Ilhas Britânicas, se espalhou para o oriente até a Pérsia. César afirma que aqueles que desejavam estudar seus mistérios iam às Ilhas Britânicas. O próprio César foi às Ilhas

Britânicas, mas não parece ter obtido qualquer alta nomeação na Igreja Druídica, embora seu talento para o sacrifício humano fosse considerável.

Os druidas praticavam seus ritos religiosos em bosques e nada sabiam sobre hipotecas eclesiásticas ou sobre aluguel por temporada de bancos de igreja. Eram, em suma, pagãos e – como foram complacentemente catalogados, certa vez, por um distinto prelado da Igreja da Inglaterra – dissidentes.

DUELO, *s.*

Uma cerimônia formal preliminar à reconciliação de dois inimigos. Grande habilidade é necessária para sua satisfatória observância; quando é desajeitadamente executada, as mais inesperadas e deploráveis consequências por vezes decorrem. Muito tempo atrás, um homem perdeu a vida num duelo.

E

Economia, *s.*

A aquisição do barril de uísque do qual você não precisa pelo preço da vaca que você não tem condições de pagar.

Editor, *s.*

Uma pessoa que combina as funções judiciais de Minos, Radamanto e Éaco, mas é aplacável perante um óbolo; um censor severamente virtuoso, mas, por outro lado, tão caridoso que tolera as virtudes dos outros e os vícios dele mesmo; que dispara relâmpagos despedaçadores e robustos trovões admoestadores até ficar parecendo um arsenal de bombinhas expondo petulantemente suas ideias na cauda de um cão; e que logo em seguida murmura um canto brando e melodioso, suave como o arrulho de um burro entoando sua oração à estrela da noite. Mestre dos mistérios e senhor da lei, entronado no mais alto pináculo do pensamento, seu rosto banhado pelos baços esplendores da Transfiguração, suas pernas entrelaçadas e sua língua na bochecha, o editor derrama sua vontade sobre o papel e corta os textos ao comprido. E de vez em quando, por trás do véu do templo, ouve-se a voz do chefe de tipografia demandando três polegadas de sagacidade e seis linhas

de meditação religiosa, ou ordenando a ele que tire a sabedoria e enfie um pouco de páthos.

Educação, *s.*

Aquilo que revela aos sábios e disfarça nos tolos o quanto lhes falta conhecimento.

Efeito, *s.*

O segundo de dois fenômenos que ocorrem sempre juntos na mesma ordem. Do primeiro, chamado Causa, se diz que gera o outro – que não é mais perceptível do que seria para alguém que, nunca tendo visto um cão exceto em perseguição a um coelho, declarasse ser o coelho a causa do cão.

Efetivamente, *adv.*

Talvez; possivelmente.

Egoísta, *s.*

[1] Uma pessoa de mau gosto, mais interessada em si mesma do que em mim.

[2] Desprovido de consideração pelo egoísmo dos outros.

Ejeção, *s.*

Um remédio testado e aprovado para o mal da tagarelice. Também é muito usado em casos de pobreza extrema.

Elegia, *s.*

Composição em versos na qual, sem empregar nenhum dos métodos humorísticos, o escritor pretende produzir na mente do leitor a mais nociva espécie de desânimo.

Eleito, *adj.*

Escolhido para executar um dever e cem subordinados.

Eleitor, *s.*

Alguém que desfruta do privilégio sagrado de votar num homem escolhido por outro homem.

Eletricidade, *s.*

A força que causa todos os fenômenos naturais que, até onde se sabe, não são causados por outra coisa. É a mesma coisa que um relâmpago, e sua famosa tentativa de atingir o Dr. Franklin é um dos incidentes mais pitorescos da carreira desse grande e bom homem. A memória do Dr. Franklin é merecidamente estimada com grande reverência, em especial na França, onde sua efígie de cera esteve recentemente em exibição, junto a este tocante relato de sua vida e de seus serviços prestados à ciência:

“Monsieur Franqulin, inventor da eletricidade. Este ilustre sábio, depois de ter feito diversas viagens ao redor do mundo, morreu nas Ilhas Sandwich e foi devorado por selvagens, sem que jamais tenha sido recuperado um único fragmento.”

A eletricidade parece destinada a desempenhar um papel importantíssimo nas artes e na indústria. A questão de sua aplicação econômica para certos fins ainda permanece indefinida, mas experimentos já demonstraram que ela consegue impulsionar um bonde melhor do que um bico de gás e gerar mais luz do que um cavalo.

ELEUSINO, *adj.*

Relativo a Elêusis, na Grécia, onde certos ritos ou “mistérios” famosos eram celebrados em honra de Ceres, muito embora essa discreta deusa geralmente respondesse que lamentava, mas já tinha outro compromisso. Há uma boa dose de incerteza, entre os modernos, sobre o que realmente eram esses mistérios. Alguns dos antigos escritores gregos, que quando meninos entravam sorrateiramente na tenda, tentaram fazer uma descrição, mas sem sucesso; o espírito estava disposto, mas a linguagem era fraca.

ELÍSIO, *s.*

[1] Um encantador país imaginário que os antigos tolamente acreditavam ser habitado por espíritos do bem. Essa fábula ridícula e maliciosa foi varrida da face da terra pelos primeiros cristãos – que suas almas sejam felizes no Céu!

[2] O Céu dos antigos. Nada poderia ser mais grotesco do que essa irracional concepção; em vez de nuvens douradas com harpas, coroas e um grande trono branco, havia campos, bosques, riachos, flores e templos. No antigo Elísio, temos um exemplo gritante da inferioridade da imaginação pagã em relação ao conhecimento cristão.

Elogio, *s.*

O tributo que prestamos a feitos que se assemelham – mas não se equivalem – aos nossos.

Eloquência, *s.*

[1] A arte de persuadir oralmente os tolos de que o branco é a cor que parece ser. Inclui o dom de fazer qualquer cor parecer branca.

[2] Um método de convencer os tolos. Essa arte é comumente apresentada sob o aspecto visível de um homenzinho careca gesticulando acima de um copo d'água.

Emancipação, *s.*

A mudança vivenciada por um servo que passa da tirania de alguém ao despotismo de si mesmo.

Era um escravo: ganhava ordens até no sono;

Usava coleira e vivia em cela.

A Liberdade, ao apagar o nome do dono,

Apertou a coleira e inscreveu o dela.

G.J.

Embaixador, *s.*

Um ministro de alto escalão mantido por um governo na capital de outro para executar o testamento de sua esposa.

Embalsamar, *v.t.*

Trapacear a vegetação, enclausurando os gases dos quais ela se alimenta. Embalsamando seus mortos e transtornando, desse modo, o equilíbrio natural entre a vida animal e a vegetal, os egípcios transformaram seu outrora fértil e populoso país numa terra estéril e incapaz de suportar mais do que um bando escasso. O moderno caixão metálico é um passo na mesma direção, e inúmeros mortos que agora deveriam estar ornamentando o gramado do vizinho sob a forma de uma árvore, ou enriquecendo sua mesa sob a forma de uma penca de rabanetes, estão condenados a uma longa inutilidade. Nós haveremos de resgatá-los depois de algum tempo, se formos poupados, mas, enquanto isso, a violeta e a rosa seguirão definhando, sem poder mordiscar um *glutaeus maximus*.

Emergência, *s.*

A oportunidade do sábio e o Waterloo dos tolos. Um estado das coisas em que é necessário pensar como calha de moinho, parecer

um idiota e agir como um terremoto.

Emético, *s.*

Uma substância que faz com que o estômago sinta um súbito e entusiasmado interesse por assuntos externos.

Emoção, *s.*

Uma doença prostrante causada pela subordinação da cabeça ao coração. É por vezes acompanhada de um copioso volume de cloreto de sódio hidratado despejado pelos olhos.

Empalar, *v.t.*

No uso popular, perfurar com qualquer arma que permaneça fixa na ferida. Isso, no entanto, é impreciso; empalar é, mais apropriadamente, levar alguém à morte enfiando uma estaca retilínea e pontiaguda no corpo, a vítima sendo mantida em postura sentada. Era uma forma comum de punição entre muitas das nações da Antiguidade, e continua muitíssimo popular na China e em outras partes da Ásia. Pelo início do século XV, era amplamente empregada na catequização de hereges e cismáticos. Wolecraft chama o método de “banco do arrependimento”, e entre o populacho ele era jocosamente conhecido como “montaria no cavalo de uma só perna”. Ludwig Salzmann nos informa que no Tibete o empalamento é considerado a punição mais apropriada para os crimes que afrontam a religião; e a pena, embora na China seja por vezes aplicada por delitos seculares, é mais frequentemente

sentenciada em casos de sacrilégio. Para a pessoa que passa pela experiência real do empalamento, deve ser uma questão de menor importância saber que tipo de dissidência religiosa ou civil a submeteu a seus desconfortos; mas ela sem dúvida sentiria certa satisfação caso fosse capaz de se contemplar na figura de um cata-vento no pináculo da Verdadeira Igreja.

Empanturrar-se, *v.*

Jantar.

Empurrão, *s.*

Uma das duas coisas que mais conduzem ao sucesso, sobretudo na política. A outra é o Puxão.

Encarecer, *v.t.*

Obter para você mesmo, ou conceder a outra pessoa, a capacidade de fazer um favor.

Encomiasta, *s.*

Um tipo especial (mas não particular) de mentiroso.

Encômio, *s.*

Uma espécie de nevoeiro intelectual através do qual as virtudes de seus objetos são vistas com muitos diâmetros de ampliação.

Encorajar, *v.t.*

Incentivar o tolo num desatino que está começando a prejudicá-lo.

Endereço, *s.*

O lugar no qual recebemos as delicadas atenções dos credores.

Enjeitado, *s.*

Criança que se desvencilhou de pais inadequados a sua condição e a suas perspectivas.

Enlouquecido, *part.* ou *adj.*

O estado mental imediatamente precedente ao cometimento de um crime.

Entendimento, *s.*

Uma secreção cerebral que nos permite diferenciar uma casa de um cavalo pelo telhado da casa. Sua natureza e suas leis foram exaustivamente explanadas por Locke, que cavalgava uma casa, e por Kant, que morava num cavalo.

Entranhas, *s.pl.*

O estômago, o coração, a alma e outras vísceras. Muitos eminentes investigadores não classificam a alma como entranha, mas o Dr. Gunsaulus, perspicaz observador e autoridade renomada, está convencido de que o misterioso órgão conhecido como baço não é nada menos do que a nossa parte imortal. O professor Garrett P. Serviss, ao contrário, sustenta que a alma do homem é o prolongamento da medula espinhal que forma o cerne de sua ausência de rabo, e, para demonstrar sua crença, aponta confiantemente para o fato de que os animais com rabo não têm alma. No tocante a essas duas teorias, é melhor suspender o julgamento acreditando em ambas.

Entreato, *s.*

O intervalo lúcido de um ator, durante o qual ele conversa racionalmente com seu dono – o dono do bar.

Entretenimento, *s.*

Qualquer tipo de diversão cujas incursões avancem até bem perto da morte por depressão.

Entrevista, *s.*

No jornalismo, um confessionário em que o descaramento vulgar dá ouvidos aos desatinos da ambição e da vaidade.

Entusiasmo, *s.*

Uma enfermidade da juventude, curável por pequenas doses de arrependimento com simultâneas aplicações externas de experiência.

Envelope, *s.*

O caixão de um documento; a bainha de uma conta; a casca de uma remessa; a camisola de uma carta de amor.

Epicurista, *s.*

[1] Adversário de Epicuro, um filósofo abstêmio que, defendendo que o prazer deveria ser a principal meta do homem, não perdia tempo na gratificação dos sentidos.

[2] Uma pessoa demasiadamente apreciadora dos prazeres da mesa. Assim chamada por causa de Epicuro, um filósofo amplamente celebrado pela defesa dos hábitos abstêmios como condição favorável ao cultivo do prazer intelectual.

Epidemia, *s.*

Doença com tendência sociável e alguns preconceitos.

Epiderme, *s.*

O tegumento delgado localizado imediatamente por cima da pele e imediatamente por baixo da sujeira.

Epigrama, *s.*

Um provérbio curto e cortante em prosa ou verso, frequentemente caracterizado por acidez ou azedume e às vezes por sabedoria. Seguem aqui alguns dos epigramas mais notáveis do erudito e engenhoso Dr. Jamrach Holobom:

"Conhecemos melhor as nossas próprias necessidades do que as dos outros. Servir a si mesmo é economia administrativa."

"Em cada coração humano há um tigre, um porco, um burro e um rouxinol. A diversidade no caráter se deve às atividades desiguais."

"A beleza nas mulheres e a distinção nos homens são similares nisto: elas parecem, para quem não pensa, uma espécie de credibilidade."

"Mulheres apaixonadas sentem menos vergonha do que homens. Elas têm menos motivos para ficar envergonhadas."

"Enquanto nosso amigo nos segura carinhosamente as duas mãos, estamos a salvo, pois podemos observar as duas mãos dele."

Epitáfio, *s.*

[1] Inscrição num túmulo mostrando que as virtudes adquiridas pela morte têm efeito retroativo.

[2] Inscrição monumental concebida para lembrar ao falecido aquilo que ele poderia ter sido se não lhe tivessem faltado disposição e oportunidade.

Eremita, *s.*

Um indivíduo cujos vícios e desatinos não são sociáveis.

Errar, *v.i.*

Acreditar ou agir de modo contrário às minhas crenças e ações.

Erudição, *s.*

[1] Poeira sacudida de um livro para dentro de um crânio vazio.

[2] O tipo de ignorância que distingue os estudiosos.

[3] O tipo de ignorância afetada por (e afetando) raças civilizadas, em oposição à *ignorância*, o tipo de erudição na qual incorrem os selvagens. Ver Bobagem.

Escada de Jacó, *s.*

Uma escada que Jacó viu em sonho, levando da terra ao céu, com anjos subindo e descendo. Uma vez que os anjos possuem asas, o propósito dessa escada é tão imperfeitamente aparente que muitos comentaristas eruditos já sustentaram não se tratar de uma escada real, mas de um mero raio de glória. Impossível deixar de pensar que é um tanto agressivo exigir de Jacó que ele sonhe com algum realismo lógico.

Escaravelho, *s.*

O besouro sagrado dos egípcios antigos, parente do nosso conhecido “vira-bosta”. Simbolizava supostamente a imortalidade, conferindo-lhe sua peculiar santidade o fato de que só Deus sabia o porquê. Seu hábito de incubar ovos numa bola de esterco também pode ter feito com que caísse nas graças do sacerdócio, e um dia, quem sabe, haverá de lhe garantir uma reverência igual entre nós. É verdade, o besouro americano é um besouro inferior, mas o padre americano é um padre inferior.

Escarificação, *s.*

Uma forma de penitência praticada pelos devotos medievais. O rito era realizado por vezes com uma faca, por outras com um ferro quente, mas sempre de modo aceitável, diz Arsenius Asceticus, se o penitente não se poupasse certa dose de dor ou desfiguração inofensiva. A escarificação, com outras penitências brutas, foi substituída nos dias de hoje por obras beneficentes. Atos como a fundação de uma biblioteca ou o financiamento de uma universidade, segundo se diz, causam ao penitente uma dor mais aguda e mais duradoura do que as dores conferidas pela faca ou pelo ferro, e oferecem, portanto, um meio mais seguro de alcançar a graça. Existem, no entanto, duas graves objeções à caridade como método penitencial: o bem que ela faz e a mácula da justiça.

Escárnio, *s.*

O ineficaz argumento com o qual um tolo imagina que respondeu ao desprezo do sábio.

Escola pública, *s.*

Um viveiro de estadistas americanos no qual, com a promoção do voo aéreo de chumaços de papel, os alunos são introduzidos aos mistérios parlamentares do arremesso de alegações e escarradeiras.

Escrevinhador, *s.*

Um escritor profissional cujos pontos de vista são antagônicos aos nossos.

Escrituras, *s.pl.*

Os livros sagrados da nossa santa religião, em oposição aos escritos falsos e profanos nos quais se baseiam todas as outras fés.

Esôfago, *s.*

A parte do tubo digestivo situada entre o lazer e os negócios.

Esotérico, *adj.*

Muito particularmente abstruso e consumadamente oculto. As filosofias antigas eram de dois tipos: *exotéricas*, aquelas que os próprios filósofos conseguiam em parte compreender, e *esotéricas*, aquelas que ninguém conseguia compreender. São estas últimas as

que afetaram mais profundamente o pensamento moderno e tiveram maior aceitação em nosso tempo.

ESPELHO, *s.*

Uma superfície vítrea sobre a qual um espetáculo fugaz é apresentado à desilusão do homem.

O rei da Manchúria possuía um espelho mágico sobre o qual aquele que olhasse via não sua própria imagem, mas apenas a do rei. Certo cortesão, que desfrutara por longo tempo das boas graças do rei e assim enriquecera mais do que qualquer outro súdito do reino, disse ao rei: “Dá-me, peço, teu maravilhoso espelho, de modo que, quando ausente de tua augusta presença, seja-me ainda permitido prestar homenagem perante tua sombra visível, prostrando-me todas as noites e todas as manhãs na glória de teu benigno semblante, pois nada mais tem esplendor tão divino, ó Sol Soberbo do Universo!”.

Satisfeito com o discurso, o rei ordenou que o espelho fosse transportado para o palácio do cortesão; mas depois, tendo ido até lá sem prévia notificação, encontrou-o jogado num aposento onde nada havia além de trastes. E o espelho estava turvo de poeira e todo rendilhado por teias de aranha. A circunstância o irritou tanto que ele o socou com força, estilhaçando o vidro, e ficou gravemente ferido. Enfurecido ainda mais por esse infortúnio, ordenou que o cortesão ingrato fosse atirado na prisão, e que o vidro fosse restaurado e levado de volta para seu próprio palácio; e isso foi feito. Contudo, quando se olhou novamente no espelho, o rei não viu sua imagem como antes, mas apenas a figura de um burro

coroado, com uma bandagem ensanguentada num dos cascos – como já tinham constatado antes os artífices e todos os contempladores do espelho, mas sem criar coragem para denunciar o fato. Com tal lição de sabedoria e caridade, o rei devolveu seu cortesão à liberdade, mandou fixar o espelho no encosto do trono e reinou por muitos anos com justiça e humildade; e certo dia, quando ele dormiu o sono da morte sentado no trono, a corte toda viu no espelho a figura luminosa de um anjo, que ali permanece até hoje.

Esperança, *s.*

Desejo e expectativa num único sentimento.

Esquecimento, *s.*

[1] Uma dádiva de Deus concedida aos devedores como compensação por sua destituição de consciência.

[2] Estado ou condição em que os maus param de lutar e os tristonhos repousam. Lixeira perpétua da fama. Câmara frigorífica das grandes esperanças. Um lugar onde os autores ambiciosos encaram suas obras sem orgulho e os autores superiores sem inveja. Um dormitório sem despertador.

Essencial, *adj.*

Pertinente à *essência*, ou àquilo que determina o caráter distintivo de uma coisa. Pessoas que – por não dominarem a língua inglesa – são conduzidas à vocação não lucrativa de escrever para jornais

americanos comumente usam essa palavra no sentido de *necessário*, como em “as chuvas de abril são essenciais às colheitas de junho”.

Estafa, *s.*

Uma doença perigosa; acomete altos funcionários públicos que desejam ir pescar.

Estilo, *s.*

A Primeira Pessoa da Trindade literária, com a Segunda e a Terceira consistindo no Costume e na Convencionalidade. Imbuído de uma decente reverência por essa Santa Tríade, um escritor esforçado poderá ter a esperança de produzir livros que viverão tanto quanto a moda.

Estima, *s.*

[1] O grau de consideração favorável devido a quem tem o poder de nos servir e ainda não se recusou.

[2] Pagamento integral por um beneficiamento.

Estrada, *s.*

Uma faixa de terra pela qual podemos nos deslocar de onde é muito enfadonho estar para onde é inútil ir.

Estrangeiro, *adj.*

Pertencente a um país diferente e inferior.

Estrangeiro, *s.*

Um vilão encarado com vários e variados graus de tolerância, de acordo com sua conformidade ao padrão eterno da nossa presunção e ao padrão mutável dos nossos interesses. Entre os romanos, todos os estrangeiros eram chamados de bárbaros porque quase todas as tribos das quais os romanos tinham conhecimento usavam barba. O termo era meramente descritivo, não tendo em si nada de censura: geralmente, a depreciação romana era manifestada mais francamente com uma lança. Os descendentes dos bárbaros – os modernos barbeiros – acharam por bem, no entanto, revidar com a navalha dentada.

Eterno, *adj.*

Aquilo que dura para sempre. É com não pequena desconfiança que me arrisco a oferecer esta breve e elementar definição, pois não desconheço a existência de um grosso volume escrito por certo antigo bispo de Worcester, intitulado *Uma definição parcial da palavra "eterno" conforme utilizada na versão autorizada das Sagradas Escrituras*. Seu livro foi outrora estimado como obra de grande autoridade na Igreja Anglicana, e ainda é, pelo que sei, estudado com prazer para o intelecto e lucro para a alma.

Etiqueta, *s.*

Um código de ritos sociais, cerimônias e cultos que concedem a uma pessoa vulgar o direito à tolerância. As credenciais dos tolos.

Etnologia, *s.*

[1] A ciência que trata das várias tribos do Homem, como ladrões, assaltantes, vigaristas, imbecis, lunáticos, idiotas e etnólogos.

[2] A ciência que reconhece a diferença entre um chinês e um negro, mas ignora a diferença entre um cavalheiro e um canalha.

Eucaristia, *s.*

Um banquete sagrado da seita religiosa Theophagi.

Certa vez surgiu entre os membros dessa seita, infelizmente, uma disputa sobre o que era que eles comiam. Na controvérsia, umas quinhentas mil pessoas já foram massacradas, e a questão permanece irresolvida.

Eulogia, *s.*

Louvor a uma pessoa que tem as vantagens da riqueza e do poder ou então a consideração de estar morta.

Evanescência, *s.*

A qualidade que tão encantadoramente distingue a felicidade da tristeza, e que nos permite fazer uma comparação imediata entre o prazer e a dor, para melhor apreciação do primeiro.

Evangelista, *s.*

Um portador de boas novas, particularmente (num sentido religioso) daquelas que nos asseguram a nossa própria salvação e a condenação do próximo. Os evangelistas propriamente ditos são Mateus, Marcos, Lucas e João; os evangelistas impropriamente ditos são os párocos.

Evolução, *s.*

O processo pelo qual os organismos superiores se desenvolvem gradualmente dos inferiores, como o Homem do Imigrante Financiado, o Titular de Cargo Público do Líder Político, o Ladrão do Titular de Cargo Público, etc.

Exceção, *s.*

Uma coisa que toma a liberdade de diferir de outras coisas de sua classe, como um homem honesto, uma mulher sincera, etc. “A exceção confirma a regra” é uma expressão constante nos lábios dos ignorantes, que a repetem uns aos outros como papagaios, sem pensar sequer por um segundo em seu absurdo. No latim, “exceptio probat regulam” significa que a exceção *testa* a regra, coloca essa regra à prova, e não que a *confirma*. O malfeitor que tirou o significado dessa excelente máxima e a substituiu por um significado contrário, de seu próprio punho, exerceu um poder maligno que parece ser imortal.

Excentricidade, *s.*

Um método de distinção tão barato que os tolos o empregam para acentuar sua incapacidade.

Excesso, *s.*

Na moral, uma indulgência que impõe com adequadas penas a lei da moderação.

Excomunhão, *s.*

Um rito religioso pelo qual a pessoa que ofendeu um padre é entregue ao diabo em condenação eterna, para o aperfeiçoamento de sua alma. Na excomunhão inferior, entretanto, o infrator só fica destituído do privilégio de colocar seu Deus no estômago.

Excursão, *s.*

Uma expedição de caráter tão desagradável que as tarifas de barco e trem são compassivamente mitigadas para os miseráveis sofredores.

Executivo, *s.*

Um funcionário do governo cujo dever é fazer cumprir os desejos do poder legislativo até que o departamento judiciário tenha o prazer de pronunciá-los inválidos e sem efeito.

Exército, *s.*

Uma classe improdutiva que defende a nação devorando tudo aquilo que poderia tentar um inimigo a invadi-la.

Exilado, *s.*

Alguém que, sem ser um embaixador, serve a seu país morando fora dele.

Existência, *s.*

Um sonho terrível, louco, breve,
Onde parece haver tudo e não há nada;
Do qual acordando, tocados de leve
Pela Morte, gritamos: “Que palhaçada!”

Exonerar, *v.t.*

Demonstrar que, em meio a uma série de vícios e crimes, certo crime ou vício específico foi acidentalmente omitido.

Exortar, *v.t.*

Em assuntos religiosos, colocar a consciência de alguém num espeto e assá-la até a obtenção de um desconforto acastanhado.

Expectativa, *s.*

Estado ou condição da mente que, na procissão das emoções humanas, é precedido pela esperança e seguido pelo desespero.

EXPERIÊNCIA, *s.*

A sabedoria que nos permite reconhecer, como um velho amigo indesejável, a loucura que já cometemos.

EXTERIOR, *s.*

Lugar onde guerreamos com selvagens e idiotas. Ser um francês no exterior é ser infeliz; ser um americano no exterior é fazer os outros infelizes.

EXTINÇÃO, *s.*

A matéria-prima com a qual a teologia criou seu futuro.

F

Fadiga, *s.*

A condição de um filósofo depois de ter considerado a sabedoria e a virtude do ser humano.

Falar, *v.t.*

Cometer uma indiscrição cuja única tentação motivadora é um impulso despropositado.

Falsidade, *s.*

Uma verdade à qual os fatos são livremente ajustados para uma conformidade imperfeita.

Falsificado, *adj.*

Similar na aparência, mas diferente no mérito.

Família, *s.*

Um grupo de indivíduos vivendo num lar, composto de homens, mulheres, jovens, criados, cão, gato, passarinho, baratas, percevejos e pulgas – a “unidade” da sociedade civilizada moderna.

Famoso, *adj.*

Conspicuamente infeliz.

Fanático, *s.*

[1] Indivíduo zelosa e obstinadamente aferrado a uma opinião que você não nutre.

[2] Alguém que superestima a importância das convicções e subvaloriza o conforto de uma existência livre do impacto de ovos podres e gatos mortos na periferia humana.

Fantasma, *s.*

O sinal exterior e visível de um medo interior.

Ao considerar o comportamento incomum dos fantasmas, Heine menciona a engenhosa teoria sustentada por alguém no sentido de que eles sentem tanto medo de nós como nós deles. Não é bem assim, até onde posso julgar pelas tabelas de velocidade comparativa que fui capaz de compilar a partir de memórias da minha própria experiência.

Há um obstáculo insuperável para uma crença em fantasmas. Um fantasma nunca surge nu: ele aparece ou numa mortalha ou “em seu traje tal como vivo”. Acreditar nele, então, é acreditar que

não apenas os mortos têm o poder de se fazer visíveis quando nada mais resta deles, mas também que esse mesmo poder é inerente aos tecidos. Na suposição de que os produtos do tear tenham tal habilidade, que objetivo teriam eles ao exercê-la? E por que motivo a aparição de um terno de roupa não sai às vezes caminhando sem um fantasma dentro? Estes são enigmas de não pouca relevância. Eles vão muito fundo e agarram convulsivamente a própria raiz mestra dessa fé florescente.

Farol, *s.*

Um edifício alto à beira-mar no qual o governo mantém uma lâmpada e o amigo de um político.

Farrear, *v.i.*

Celebrar com cerimônias apropriadas o nascimento de uma nobre dor de cabeça.

Farsa, *s.*

Um drama breve geralmente representado depois de uma tragédia com o propósito de aprofundar o desânimo da crítica.

Fé, *s.*

Crença sem evidências naquilo que é dito por alguém que fala sem conhecimento sobre algo sem paralelo.

FECHADURA, *s.*

O dispositivo distintivo da civilização e do iluminismo.

FEITIÇARIA, *s.*

O antigo protótipo e precursor da influência política. Era algo, no entanto, considerado menos respeitável, e às vezes era punido com tortura e morte. Augustine Nicholas relata que um pobre camponês, tendo sido acusado de feitiçaria, foi submetido a tortura para entregar uma confissão. Depois de suportar algumas agonias suaves, o simplório sofredor admitiu sua culpa, mas ingenuamente perguntou a seus atormentadores se não seria possível ele ser um feiticeiro sem saber que era.

FEIURA, *s.*

Um presente dos deuses concedido a certas mulheres, acarretando virtude sem humildade.

FELICIDADE, *s.*

Uma sensação agradável decorrente da contemplação da infelicidade alheia.

FÊNIX, *s.*

O protótipo clássico da moderna “galinha assada”.

Feriado, *s.*

Uma festa. Uma celebração religiosa geralmente marcada por comilança e bebedeira, quase sempre para homenagear uma pessoa santa e famosa pela abstinência. Na Igreja Católica Romana, os feriados são “móveis” e “imóveis”, mas os celebrantes ficam uniformemente imóveis até que fiquem cheios.

Ferragem, *s.*

A consciência das mulheres.

Ferrovia, *s.*

O principal dos diversos dispositivos mecânicos por meio dos quais podemos fugir de onde estamos para onde não estaremos melhor. Nesse sentido, a ferrovia é tida na mais alta estima pelo otimista, pois lhe permite percorrer a distância com maior presteza.

Fervor, *s.*

Certo distúrbio nervoso que afeta os jovens e inexperientes. Uma paixão que precede o relaxamento.

Fiador, *s.*

Um tolo que, possuindo bens próprios, compromete-se a ficar responsável por aqueles confiados por outro a um terceiro.

Felipe de Orleans, desejando indicar um de seus favoritos – um nobre dissoluto – para um alto posto, perguntou-lhe que garantia ele seria capaz de dar. “Não preciso de fiadores”, respondeu o nobre, “pois posso lhe dar a minha palavra de honra.” “E quanto ela vale, por favor?”, indagou o regente, achando graça. “Monsieur, vale o peso dela em ouro.”

Fidelidade, *s.*

Uma virtude característica de quem está prestes a ser traído.

Fígado, *s.*

Um grande órgão vermelho atenciosamente fornecido pela natureza para que sejamos biliosos com ele. Os sentimentos e emoções que assombram o coração, conhecidos hoje por todos os anatomistas literários, infestavam antigamente o fígado, segundo a crença ultrapassada; e até mesmo Gascoygne, falando do lado emocional da natureza humana, chama-o de “nossa parte hepática”. O fígado é a melhor dádiva do céu para o ganso; sem ele, essa ave seria incapaz de nos abastecer de *foie gras*.

Filantropo, *s.*

Um cavalheiro idoso e rico (e geralmente careca) que treinou bastante para forçar um sorriso enquanto sua consciência lhe mete a mão no bolso.

Filisteu, *s.*

Alguém cuja mente é a cria de seu meio, e que segue a moda no pensamento, na emoção e no sentimento. Ele é por vezes culto, frequentemente próspero, comumente limpo e sempre solene.

Filosofia, *s.*

Uma rota de muitas estradas que levam do lugar nenhum ao nada.

Finanças, *s.pl.*

A arte ou ciência de administrar receitas e recursos para o melhor proveito do gerente.

Firmamento, *s.*

O “céu” de um orador.

Fisionomia, *s.*

A arte de determinar o caráter de outra pessoa pelas semelhanças e diferenças entre o rosto dela e o nosso, que é o padrão de excelência.

Flauta, *s.*

Um pau oco variadamente perfurado destinado à punição dos pecadores, o ministrador do castigo sendo comumente um jovem com olhos cor de palha e cabelos finos.

Flerte, *s.*

Um jogo no qual não queremos o dinheiro de quem joga conosco, mas estamos dispostos a perder o nosso.

Flibusteiro, *s.*

Um vencedor em negócios modestos a cujas incorporações falta o mérito santificador da magnitude.

Fogo-fátuo, *s.*

Amor.

Folhetim, *s.*

Obra literária, geralmente uma história inverídica, que rasteja por diversas edições de um jornal ou revista. Frequentemente cada parte vem acompanhada de uma “sinopse dos capítulos anteriores” para quem não os leu, mas a necessidade mais extrema seria uma sinopse dos capítulos subsequentes para aqueles que não pretendem lê-los. Uma sinopse da obra inteira seria melhor ainda.

O falecido James F. Bowman estava escrevendo um folhetim para um jornal semanal em colaboração com um gênio cujo nome não chegou até nós. Eles escreveram não em conjunto, mas alternadamente, com Bowman fornecendo a parte de uma semana e seu amigo a da seguinte, e assim por diante, um mundo sem fim, esperavam eles. Infelizmente, os dois brigaram, e na manhã de uma

segunda-feira, quando Bowman leu o jornal a fim de se preparar para sua tarefa, descobriu que seu trabalho lhe tinha sido abreviado de uma maneira surpreendente e dolorosa. Seu colaborador embarcara cada um dos personagens da narrativa num navio e afundara todos no ponto mais profundo do Atlântico.

Fome, *s.*

Uma doença peculiar que atinge todas as classes da humanidade e é comumente tratada com dieta. Observa-se que as pessoas que vivem em casas elegantes costumam contrair as variedades menos agressivas. Essa informação é útil para doentes crônicos.

Fonógrafo, *s.*

Um brinquedo irritante que reanima ruídos mortos.

Forasteiro, *s.*

Um soberano americano em seu estágio probatório.

Forca, *s.*

Um palco destinado à encenação de peças de mistério nas quais o ator principal é transladado para o céu. Nos Estados Unidos, a forca é notável principalmente pelo número de pessoas que conseguem escapar dela.

Forma pauperis.

(Latim.) Na condição de pessoa pobre – um método pelo qual o litigante que não tem dinheiro para pagar advogados ganha obsequiosa permissão para perder seu caso.

Fotografia, *s.*

Um quadro pintado pelo sol sem nenhuma instrução em arte. Um pouco melhor do que a obra de um apache, mas não tão bom quanto a de um cheyenne.

Frágil, *adj.*

Pessoa enferma; sujeita a traição, como uma mulher que botou na cabeça que vai pecar.

Fragmento, *s.*

Na literatura, uma composição que o autor não teve competência para terminar.

Fraquezas, *s.pl.*

Certos poderes primitivos da Mulher Tirana por meio dos quais ela exerce domínio sobre o macho de sua espécie, forçando o dominado ao cumprimento de suas vontades e paralisando nele as energias rebeldes.

Frankalmoigne, *s.*

Posse pela qual uma corporação religiosa detém terras sob a condição de rezar pela alma do doador. Em tempos medievais, muitas das mais abastadas fraternidades obtinham suas propriedades dessa maneira simples e barata, e certa vez, quando Henrique VIII da Inglaterra enviou um oficial para confiscar certas vastas possessões que uma fraternidade de monges detinha por frankalmoigne, “O quê!”, exclamou o prior, “acaso seu soberano deseja manter a alma do nosso benfeitor no Purgatório?”. “Sim”, disse o oficial com frieza, “e vós não orareis em vão, ele deve até mesmo ser assado.” “Mas veja, meu filho”, insistiu o bom homem, “tal ato classificar-se-ia como roubar de Deus!” “Não, não, bom padre; meu soberano, o rei, vai apenas livrar Deus das tentações múltiplas de uma riqueza demasiada.”

Fratricídio, *s.*

O ato de matar um burro para comer sua carne.

Fraudar, *v.t.*

Transmitir ensinamentos e experiência aos crédulos.

Fraude, *s.*

A vida do comércio, a alma da religião, a isca do cortejo e a base do poder político.

FRENOLOGIA, *s.*

A ciência de bater carteiras através do couro cabeludo. Consiste em localizar e explorar o órgão que faz de alguém um trouxa.

FRIGIDEIRA, *s.*

Parte do aparato penal empregado por uma conhecida instituição punitiva: a cozinha de uma mulher. A frigideira foi inventada por Calvino e por ele utilizada no preparo de bebês de um palmo de comprimento que haviam morrido sem batismo; e observando, certo dia, o tormento terrível de um vagabundo que incautamente pegou um bebezinho frito num depósito de lixo e o devorou, o grande teólogo decidiu despojar a morte de seus terrores e introduziu a frigideira em todos os lares de Genebra. Daí por diante, ela se difundiu por todos os cantos do mundo, passando a prestar inestimável ajuda na propagação da sombria fé.

FRONTEIRA, *s.*

Na geografia política, uma linha imaginária entre duas nações, separando os direitos imaginários de uma dos direitos imaginários da outra.

FRONTISPÍCIO, *s.*

Uma protuberância do rosto humano, começando entre os olhos e terminando, via de regra, num lugar aonde seu dono não foi chamado.

FUNERAL, *s.*

Quadro vivo por meio do qual atestamos nosso respeito pelos mortos, enriquecendo o agente funerário e reforçando nosso pesar com uma despesa que aprofunda nossos gemidos e duplica nossas lágrimas.

FUTURO, *s.*

A época em que nossos negócios prosperam, nossos amigos são leais e nossa felicidade está garantida.

G

Gabinete, *s.*

As principais pessoas encarregadas da má gestão de um governo, o encargo sendo comumente bem fundamentado.

Ganso, *s.*

Ave que fornece penas para quem deseja escrever. Essas penas, mediante algum oculto processo da natureza, são penetradas e impregnadas por vários graus das energias intelectuais e do caráter emocional da ave, de modo que, quando mergulhadas em tinta e arrastadas mecanicamente pelo papel por um indivíduo chamado “autor”, proporcionam uma muito razoável e precisa transcrição dos pensamentos e sentimentos do ovíparo. A diferença entre os gansos, como ficou constatado através desse método engenhoso, é considerável: muitos revelam ter apenas poderes triviais e insignificantes, mas alguns são efetivamente vistos como grandes animais.

Garfo, *s.*

Um instrumento utilizado principalmente com o propósito de levar animais mortos à boca. Antigamente a faca era empregada para tal propósito, e muitas pessoas dignas até hoje a julgam dotada de muitas vantagens em relação à outra ferramenta, que, no entanto, elas não rejeitam de todo, mas usam como assistente da faca. A imunidade dessas pessoas a uma morte tenebrosa e fulminante é uma das provas mais impressionantes da misericórdia de Deus para com aqueles que O detestam.

Gárgula, *s.*

Uma calha projetada dos beirais de edifícios medievais, comumente no formato de uma caricatura grotesca de algum inimigo pessoal do arquiteto ou do proprietário do edifício. Esse foi especialmente o caso em igrejas e estruturas eclesiásticas em geral, nas quais as gárgulas apresentavam uma perfeita galeria de cretinos, exibindo hereges e polemistas locais. Às vezes, quando um novo deão e um novo capítulo eram empossados, as velhas gárgulas eram retiradas e substituídas por outras, dotadas de mais afinidade com as animosidades particulares dos novos incumbidos.

Gato, *s.*

Um autômato macio e indestrutível, fornecido pela natureza para ser chutado quando as coisas dão errado no círculo doméstico.

Genealogia, *s.*

Um levantamento da nossa descendência desde um antepassado que não fez grande questão de traçar a dele.

GÊNERO, *s.*

O sexo das palavras.

GENEROSO, *adj.*

Originalmente essa palavra significava “nobre por nascimento”, e era corretamente aplicada a uma grande multidão de pessoas. Agora ela significa “nobre por natureza”, e está descansando um pouquinho.

GÊNESIS, *s.*

O primeiro dos cinco livros sagrados escritos por Moisés. A evidência de que o grande homem é autor desse livro e dos outros quatro é do caráter mais convincente possível: ele nunca os repudiou.

GENTILEZA, *s.*

Um breve prefácio para dez volumes de cobrança.

GENUFLEXÃO, *s.*

A prece da perna. O ato de dobrar o joelho em devoção a Ele, que nos criou de modo que a postura seja antinatural e fatigante.

Genuíno, *adj.*

Real, autêntico; por exemplo: uma falsificação genuína, uma hipocrisia genuína, etc.

Geógrafo, *s.*

Um camarada que consegue nos dizer de improviso qual é a diferença entre o lado de fora do mundo e o lado de dentro.

Geologia, *s.*

A ciência da crosta terrestre – à qual, sem dúvida, será acrescentada a ciência de seu interior sempre que um homem sair, tagarela, do fundo de um poço. As formações geológicas do globo já observadas são catalogadas assim: a Primária, ou inferior, consiste em rochas, ossos de mulas atoladas, tubulações de gás, ferramentas de mineiros, estátuas antigas com nariz faltando, dobrões espanhóis e antepassados. A Secundária é composta em grande parte de minhocas vermelhas e toupeiras. A Terciária contém trilhos de trem, calçamentos de material misto, grama, cobras, botas mofadas, garrafas de cerveja, latas de tomate, cidadãos intoxicados, lixo, anarquistas, galgos e tolos.

Geralmente, *adv.*

Normalmente, ordinariamente, como em “Homens geralmente mentem”, “Uma mulher é geralmente traiçoeira”, etc.

GINASTA, *s.*

Um homem que coloca seu cérebro dentro dos músculos. A palavra vem do grego *gumnos*, “nu”, todos os exercícios atléticos dos gregos sendo executados nessa chocante condição; mas os membros do Clube Olímpico promovem um ajuste entre as exigências do clima e as exigências das damas que frequentam as exibições. Elas usam seus *pijamas*.

GÍRIA, *s.*

O grunhido do porco humano (*Pignoramus intolerabilis*) dotado de memória auditiva. O discurso de quem profere com sua língua o que pensa com seu ouvido; de quem sente o orgulho de um criador ao realizar a façanha de um papagaio. Um meio (sob a Providência) de vender perspicácia sem um capital de sensatez.

GLUTÃO, *s.*

Um indivíduo que foge dos males da moderação se submetendo à dispepsia.

GNOMO, *s.*

Na mitologia norte-europeia, um diabrete anão habitante das regiões interiores da terra, guardião especial dos tesouros minerais. Bjorsen, que morreu em 1765, afirma que os gnomos eram bastante comuns no sul da Suécia em sua infância, e que frequentemente os avistava

em animada correria pelas colinas na penumbra do anoitecer. Ludwig Binkerhoof viu três mais recentemente, em 1792, na Floresta Negra, e Sneddeker assevera que em 1803 eles expulsaram um grupo de mineiros de uma mina na Silésia. Baseando nossos cálculos nos dados fornecidos por essas declarações, concluímos que os gnomos provavelmente já estavam extintos em 1764.

Gnósticos, *s.pl.*

Seita de filósofos que tentaram engendrar uma fusão entre os cristãos primitivos e os platônicos. Os primeiros não quiseram comparecer à convenção partidária e a combinação falhou, para grande desgosto dos gestores da fusão.

Gnu, *s.*

Um animal sul-africano que em seu estado domesticado lembra um cavalo, um búfalo e um veado. Em sua condição selvagem, é algo como um raio, um terremoto e um ciclone.

Goma de mascar, *s.*

Uma substância muito usada por mocinhas como substituta do consolo religioso e de um espírito contente.

Gota, *s.*

Denominação dos médicos para o reumatismo de um paciente rico.

Governo, *s.*

Um Chronos moderno que devora seus próprios filhos. O sacerdócio é encarregado do dever de prepará-los para seus dentes.

Governo monárquico, *s.*

Governo.

Graças, *s.pl.*

Três belas deusas – Aglaia, Tália e Eufrosina – que serviam a Vênus sem receber salário. Não davam nenhuma despesa em pensão e roupas, pois não comiam nada digno de menção e se vestiam de acordo com o clima, trajando qualquer brisa que soprasse na ocasião.

Gramática, *s.*

Um sistema de armadilhas cuidadosamente preparadas para os pés do autodidata no caminho pelo qual ele avança rumo à distinção.

Gravitação, *s.*

Tendência pela qual todos os corpos se aproximam uns dos outros com uma força proporcional à quantidade de matéria que eles contêm – a quantidade de matéria que eles contêm sendo determinada pela força da tendência pela qual se aproximam uns dos outros. Eis uma ilustração adorável e edificante de como a ciência, tendo feito de A a prova de B, faz de B a prova de A.

GUERRA, *s.*

Um subproduto das artes da paz. A conjuntura política mais ameaçadora é um período de amizade internacional. O estudante de história que não foi instruído a esperar o inesperado pode se vangloriar com razão de ser inacessível ao saber. A máxima “em tempos de paz, prepare-se para a guerra” tem um significado mais profundo do que costumamos ver nela; significa não apenas que todas as coisas terrenas têm fim – que a mudança é a única lei eterna e imutável –, mas também que o solo da paz é densamente semeado com as sementes da guerra, e singularmente propício para sua germinação e crescimento. Quando Kubla Khan decretou seu “imponente domo de prazer” – ou seja, num período de paz e gordas festividades em Xanadu –, ele

> ouviu de longínqua terra
>
> vozes ancestrais profetizando guerra.

Um dos maiores poetas de todos os tempos, Coleridge foi também um dos homens mais sábios do mundo, e não foi à toa que ele nos leu essa parábola. Tenhamos um pouco menos de “mãos cruzando mares” e um pouco mais dessa elementar desconfiança que é a segurança das nações. A guerra adora aparecer como um ladrão na noite; promessas de amizade eterna fornecem a noite.

GUILHOTINA, *s.*

Máquina que faz um francês encolher os ombros – com boa razão.

Em sua grande obra sobre as *Linhas divergentes da evolução racial*, o erudito professor Brayfugle argumenta, observando a preponderância desse gesto – o encolher de ombros – entre os franceses, que estes são descendentes das tartarugas, e que se trata simplesmente da sobrevivência do hábito de retrair a cabeça para dentro da carapaça. É com relutância que divirjo de tão eminente autoridade, mas, na minha opinião (mais elaboradamente estabelecida e reforçada em minha obra intitulada *Emoções hereditárias*, lib. II, c. XI), o encolher de ombros é uma fundação frágil para erigir tão importante teoria, pois antes da Revolução o gesto era desconhecido. Não tenho a menor dúvida de que ele é diretamente atribuível ao terror inspirado pela guilhotina durante o período de atividade do instrumento.

GUINÉU, *s.*

Uma moeda equivalente a vinte e um xelins, antigamente cunhada na Grã-Bretanha, e ainda utilizada como unidade de cálculo em honorários de serviço profissional, subornos e outras transações entre cavalheiros.

H

Habeas Corpus, *s.*

[1] Mandado pelo qual um homem pode ser tirado da cadeia quando confinado pelo crime errado.

[2] Mandado pelo qual um homem pode ser tirado da cadeia para contar se gostou de ficar preso.

Habilidade, *s.*

[1] Equipamento natural que permite realizar certa parte pequena das ambições mais desprezíveis, distinguindo homens hábeis de homens mortos. Em última análise, segundo em geral se constata, a habilidade consiste principalmente num alto grau de solenidade. Entretanto, talvez essa impressionante qualidade seja estimada com razão; ser solene não é tarefa nada fácil.

[2] A rara qualidade mental em cuja homenagem monumentos são erigidos pela posteridade acima dos ossos dos indigentes.

Hábito, *s.*

Algema para os livres.

Halo, *s.*

Na acepção correta, um anel luminoso que circunda um corpo astronômico, mas não raro confundido com “auréola” ou “nimbo”, fenômeno um tanto similar, usado como um cocar por divindades e santos. O halo é uma ilusão puramente ótica, produzida pela umidade no ar, ao modo de um arco-íris; mas a auréola é outorgada como sinal de santidade superior, de maneira semelhante à mitra de um bispo ou à tiara do papa. No quadro da *Natividade* pintado por Szedgkin, um piedoso artista de Peste, não apenas a Virgem e o Menino usam o nimbo, mas um burro que mordisca o feno da manjedoura sagrada se mostra igualmente decorado e, em sua duradoura honra seja dito, parece carregar sua inabitual distinção com uma graça verdadeiramente santa.

Harmonistas, *s.pl.*

Uma seita, hoje extinta, de protestantes que vieram da Europa no início do século passado e se distinguiram pelo amargor de suas controvérsias e dissensões internas.

Herança, *s.*

Uma transmissão de sorrisos por parte de quem deixa este vale de lágrimas.

Heroísmo, *s.*

Marcial mistura de vaidade, dever e sorte de apostador.

“Por que parou?”, rugiu o comandante de uma divisão em Chickamauga, que ordenara um ataque. “Avance, senhor, agora mesmo.”

“General”, disse o comandante da brigada delinquente, “estou convencido de que qualquer exibição adicional de heroísmo por parte dos meus soldados irá submetê-los a um confronto direto com o inimigo.”

Hidra, *s.*

Um animal que causou muita dor de cabeça na Antiguidade.

Hidropisia, *s.*

Doença que faz da experiência de vida do paciente uma espécie de batalha naval.

Hiena, *s.*

Uma fera reverenciada por algumas nações orientais devido a seu hábito de frequentar, à noite, os locais de sepultamento dos mortos. Mas o estudante de medicina também faz isso.

Hipócrita, *s.*

Alguém que, professando virtudes que não respeita, obtém a vantagem de parecer ser algo que despreza.

História, *s.*

Um relato quase sempre falso de acontecimentos quase sempre desimportantes protagonizados por governantes quase sempre canalhas e soldados quase sempre tolos.

Historiador, *s.*

Um fofoqueiro pródigo.

Homem, *s.*

Um animal que, de tão absorto na extasiada contemplação daquilo que acredita ser, jamais pensa naquilo que indubitavelmente deveria ser. Sua principal ocupação é o extermínio de outros animais e de sua própria espécie, que, contudo, se multiplica com a mais insistente rapidez, a ponto de infestar toda a terra habitável e o Canadá.

Homeopata, *s.*

O humorista da profissão médica.

Homeopatia, *s.*

[1] Uma escola de medicina a meio caminho entre a alopatia e a ciência cristã. Para esta última, as outras duas são distintamente

inferiores, pois a ciência cristã pode curar doenças imaginárias, e as outras não podem.

[2] Uma teoria e prática da medicina que visa curar as doenças dos tolos. Como não as cura, e como às vezes mata os tolos, ela é ridicularizada pelos imprudentes, mas louvada pelos sábios.

Homicídio, *s.*

O assassinato de um ser humano por outro. Existem quatro tipos de homicídio: dolosos, desculpáveis, justificáveis e louváveis, mas não faz grande diferença para a pessoa assassinada se ela foi vítima de um tipo ou de outro – a classificação é para proveito dos advogados.

Honesto, *adj.*

Atormentado por um obstáculo em sua negociação.

Honrado, *adj.*

Atormentado por um obstáculo em sua área de atuação. Nos órgãos legislativos, é costumeiro mencionar todos os membros como honrados; por exemplo: “o honrado cavalheiro é um cão sarnento”.

Hospital, *s.*

Um lugar onde os doentes geralmente obtêm dois tipos de tratamento – o tratamento médico do doutor e o tratamento desumano do superintendente.

Hospitalidade, *s.*

A virtude que nos induz a alimentar e alojar certas pessoas que não necessitam de alimentação e alojamento.

Hostilidade, *s.*

Uma sensação peculiarmente aguda e especialmente aplicada decorrente da superpopulação da Terra. A hostilidade é classificada como ativa e passiva; por exemplo (respectivamente), o sentimento de uma mulher por suas amigas e aquilo que ela nutre por todas as demais integrantes de seu sexo.

Humanidade, *s.*

A raça humana, coletivamente, com exclusão dos poetas antropoides.

Humanitário, *s.*

Um indivíduo movido pela crença de que o Salvador foi humano e de que ele mesmo é divino.

Humorista, *s.*

Uma praga que teria suavizado a venerável austeridade do coração do Faraó e que o teria convencido a libertar Israel rapidinho, com seus melhores votos.

HUNO, *s.*

O ancestral cita do atual húngaro. Não foi um homem bom, e seu descendente herdou sua personalidade.

HURI, *s.*

Formosa mulher que habita o paraíso maometano a fim de deixar as coisas mais animadas para o bom muçulmano, cuja crença em sua existência marca um nobre descontentamento com sua esposa terrena, em quem ele nega existir uma alma. Por esta última boa dama, segundo se diz, as huris são consideradas com escassa estima.

I

IDIOTA, *s.*

Membro de uma tribo imensa e poderosa cuja influência nos assuntos humanos foi sempre controladora e dominante. A atividade do idiota não se limita a qualquer campo especial de pensamento ou ação, mas “permeia e regula o todo”. Ele tem a última palavra em tudo; sua decisão é inapelável. Ele define as modas da opinião e do gosto, dita as restrições da linguagem e circunscreve a conduta com uma linha intransponível.

IDÓLATRA, *s.*

Alguém que professa uma religião na qual não acreditamos, com um simbolismo diferente do nosso. Uma pessoa que valoriza mais uma imagem num pedestal do que uma imagem numa moeda.

ÍDOLO, *s.*

Uma imagem que representa simbolicamente algum objeto de adoração. Dizer que a imagem em si é adorada provavelmente não seria correto em relação a qualquer povo do mundo, embora alguns ídolos sejam feios o bastante para ser divinos. As homenagens

prestadas aos ídolos são justificadamente desaprovadas pelo crente verdadeiro, pois este sabe que nada que tenha uma cabeça pode ser onisciente, nada que tenha uma mão pode ser onipotente e nada que tenha um corpo pode ser onipresente. Nenhuma deidade poderia preencher qualquer um dos nossos requisitos, se tivesse a desvantagem da existência.

Ignorante, *s.*

Uma pessoa não familiarizada com certos tipos de conhecimento familiares a você e possuidora de certos outros tipos sobre os quais você não sabe nada.

Igreja, *s.*

Um lugar onde o pároco venera Deus e as mulheres veneram o pároco.

Igual, *adj.*

Tão ruim quanto outra coisa.

Igualdade, *s.*

Na política, uma condição imaginária na qual são contados crânios em vez de cérebros e o mérito é determinado por sorteio e punido por nomeação. Levado a sua conclusão lógica, o princípio exige rotação nos cargos e na penitenciária. Todos os homens, tendo

igualmente direito a um voto, têm igualmente direito a um cargo e estão igualmente sujeitos à condenação.

Ilusão, *s.*

A mãe de uma família muitíssimo respeitável, formada por Entusiasmo, Afeto, Abnegação, Fé, Esperança, Caridade e vários outros graciosos filhos e filhas.

Ilustre, *adj.*

Adequadamente posicionado para receber as estocadas da malícia, da inveja e da difamação.

Imaginação, *s.*

Um armazém de fatos, com o poeta e o mentiroso como coproprietários.

Imbecilidade, *s.*

Uma espécie de inspiração divina ou fogo sagrado que afeta os censuradores críticos deste dicionário.

Imigrante, *s.*

Uma pessoa pouco esclarecida que considera um país melhor do que outro.

Imodesto, *adj.*

Possuidor de uma forte noção dos próprios méritos, acrescida de uma fraca concepção do valor alheio.

Imoral, *adj.*

Inconveniente. Tudo aquilo que a longo prazo e na maioria dos casos os homens geralmente julgam inconveniente vem a ser considerado errado, perverso, imoral. Se as concepções do homem sobre o que é certo e errado tiverem qualquer outra base que não a conveniência; se elas se originarem, ou puderem ter se originado, de qualquer outra maneira; se as ações tiverem em si mesmas um caráter moral apartado e nem um pouco dependente de suas consequências – então toda a filosofia é uma mentira e a razão é um distúrbio da mente.

Imparcial, *adj.*

Incapaz de perceber qualquer promessa de vantagem pessoal na defesa de qualquer um dos lados de uma controvérsia ou na adoção de qualquer uma de duas opiniões conflitantes.

Impecável, *adj.*

Não passível de detecção.

Impenitência, *s.*

Um estado de espírito intermediário no período de tempo que vai do pecado à punição.

Imperador, *s.*

Uma posição logo acima do rei. Um ás, por assim dizer.

Imperialista, *s.*

Um pensador político a quem nem reino nem república oferecem a esperança de uma nomeação política ou outra vantagem substancial.

Impiedade, *s.*

A sua irreverência em relação à minha divindade.

Implacável, *adj.*

Impossível de ser apaziguado sem uma grande soma de dinheiro.

Importador, *s.*

Integrante de uma classe de malfeitores cujo negócio recebe da legislação tarifária “a proteção que os abutres dão aos cordeiros”.

Imposição, *s.*

O ato de abençoar ou consagrar passando a mão – uma cerimônia comum a muitos sistemas eclesiásticos, mas realizada com a mais franca sinceridade pela seita conhecida como Ladrões.

Impostor, *s.*

Um rival aspirante às honras públicas.

Impropriedade, *s.*

[1] Depois da vulgaridade, o mais alto grau concebível de pecado.

[2] Exercer o ofício divino durante uma briga de cães na igreja.

Improvidência, *s.*

Provisão para as necessidades de hoje tirada das receitas de amanhã.

Improvisador, *s.*

Um sujeito que fica mais feliz em fazer versos do que seus ouvintes ficam em ouvi-los.

Imprudência, *s.*

Um encanto peculiar inerente a certas ações, proporcionador de um novo deleite para os eventuais pecadores e um tanto mitigador do caráter enfadonho das eventuais boas almas.

IMPUNIDADE, *s.*

Riqueza.

INADMISSÍVEL, *adj.*

Incompetente demais para ser considerado. É o que se diz de certos tipos de testemunho que são supostamente inaptos para merecer a confiança de um júri, e que os juízes, portanto, excluem até mesmo dos julgamentos desprovidos de júri. O testemunho indireto é inadmissível porque a pessoa citada não prestou juramento e não está presente para ser interrogada no tribunal; mesmo assim, as mais momentosas ações, as militares, as políticas, as comerciais e as de qualquer outro tipo, são diariamente empreendidas com base em testemunho indireto. Não há uma única religião no mundo que tenha qualquer outro fundamento que não o testemunho indireto. A Revelação vem de testemunho indireto; do fato de que as Escrituras são a palavra de Deus, temos apenas o testemunho de homens mortos há muito tempo, cuja identidade não está claramente estabelecida, e que, até onde se sabe, não prestaram nenhuma espécie de juramento. Sob as normas de prova, tal como existem hoje neste país, nenhuma das afirmações da Bíblia dispõe do apoio de qualquer evidência admissível num tribunal. Não há como provar que a Batalha de Blenheim jamais foi travada, que jamais houve uma pessoa como Júlio César, um império como a Assíria.

Porém, uma vez que os registros dos tribunais de justiça são admissíveis, pode-se facilmente provar que magos poderosos e malévolos outrora existiram e foram um flagelo para a humanidade.

As evidências (incluindo confissão) pelas quais certas mulheres foram condenadas e executadas por bruxaria são primorosas; permanecem incontestáveis. As decisões dos juízes, baseadas nelas, foram perfeitas na lógica e na lei. Nada, em nenhum tribunal existente, jamais ficou mais cabalmente provado do que as acusações de bruxaria e feitiçaria pelas quais tantas mulheres pereceram. Se as bruxas nunca existiram, o testemunho humano e a razão humana são igualmente destituídos de valor.

Inato, *adj.*

Natural, inerente – como as ideias inatas, ou seja, ideias com as quais nascemos, transmitidas previamente a nós. A doutrina das ideias inatas é uma das crenças mais admiráveis da filosofia, sendo ela mesma uma ideia inata, e portanto inacessível a qualquer refutação, embora Locke tolamente achasse que a deixara de “olho roxo” de tão desacreditada. Entre as ideias inatas podemos mencionar a crença em nossa capacidade de dirigir um jornal, ou na grandeza do nosso país, na superioridade da nossa civilização, na importância dos nossos assuntos pessoais, na natureza interessante das nossas próprias doenças.

Inauspiciosamente, *adv.*

De maneira pouco promissora, os auspícios sendo desfavoráveis. Entre os romanos era costume, antes do empreendimento de qualquer ação ou iniciativa importante, obter dos áugures, ou profetas oficiais, alguma insinuação do resultado provável; e um dos favoritos e mais confiáveis métodos de adivinhação consistia em

observar o voo dos pássaros – os presságios derivados daí sendo chamados de *auspícios*. Repórteres de jornal e certos lexicógrafos meliantes decidiram que a palavra – sempre no plural – deveria significar “patrocínio” ou “gerenciamento”; por exemplo: “As festividades foram realizadas sob os auspícios da Antiga e Honorável Ordem dos Ladrões de Cadáveres”, ou “Os folguedos foram auspiciados pelos Cavaleiros da Fome”.

Incenso, *s.*

Em assuntos religiosos, um argumento dirigido ao nariz.

Incompatibilidade, *s.*

No matrimônio, uma similaridade de gostos, especialmente o gosto pela dominação. A incompatibilidade pode, no entanto, consistir numa dócil mãe de família logo ali, virando a esquina. Não é impossível que use um bigode.

Incompossível, *adj.*

Incapaz de existir se outra coisa também existir. Duas coisas são incompossíveis quando o mundo físico tem espaço suficiente para uma delas, mas não o suficiente para ambas – como a poesia de Walt Whitman e a misericórdia de Deus para com o homem. A incompossibilidade, podemos constatar, é apenas a incompatibilidade à solta. Em lugar de uma linguagem tão baixa como “Suma da minha vista ou eu mato você agora mesmo”, as palavras “Caro senhor, nós somos incompossíveis” transmitem uma

intimação igualmente significativa, e, em matéria de cortesia majestosa, são absolutamente superiores.

Incompreensibilidade, *s.*

Um dos principais atributos da Divindade e do poeta Welcker.

Inconstância, *s.*

Ver Mulher.

Inconstante, *adj.*

Ver Homem.

Inconveniente, *adj.*

Não concebido para fazer avançar nossos próprios interesses.

Incorporação, *s.*

O ato de unir diversas pessoas numa ficção chamada corporação, de modo que elas possam deixar de ser responsáveis por suas ações. A, B e C são uma corporação. A rouba, B furta e C (é necessário que haja um cavalheiro envolvido) trapaceia. É uma corporação de pilhagem, roubalheira e falcatrua. Mas A, B e C, que conjuntamente determinaram e separadamente executaram todos os crimes da corporação, são livres de culpa. É errado mencioná-los pelo nome quando censuramos seus atos corporativos, mas é

correto quando os elogiamos. A incorporação é mais ou menos como o anel de Giges: concede a bênção da invisibilidade – confortável para patifes. O canalha que inventou incorporação está morto – ele foi desincorporado.

ÍNCUBO, *s.*

Membro de uma raça de demônios altamente indecentes da qual se pode dizer que, embora provavelmente não esteja de todo extinta, já teve melhores noites. Para um relato completo sobre *incubi* e *succubi*, incluindo *incubae* e *succubae*, consultar o *Liber Demonorum* de Protassus (Paris, 1328), fonte de informações bastante curiosas que ficariam deslocadas num dicionário concebido para servir de livro didático às escolas públicas.

Victor Hugo relata que, nas Ilhas do Canal, o Satanás em pessoa – tentado mais do que em qualquer outro lugar pela beleza das mulheres, sem dúvida – por vezes brinca de íncubo, para grande inconveniência e alarme das boas damas que desejam ser fiéis, de um modo geral, a seus votos de casamento. Certa dama recorreu ao pároco para saber como elas poderiam, no escuro, distinguir de seus maridos o intrépido intruso. O santo homem afirmou que elas deviam apalpar a testa do vulto em busca de chifres; mas Hugo é descortês o bastante para insinuar uma dúvida quanto à eficácia do teste.

INDECISÃO, *s.*

O principal elemento do sucesso; “pois considerando-se”, afirma Sir Thomas Brewbold, “que só há uma maneira de não fazer nada e diversas maneiras de fazer algo, das quais, com absoluta certeza, somente uma é a certa, segue-se que aquele que por indecisão permanece imóvel tem menos chances de incorrer em erro do que aquele que vai em frente” – um cristalino e satisfatório esclarecimento da questão.

“Sua pronta de decisão de atacar”, disse o general Grant em certa ocasião para o general Gordon Granger, “foi admirável; você só teve cinco minutos para tomar uma decisão.”

“Sim, senhor”, respondeu o vitorioso subordinado, “é uma grande coisa saber exatamente o que fazer numa emergência. Quando fico em dúvida se devo atacar ou recuar, nunca hesito nem por um segundo; tiro a sorte com uma moeda.”

“Você está querendo dizer que fez isso dessa vez?”

“Sim, general, mas, pelo amor de Deus, não me repreenda: eu desobedeci a moeda.”

Indefeso, *adj.*

Incapaz de atacar.

Indicador, *s.*

O dedo normalmente usado para apontar dois malfeitores.

Indiferente, *adj.*

Imperfeitamente sensível às distinções entre as coisas.

Indigestão, *s.*

Uma doença que o paciente e seus amigos frequentemente confundem com profunda convicção religiosa e interesse pela salvação da humanidade. Como disse o simples Homem Vermelho do selvagem oeste – com certa força, é preciso confessar: “Estar bom, não rezar; grande dor de barriga, muito Deus”.

Indiscrição, *s.*

A culpa da mulher.

Indultar, *v.*

Perdoar uma infração e devolver a uma vida de crime. Acrescentar ao fascínio do crime a tentação da ingratidão.

Inferno, *s.*

A residência do falecido Dr. Noah Webster, dicionarista.

Infiel, *s.*

Em Nova York, alguém que não acredita na religião cristã; em Constantinopla, alguém que acredita. Uma espécie de canalha imperfeitamente reverente, avarento em suas contribuições para teólogos, eclesiásticos, papas, párocos, cônegos, monges, mulás,

vodus, presbíteros, hierofantes, prelados, obeahs, abbés, freiras, missionários, exortadores, diáconos, frades, hadjis, sumos sacerdotes, muezins, brâmanes, curandeiros, confessores, eminências, anciãos, primazes, prebendados, peregrinos, profetas, imames, beneficiários, clérigos, cantores leigos, arcebispos, bispos, abades, priores, pregadores, padres, abadessas, calógeros, palmeirins, párocos auxiliares, patriarcas, bonzos, santons, rezadores, canonisas, residenciários, diocesanos, deãos, deãos substitutos, deãos rurais, abdais, vendedores de talismãs, arquidiáconos, hierarcas, líderes de classe, incumbentes, capitulares, xeiques, talapões, postulantes, escreventes, gurus, chantres, bedéis, faquires, sacristãos, reverendos, revivalistas, cenobitas, curas perpétuos, capelães, mudjoes, leitores, noviços, vigários, pastores, rabinos, ulemás, lamas, maceiros, dervixes, declamadores, fabriqueiros, cardeais, prioresas, sufragâneos, acólitos, reitores, curés, sufis, muftis e pumpuns.

Influência, *s.*

Na política, um imaginário *quo* dado em troca de um substancial *quid*.

Infralapsário, *s.*

Alguém que ousa acreditar que Adão não precisaria ter pecado se não tivesse botado tal coisa na cabeça – em oposição aos supralapsários, que sustentam que a queda desse desafortunado indivíduo estava decretada desde o começo. Os infralapsários são às vezes chamados de supralapsários sem qualquer efeito

considerável sobre a importância e a lucidez de suas opiniões a respeito de Adão.

Infortúnio, *s.*

O tipo de fortuna que nunca falha.

Inglês, *s.*

Uma língua tão altiva e reservada que poucos escritores conseguem ganhar alguma familiaridade com ela.

Ingratidão, *s.*

Uma forma de autorrespeito que não é incompatível com a aceitação de favores.

Ingrato, *s.*

Aquele que recebe um benefício de alguém ou é, de outra maneira, objeto da caridade de alguém.

Inimigo, *s.*

Um salafrário insidioso que fez algum serviço pelo qual é inconveniente pagar. Nos assuntos militares, um grupo de homens instigados pelos mais infames motivos e perseguidores do mais iníquo dos objetivos.

Injúria, *s.*

Em grau de enormidade, uma ofensa que só perde para o desprezo.

Injustiça, *s.*

Um fardo que, entre todos aqueles que passamos aos outros ou carregamos nós mesmos, é mais leve nas mãos e mais pesado nas costas.

Inocência, *s.*

Estado ou condição de um criminoso cuja defesa montou o júri.

Inquisição, *s.*

Um tribunal eclesiástico que procura desencorajar o erro mitigando a prevalência e aperfeiçoando o conforto dos errantes.

Insanidade, *s.*

Um lindo e lustroso tecido intelectual do qual a sanidade é o lado das costuras aparentes. Ninguém sabe claramente no que consiste a insanidade, exceto aqueles que sabem tudo. Entre as nações ocidentais, ela é comumente encarada como um transtorno, mas os povos orientais a consideram uma inspiração. O maometano venera o mesmo lunático que o cristão teria enfiado numa camisa de força ou acorrentado num poste.

Insano, *adj.*

Viciado na convicção de que os outros são insanos.

Insensatez, *s.*

“Dom e faculdade divina” cuja energia criativa e controladora inspira a mente do homem, guia seus atos e adorna sua vida.

Insolvente, *adj.*

Destituído de patrimônio para pagar as justas dívidas. A destituição da vontade de pagá-las não é insolvência; é sagacidade comercial.

Inspiração, *s.*

Literalmente, o ato de soprar para dentro, como um profeta é inspirado pelo espírito, e uma flauta, por um inimigo da humanidade.

Insurreição, *s.*

Uma revolução fracassada. O insucesso do descontentamento na tentativa de substituir o desgoverno pelo mau governo.

Intenção, *s.*

A percepção mental da prevalência de um conjunto de influências sobre outro; um efeito cuja causa é a iminência, imediata ou remota, do desempenho de um ato involuntário.

Intérprete, *s.*

Alguém que permite a duas pessoas de línguas diferentes que se entendam, repetindo a cada uma aquilo que, de acordo com os interesses da interpretação, a outra deveria ter dito.

Interregno, *s.*

O período durante o qual um país monárquico é regido por um cantinho morno da almofada do trono. A experiência de deixar o cantinho esfriar tem sido comumente acompanhada de resultados muitíssimo infelizes devido ao zelo de muitas pessoas dignas por aquecê-lo de novo.

Intimidade, *s.*

Uma relação à qual são providencialmente atraídos os tolos para sua mútua destruição.

Intoxicação, *s.*

Uma condição espiritual que precede a manhã seguinte.

Intruso, *s.*

Um indivíduo que não deve ser precipitadamente expulso – ele pode ser um repórter.

Inundação, *s.*

Uma enchente. A maior inundação sobre a qual temos algum registro foi o dilúvio de Noé, descrito por Moisés, Beroso e um cronista assírio traduzido pelo falecido Sr. George Smith. As inundações são causadas por diversos motivos, mas essa, em particular, deveu-se a um longo período chuvoso – quarenta dias e quarenta noites, diz Moisés. Tanta água caiu que ficaram cobertas todas as montanhas da Terra, algumas das quais – a mais alta situada perto de onde Noé viveu – elevadas acima do nível do mar em nove quilômetros. Nossas chuvas mais intensas ocorrem a uma taxa de cerca de 15 centímetros em 24 horas – uma precipitação de 60 centímetros afogaria quem tentasse se aventurar por ela. Mas a chuva de Noé caiu a uma taxa de 225 metros a cada 24 horas, ou 9,3 metros por hora. Foi uma chuva e tanto.

Invasão, *s.*

O método mais aprovado pelo qual o patriota comprova seu amor por seu país.

Inveja, *s.*

[1] Emulação adaptada à capacidade mais baixa.

[2] O sentimento que incita um pregador a denunciar o Adversário.

Vade-retro, Jack Satan, maldito seja,

Pois és padre concorrente,

E as almas que frequentam tua igreja

São mais numerosas que meus crentes.

Inventor, *s.*

Uma pessoa que cria um engenhoso arranjo de rodas, alavancas e molas e acredita que isso é a civilização.

Ira, *s.*

Uma raiva superior em grau e qualidade, apropriada para definir temperamentos exaltados e ocasiões importantes, como em “a ira de Deus”, “o dia da ira”, etc. Entre os antigos, a ira dos reis era considerada sagrada, pois geralmente se mostrava capaz de invocar a interferência de algum deus para sua devida manifestação, como também acontecia com a ira de um padre. Os gregos diante de Troia foram tão atormentados por Apolo que saltaram da frigideira da ira de Crises para cair no fogo da ira de Aquiles, muito embora Agamenon, o único criminoso, não tenha sido nem frito nem assado. Uma famosa imunidade semelhante premiou Davi quando ele provocou a ira de Javé por fazer uma contagem de seu povo, do qual setenta mil indivíduos pagaram pelo crime com suas vidas. Nos dias de hoje Deus é Amor, e os recenseadores podem trabalhar à vontade, sem temer desastre algum.

Irreligião, *s.*

A mais importante das grandes fés do mundo.

Isca, *s.*

Um preparado que torna o anzol mais palatável. A melhor variedade é a beleza.

Istmo, *s.*

Lugar onde deveria existir um canal de passagem. Um cemitério para o capital.

J

J.

É uma consoante no inglês, mas algumas nações a usam como vogal – e nada poderia ser mais absurdo do que isso. Sua forma original, que foi muito ligeiramente modificada, era o rabo de um cão acuado, e não era uma letra, mas um símbolo que representava um verbo latino, *jacere*, “atirar”, porque, quando uma pedra é atirada num cão, o rabo do cão assume esse feitio. Essa é a origem da letra segundo a explanação do renomado Dr. Jocolpus Bumer, da Universidade de Belgrado, que estabeleceu suas conclusões acerca do assunto numa obra em três volumes in-quarto e cometeu suicídio ao ser lembrado de que o “j”, no alfabeto romano, não tinha originalmente nenhuma curva.

Jantar, *v.i.*

Comer uma boa refeição em boa companhia, e comê-la devagar. No ato de jantar, em oposição à mera alimentação, o paladar e o estômago nunca perguntam à mão “O que é que você está nos dando?”.

JOGADOR, *s.*

Um homem.

JOGATINA, *s.*

Um passatempo no qual o prazer consiste parcialmente na consciência das vantagens que alcançamos, mas principalmente na contemplação da perda de outra pessoa.

JUGO, *s.*

Um instrumento, minha senhora, a cujo nome latino, *jugum*, devemos uma das palavras mais esclarecedoras da nossa língua, uma palavra que define a situação matrimonial com precisão, pertinência e pungência. Mil desculpas pela revelação tardia.

JUIZ, *s.*

Um indivíduo que fica sempre interferindo em disputas nas quais não tem nenhum interesse pessoal. Um oficial cujas funções, como um grande luminar legal informou recentemente a um grupo de estudantes de direito, muito se assemelham às de Deus.

JULGAMENTO, *s.*

Um inquérito formal destinado a provar e registrar as índoles impecáveis de juízes, advogados e jurados. De modo a efetuar esse propósito, é necessário providenciar um contraste na pessoa de um indivíduo que é chamado de réu, prisioneiro ou acusado. Se o

contraste se mostrar suficientemente claro, essa pessoa deverá passar por aflição considerável, a ponto de proporcionar aos cavalheiros virtuosos uma reconfortante sensação de sua própria imunidade, somada à percepção de mérito. Em nossos dias, o acusado é normalmente um ser humano, ou um socialista, mas, nos tempos medievais, animais, peixes, répteis e insetos eram levados a julgamento. Um bicho que tivesse tirado uma vida humana, ou praticado feitiçaria, era devidamente preso, julgado e, se condenado, executado pelo carrasco público. Insetos que devastavam plantações de cereais, pomares ou vinhedos eram intimados a comparecer em juízo com seus advogados, e, após depoimento, arguição e condenação, se continuassem *in contumaciam* o caso era levado a um alto tribunal eclesiástico, onde eles eram solenemente excomungados e anatematizados. Numa rua de Toledo, alguns porcos que haviam perversamente corrido por entre as pernas do vice-rei, perturbando-o, foram presos com um mandado, julgados e punidos. Em Nápoles, um burro foi condenado a morrer queimado na fogueira, mas a sentença parece não ter sido executada. D'Addosio relata, com base em registros de tribunal, diversos julgamentos de porcos, touros, cavalos, galos, cães, cabras, etc., para grande aprimoramento, acredita-se, da conduta moral dos animais. Em 1451, um processo foi movido contra sanguessugas que infestavam certas lagoas no entorno de Berna, e o bispo de Lausanne, instruído pelo corpo docente da Universidade de Heidelberg, determinou que alguns dos "vermes aquáticos" fossem levados perante a magistratura local. Assim se fez, e as sanguessugas, tanto as presentes quanto as ausentes, foram ordenadas a sair dos lugares que haviam infestado num prazo de

três dias, sob pena de incorrer na “maldição de Deus”. Nos volumosos registros dessa *cause célèbre*, nada foi encontrado para mostrar se as criminosas enfrentaram a punição ou partiram imediatamente para longe daquela inóspita jurisdição.

JÚPITER, *s.*

Um ser mítico que os gregos e romanos ridiculamente supunham ser o governante supremo do universo – desconhecedores que eram da nossa santa religião.

JURAMENTO, *s.*

No direito, um solene apelo à Divindade; um apelo que pesa na consciência, sob ameaça de pena por perjúrio.

JÚRI, *s.*

Pessoas nomeadas por um tribunal para auxiliar os advogados na missão de impedir que a lei se degenere em justiça.

JURISPRUDÊNCIA, *s.*

O tipo de prudência que nos mantém dentro da lei.

JUSTIÇA, *s.*

Uma mercadoria que, em condições mais ou menos adulteradas, o Estado vende para o cidadão como recompensa por sua lealdade,

seus impostos e seus serviços pessoais.

K

KILT, *s.*

Um traje usado às vezes por escoceses na América e por americanos na Escócia.

KRISHNA, *s.*

Uma forma na qual o pretenso deus Vishnu encarnou. História bastante verossímil, sem dúvida.

L

Ladrão, *s.*

Um franco homem de negócios.

Conta-se sobre Voltaire que, certa noite, ele e alguns companheiros de viagem se hospedaram numa estalagem de beira de estrada. Os arredores eram sugestivos, e, depois da ceia, todos decidiram se revezar contando histórias de ladrões. Quando chegou a vez de Voltaire, ele disse: “Era uma vez um arrecadador geral de impostos”. Sem dizer nada mais, foi incentivado a continuar. “Essa”, ele disse, “é a história.”

Ladrão de cadáveres, *s.*

Um assaltante de vermes tumulares. Profissional que fornece aos médicos jovens aquilo que os médicos velhos forneceram ao agente funerário. A hiena.

Lagostim, *s.*

Um pequeno crustáceo muito parecido com a lagosta, mas menos indigesto.

“Neste pequeno peixe eu percebo a sabedoria humana admiravelmente retratada e simbolizada; pois ao passo que o lagostim deveras anda somente para trás, munido apenas de retrospecção, nada vendo além dos perigos já passados, do mesmo modo a sabedoria do homem deveras não lhe permite evitar os desatinos que abundam em seu caminho e que só serão compreendidos com o caminho já percorrido.” – *Sir James Merivale.*

Lambe-botas, *s.*

Funcionário útil não raro encontrado editando um jornal. Em seu caráter de editor, é intimamente ligado ao chantagista pelo laço da identidade ocasional, porque, na verdade, o lambe-botas é apenas o chantagista sob outro aspecto, embora este último seja frequentemente visto como espécie independente. O ato de lamber botas é mais detestável do que chantagear, precisamente porque o ofício de um vigarista é mais detestável do que o de um ladrão de estrada; e o paralelo se mantém por toda parte, porque, ao passo que poucos ladrões são capazes de trapacear, todo rastejante é capaz de saquear, se tiver um mínimo de ousadia.

Lar, *s.*

O local do nosso último refúgio – aberto a noite toda.

Lastimável, *adj.*

O estado de um inimigo ou oponente depois de um encontro imaginário conosco.

Latido, *s.*

A canção do cachorro.

Latitudinário, *s.*

Na teologia, um meliante que fica pensando em casa em vez de levar sua mente para fora. Ele é considerado pelo sacerdócio e pelo clero com a mesma aversão que um barbeiro sente pelo homem que se barbeia.

Legal, *adj.*

Compatível com a vontade de uma autoridade judicial competente.

Legar, *v.t.*

Generosamente dar para alguém aquilo que já não pode ser negado a ninguém.

Legislador, *s.*

Um indivíduo que vai à capital do país para aumentar seu capital; aquele que granjeia leis e dinheiro.

Leiloeiro, *s.*

O sujeito que proclama com um martelo que bateu uma carteira com a língua.

Leitura, *s.*

O conjunto do que se lê. Em nosso país a leitura consiste, via de regra, em romances escritos em Indiana, contos escritos em "dialeto" e humor escrito em gíria.

Lenço, *s.*

Um pequeno quadrado de seda ou linho, aplicado no rosto com várias funções ignóbeis, e especialmente utilizável em funerais para esconder a falta de lágrimas.

Leptocéfalos, *s.pl.*

Autores de outros dicionários.

Ler, *v.*

Captar o sentido de um texto, se houver algum. Geralmente não há.

Lete, *s.*

Um rio infernal cujas águas fazem com que aqueles que as bebem esqueçam tudo que sabem; ao passo que o bebedor do produto da Spring Valley Water Company esquece apenas o Terceiro Mandamento e os piedosos preceitos de uma santa mãe.

Levita, *s.*

Um descendente de Levi, de cuja posteridade o Senhor ordenou todos os sacerdotes judeus – um caso de nepotismo merecedor da mais severa censura, como algo incompatível com instituições livres e o princípio da igualdade civil e religiosa.

Lexicógrafo, *s.*

Um sujeito pestilento que, sob o pretexto de registrar determinado estágio do desenvolvimento de uma língua, faz o possível para deter seu crescimento, enrijecer sua flexibilidade e mecanizar seus métodos. Pois o nosso lexicógrafo, tendo escrito seu dicionário, passa a ser considerado "alguém dotado de autoridade", muito embora sua função seja somente fazer um registro, e não ditar a regra. O natural servilismo da inteligência humana, tendo investido nosso lexicógrafo de poder judicial, abre mão de seu direito à razão e se submete a uma crônica como se ela fosse um estatuto. Basta o dicionário (por exemplo) marcar uma boa palavra como "obsoleta" ou "obsolescente" para que bem poucos homens se aventurem depois a usá-la, sejam quais forem as necessidades desses homens e por mais desejável que seja o retorno às boas graças da palavra – e assim o processo de empobrecimento é acelerado e a fala se deteriora. No sentido contrário, o escritor arrojado e exigente que, reconhecendo a verdade de que a língua deve crescer por inovação – quando crescer em alguma medida –, cria novas palavras, ou faz uso das velhas num sentido incomum, não ganha seguidores e é acidamente lembrado de que os vocábulos "não estão no dicionário"

– ainda que, até o surgimento do primeiro lexicógrafo (que Deus o perdoe!), nenhum autor jamais tenha usado uma palavra que *estivesse* no dicionário. Na era dourada e no auge do idioma inglês, quando dos lábios dos grandes elisabetanos brotavam palavras que criavam seus próprios significados e os transmitiam pelo próprio som; quando um Shakespeare e um Bacon eram possíveis, e a língua, hoje rapidamente perecendo numa extremidade e sendo lerdamente renovada na outra, estava em vigoroso crescimento e robusta preservação – mais doce que o mel e mais forte que um leão –, o lexicógrafo era uma pessoa desconhecida, e o dicionário, uma criação que o Criador não o criara para criar.

Liberalidade, *s.*

A generosidade daquele que tem muito ao permitir que aquele que nada tem obtenha tanto quanto puder.

"Uma única andorinha, segundo se diz, devora dez milhões de insetos por ano. O provimento desses insetos eu tomo como sinal destacado da liberalidade do Criador no sustento das vidas de Suas criaturas." – *Henry Ward Beecher.*

Liberdade, *s.*

[1] Um dos bens mais preciosos da imaginação.

[2] Isenção da pressão autoritária numa mísera meia dúzia de métodos em meio a uma multidão infinita de restrições. Uma condição política da qual todas as nações imaginam desfrutar em virtual monopólio. Independência. Ninguém sabe definir de modo

preciso a distinção entre liberdade e independência; os naturalistas nunca foram capazes de encontrar um espécime vivo de nenhuma das duas.

Libertário, *s.*

Alguém que se vê obrigado pelas evidências a crer no livre-arbítrio, e cujo arbítrio está, portanto, livre para rejeitar essa doutrina.

Libertinagem, *s.*

Certa qualidade literária frequentemente observada nos romances populares, em especial naqueles escritos por mulheres e mocinhas, que lhe dão outro nome e pensam que, introduzindo-a, estão ocupando um campo negligenciado das letras e colhendo uma safra ignorada. Quando sofrem a infelicidade de viver por tempo suficiente, elas passam a ser atormentadas pelo desejo de queimar suas colheitas.

Libertino, *s.*

Literalmente, um homem liberto; por conseguinte, um indivíduo escravizado por suas paixões.

Liberto, *s.*

Um indivíduo cujas algemas afundaram tão profundamente na carne que não são mais visíveis.

Liga, *s.*

[1] Uma união de dois ou mais partidos, facções ou associações para promover determinado propósito, geralmente abominável.

[2] Uma tira elástica concebida para impedir que uma mulher saia de suas meias e devaste o país.

Linguagem, *s.*

A música com a qual enfeitiçamos as serpentes que guardam os tesouros dos outros.

Linguista, *s.*

Uma pessoa mais versada nas línguas dos outros do que sábia em sua própria língua.

Linho, *s.*

“Um tipo de pano cuja confecção, quando feito de cânhamo, implica um grande desperdício de cânhamo”. – *Calcraft, o Carrasco.*

Lira, *s.*

Um antigo instrumento de tortura. Hoje a palavra é usada em sentido figurado para denotar o talento poético.

Lisonjear, *v.t.*

Impressionar alguém com uma ideia do nosso próprio mérito.

Literalmente, *adv.*

Figurativamente, como em “O laguinho estava literalmente cheio de peixes”, “O chão literalmente transbordava de tantas cobras”, etc.

Literatura, *s.*

O corpo coletivo dos escritos da humanidade como um todo, com exceção dos de Hubert Howe Bancroft e Adair Welcker. O deles é a antiliteratura.

Litigante, *s.*

Uma pessoa prestes a entregar sua pele na esperança de conservar os ossos.

Litígio, *s.*

Uma máquina na qual você entra como porco e sai como salsicha.

Livre-pensador, *s.*

Um meliante que se recusa perversamente a desviar os olhos do rosto de um padre, e que insiste em fitá-lo com um olhar perscrutador demais. Os livres-pensadores eram antigamente

baleados, queimados, cozidos,

supliciados, açoitados, mutilados,

afogados, enforcados, estripados,

empalados, decapitados, esfolados.

Com o passar do tempo, a nossa santa religião caiu nas mãos e nos corações de intérpretes misericordiosos e humanitários, e a punição do pobre livre-pensador é confiada Àquele que disse: “A mim pertence a vingança, eu retribuirei”. Aqui na terra, o equivocado culpado é apenas

ameaçado, perseguido, ultrajado,

evitado, silenciado, amaldiçoado,

insultado, roubado, enganado,

assediado, ridicularizado, caluniado.

Lobisomem, *s.*

Um lobo que foi outrora, ou é às vezes, um homem. Todos os lobisomens são marcados por temperamento maligno, tendo assumido uma forma bestial para saciar um apetite bestial, mas alguns, transformados por feitiçaria, são tão humanos quanto alguém pode ser ao adotar uma dieta de carne humana.

Alguns camponeses da Baviera, tendo capturado um lobo certa noite, amarraram o bicho a um poste pelo rabo e foram dormir. Na manhã seguinte, não havia nada lá! Totalmente perplexos, consultaram o padre local; este lhes disse que o prisioneiro era sem dúvida um lobisomem que retomara sua forma humana durante a noite. “Da próxima vez que vocês pegarem um lobo”, disse o bom

homem, “tomem o cuidado de acorrentá-lo pela perna; de manhã, encontrarão um luterano.”

Lógica, *s.*

A arte de pensar e raciocinar em estrita conformidade com as limitações e incapacidades da incompreensão humana. A base da lógica é o silogismo, que consiste numa premissa maior, numa menor e numa conclusão – assim:

Premissa maior: Sessenta homens conseguem executar determinado trabalho sessenta vezes mais rápido do que um homem só.

Premissa menor: Um homem consegue cavar um buraco de poste em sessenta segundos; portanto –

Conclusão: Sessenta homens conseguem cavar um buraco de poste em um segundo.

Isso pode ser chamado de silogismo aritmético, pelo qual, combinando lógica e matemática, obtemos uma dupla certeza e somos duplamente abençoados.

Logomaquia, *s.*

Uma guerra em que as armas são as palavras, e os ferimentos, perfurações na bexiga natatória da autoestima – uma espécie de disputa na qual, com o vencido estando inconsciente da derrota, ao vencedor são negadas as recompensas do sucesso.

Lograr, *v.t.*

Dizer ao povo soberano que, caso eleito, você não vai roubar.

Longanimidade, *s.*

Nossa disposição de suportar uma injúria com mansa paciência enquanto amadurecemos um plano de vingança.

Longevidade, *s.*

Prolongamento incomum do medo da morte.

Loquacidade, *s.*

Um distúrbio que deixa o sofredor incapaz de refrear a língua quando você deseja falar.

Lorota, *s.*

Uma mentira cujos dentes ainda não nasceram. A menor distância possível entre um mentiroso habitual e a verdade: o perigeu de sua órbita excêntrica.

Louco, *adj.*

Afetado por um alto grau de independência intelectual; inconformado com os padrões de pensamento, discurso e ação deduzidos pelos conformistas do estudo de si mesmos; em desacordo com a maioria; em suma, incomum. É digno de nota que

pessoas são rotuladas de loucas por autoridades destituídas de evidências de que elas mesmas tenham alguma sanidade mental. Uma ilustração: este presente (e ilustre) lexicógrafo não tem mais firme certeza de sua própria sanidade do que qualquer internado de qualquer hospício do mundo conhecido; no entanto, por mais que considere o contrário, em vez da elevada tarefa que lhe parece estar ocupando seus poderes, ele pode muito bem estar, na realidade, batendo as mãos nas barras da janela de um manicômio e se autodeclarando Noah Webster, para o inocente deleite de muitos espectadores irrefletidos.

Louvor, *s.*

Um empréstimo a juros.

Luminar, *s.*

Alguém que lança luz sobre um assunto – como um editor ao não escrever sobre esse assunto.

Lunícola, *s.*

Um habitante da lua, em oposição ao lunático, indivíduo habitado pela lua.

M

Má fama, *s.*

A fama de um concorrente na disputa pelas honras públicas. O tipo de renome mais acessível e aceitável para os medíocres. Uma escada de Jacó que conduz ao palco do espetáculo de variedades, com anjos subindo e descendo.

Macaco, *s.*

Um animal arborícola que se sente em casa em árvores genealógicas.

Macarrão, *s.*

Uma comida italiana feita sob a forma de um tubo fino e oco. É constituída de duas partes – o tubo e o orifício, este último sendo a parte digerível.

Macho, *s.*

Um membro do sexo desconsiderado ou sexo insignificante. O macho da raça humana é comumente conhecido (pela fêmea) como

Mero Homem. O gênero tem duas variedades: bons provedores e maus provedores.

Maçonaria, *s.*

Uma ordem com ritos secretos, cerimônias grotescas e trajes fantásticos que, tendo se originado no reinado de Carlos II entre os artesãos de Londres, foi sendo adotada sucessivamente pelos mortos dos séculos anteriores em retrocesso ininterrupto até abranger, agora, todas as gerações do homem no lado de cá de Adão, e que também vem angariando distintos recrutas entre os habitantes pré-criacionais do Caos e do Vazio Disforme. A ordem foi fundada em diferentes momentos por Carlos Magno, Júlio César, Ciro, Salomão, Zoroastro, Confúcio, Tutmés e Buda. Seus emblemas e símbolos foram encontrados nas catacumbas de Paris e Roma, sobre as pedras do Partenon e na Grande Muralha chinesa, entre os templos de Karnak e Palmira e nas pirâmides egípcias – sempre por um maçom.

Macróbio, *s.*

Alguém que, esquecido pelos deuses, vive até uma idade avançada. A história humana é abundantemente abastecida de exemplos, de Matusalém ao velho Parr, mas certos casos notáveis de longevidade são menos conhecidos. Um camponês da Calábria chamado Coloni, nascido em 1753, viveu por tanto tempo que teve o que considerou ser um vislumbre da aurora da paz universal. Scanavius relata ter conhecido um arcebispo que, de tão velho, conseguia se lembrar de um tempo em que não merecia ser enforcado. Em 1566, um

negociante de linho de Bristol, Inglaterra, declarou que já vivera quinhentos anos, e que durante todo esse tempo jamais contara uma mentira. Há casos de longevidade (*macrobiose*) em nosso próprio país. O senador Chauncey Depew, de tão velho, já devia ter um mínimo de sabedoria. O editor do *American*, um jornal de Nova York, tem uma memória que remonta ao tempo em que ele era um patife, mas não ao fato em si. O presidente dos Estados Unidos nasceu há tanto tempo que muitos dos amigos de sua juventude alcançaram altas nomeações políticas e militares sem o auxílio do mérito pessoal.

Magia, *s.*

A arte de transformar superstição em moeda. Há outras artes que servem ao mesmo propósito elevado, mas este discreto lexicógrafo não vai nomeá-las.

Magistrado, *s.*

Um oficial de justiça com jurisdição limitada e incapacidade irrestrita.

Magnetismo, *s.*

Algo que influi sobre um magneto.

Magneto, *s.*

Algo influenciado pelo magnetismo.

As duas definições imediatamente anteriores representam um resumo das obras de mil cientistas eminentes, que iluminaram o assunto com poderosa luz branca, para o inexprimível avanço do conhecimento humano.

MAGNÍFICO, *adj.*

Dotado de grandeza ou esplendor superiores àqueles aos quais o espectador está acostumado, como as orelhas de um burro para um coelho, ou a glória de um vaga-lume para um verme.

MAGNITUDE, *s.*

Tamanho. A magnitude sendo puramente relativa, nada é grande e nada é pequeno. Se tudo no universo tivesse seu volume aumentado em mil diâmetros, nada seria maior do que foi antes, mas, se uma única coisa permanecesse inalterada, todas as outras seriam maiores do que haviam sido. Para uma inteligência familiarizada com a relatividade da magnitude e da distância, os espaços e as massas do astrônomo não seriam mais impressionantes do que os do microscopista. Por mais que não tenhamos prova do contrário, o universo visível pode muito bem ser uma pequena parte de um átomo, com seus íons componentes flutuando no fluido vital (éter luminífero) de algum animal. Possivelmente, as minúsculas criaturas que povoam os corpúsculos do nosso próprio sangue ficam tomadas da devida emoção quando contemplam a impensável distância entre um e outro.

Maionese, *s.*

Um dos molhos servidos aos franceses no lugar de uma religião de Estado.

Malcriado, *adj.*

“Criado” em vez de educado.

Malfeitor, *s.*

O principal feitor no progresso da raça humana.

Malthusiano, *adj.*

Referente a Malthus e suas doutrinas. Malthus acreditava em limitar artificialmente a população, mas constatou que isso não poderia ser feito com mera conversa. Um dos mais práticos expoentes da ideia malthusiana foi Herodes da Judeia, embora todos os soldados famosos tenham sempre pensado da mesma maneira.

Malthusiasmo, *s.*

Animada aceitação das doutrinas de Malthus.

Mamíferos, *s.pl.*

Uma família de animais vertebrados cujas fêmeas em estado natural amamentam seus filhotes, mas, quando civilizadas e esclarecidas, valem-se de uma ama-seca ou usam a mamadeira.

Mamon, *s.*

O deus da maior religião do mundo. O templo principal fica na cidade sagrada de Nova York.

Maná, *s.*

Um alimento miraculosamente ofertado aos israelitas no deserto. Quando deixaram de ser abastecidos pelo maná, eles se assentaram e cultivaram a terra, fertilizando-a, via de regra, com os corpos dos ocupantes originais.

Manes, *s.pl.*

As partes imortais dos gregos e romanos mortos. Eles ficavam num estado de maçante desconforto até que os corpos dos quais haviam exalado fossem enterrados e queimados; e não parecem ter ficado particularmente felizes depois.

Manhã, *s.*

O fim da noite e o alvorecer do desânimo. A manhã foi descoberta por um astrônomo caldeu que, vendo sua observação das estrelas ser inexplicavelmente interrompida, diligentemente procurou a causa e a encontrou. Após vários séculos de controvérsia, a manhã foi universalmente aceita pela comunidade científica como causa razoável da interrupção e como um fenômeno natural constantemente recorrente.

Maniqueísmo, *s.*

Antiga doutrina persa sobre uma guerra sem fim entre o Bem e o Mal. Quando o Bem desistiu da luta, os persas se juntaram à vitoriosa Oposição.

Mansidão, *s.*

Paciência incomum no planejamento de uma vingança que vale a pena.

Mão, *s.*

Singular instrumento usado na extremidade do braço humano e comumente enfiado no bolso de alguém.

Maquinação, *s.*

O método empregado por nossos oponentes para frustrar nossos francos e dignos esforços de fazer a coisa certa.

Maravilhoso, *adj.*

Não entendido.

Marcha, *s.*

Nas questões militares, a maré de um exército seduzido pelo fascínio da pilhagem.

Marco tumular, *s.*

Uma espécie de sepultura que não é sacrilégio pilhar.

Essa, aliás, é uma peculiaridade de todos os túmulos antigos, e o erudito Dr. Berosus Huggyns (1561) nos dá sua opinião de que uma sepultura desconhecida poderá ser saqueada sem pecado, no interesse do conhecimento, assim que os ossos tiverem parado de feder – a alma estando então totalmente exalada.

Marfim, *s.*

Uma substância generosamente fornecida pela natureza para a fabricação de bolas de bilhar. É normalmente colhida da boca dos elefantes.

Marido, *s.*

Alguém que, tendo jantado, é encarregado de lavar o prato.

Martelo, *s.*

Um instrumento para esmagar o polegar humano.

Mártir, *s.*

[1] Alguém que se desloca por um caminho de menor relutância rumo a uma morte desejada.

[2] Alguém que se submete à morte em vez de fazer algo que lhe seja mais desagradável. A distinção entre o martírio e o mero assassinato nem sempre fica clara para a vítima.

Matar, *v.t.*

Criar uma vaga sem nomear um sucessor.

Material, *adj.*

Dotado de uma existência real, em oposição a uma existência imaginária. Importante.

Matrimônio, *s.*

Uma cerimônia em que duas pessoas se comprometem a ser uma, uma se compromete a ser nada e nada se compromete a ser suportável.

Mausoléu, *s.*

O último e mais engraçado disparate dos ricos.

Meandrar, *v.i.*

Proceder sem rumo e sinuosamente. A palavra vem do antigo nome de um rio, situado cerca de duzentos e quarenta quilômetros ao sul

de Troia, que se curvava e se retorcia num esforço para não escutar os gregos e troianos se gabando de suas proezas.

Medalha, *s.*

Um pequeno disco metálico concedido como recompensa por virtudes, realizações ou serviços mais ou menos autênticos.

Relata-se que Bismarck, tendo sido premiado com uma medalha depois de ter bravamente resgatado uma pessoa quase afogada, foi perguntado sobre o significado da medalha e respondeu: “Eu salvo vidas às vezes”. E às vezes ele não salvava.

Mediar, *v.i.*

Meter o nariz.

Médico, *s.*

Indivíduo no qual lançamos as nossas esperanças quando estamos doentes e os nossos cães quando estamos bem.

Médico-legista, *s.*

Um funcionário municipal encarregado da tarefa de retalhar pessoas desafortunadas para ver se elas estão mortas. Elas sempre estão.

Medidor de gás, *s.*

O mentiroso da família no porão.

MEDO, *s.*

Um pressentimento da total depravação do futuro imediato.

MELANCOLIA, *s.*

A condição mental produzida por atores brancos maquiados como negros, pela seção cômica de um jornal, pela esperança de ir para o céu e por um dicionário do Diabo. Ver DEPRESSÃO.

MENDAZ, *adj.*

Viciado em retórica.

MENDIGAR, *v.*

Pedir uma coisa com um fervor proporcional à crença de que a coisa não será dada.

MENDIGO, *s.*

[1] Aquele que confiou no auxílio de seus amigos.

[2] Uma praga cruelmente infligida sobre os sofridos ricos.

MENINICE, *s.*

O período da vida humana intermediário entre a idiotice da infância e o desatino da juventude – a dois passos do pecado da

masculinidade e a três do remorso da velhice.

Menor, *adj.*

Menos objetável.

Mente, *s.*

Substância misteriosa secretada pelo cérebro. Sua principal atividade consiste no empenho de determinar sua própria natureza, a futilidade da tentativa se devendo ao fato de que ela não tem nada com que possa se conhecer senão ela mesma.

Mentiroso, *s.*

Um advogado com carta branca.

Merecimento, *s.*

A qualidade de ter direito àquilo que outra pessoa obtém.

Mesmerismo, *s.*

O hipnotismo antes de usar boas roupas, ostentar uma carruagem e convidar a Incredulidade para jantar.

Metade, *s.*

Uma de duas partes iguais em que uma coisa pode ser dividida, ou considerada como dividida. No século XIV, travou-se uma discussão acalorada entre teólogos e filósofos para determinar se a Onisciência poderia partir um objeto em três metades; e o piedoso padre Aldrovinus implorou publicamente, na catedral de Rouen, para que Deus demonstrasse a afirmativa da proposição – por meio de algum sinal inconfundível que incidisse particularmente (se fosse do agrado Dele) no corpo do intrépido blasfemador Manutius Procinus, que defendia a negativa. Procinus, no entanto, foi poupado para morrer picado por uma víbora.

Metralhada, *s.*

Um argumento que o futuro está preparando para responder às demandas do socialismo americano.

Metrópole, *s.*

Uma fortaleza do provincianismo.

Meu, *adj.*

Aquilo que me pertence se eu puder segurá-lo ou arrebatá-lo.

Milênio, *s.*

O término de um período de mil anos, quando a tampa deve ser aparafusada com todos os reformadores do lado de baixo.

Mim, *pron.*

O caso objetável do “eu”. Em inglês, o pronome pessoal tem três casos: o dominativo, o objetável e o opressivo. Cada um vale por todos os três.

Ministro, *s.*

Agente de um poder superior com uma responsabilidade menor. Na diplomacia, um oficial enviado a um país estrangeiro como a encarnação visível da hostilidade de seu soberano. Sua principal qualificação é um grau de inveracidade plausível que fica logo abaixo do grau de um embaixador.

Misericórdia, *s.*

Uma adaga que, nas batalhas medievais, era usada pelos soldados de infantaria para lembrar ao cavaleiro desmontado que ele era mortal.

Mitologia, *s.*

O conjunto das crenças de um povo primitivo a respeito de sua origem, sua história remota, seus heróis, suas divindades e assim por diante, em oposição aos relatos verdadeiros que eles inventam mais tarde.

Moda, s.

Uma déspota que os sábios ridicularizam e obedecem.

MOLÉCULA, *s.*

A última e indivisível unidade da matéria. Distingue-se do corpúsculo, também a última e indivisível unidade da matéria, por uma semelhança maior com o átomo, também a última e indivisível unidade da matéria. Três grandes teorias científicas da estrutura do universo são a molecular, a corpuscular e a atômica. Uma quarta defende, com Haeckel, a condensação ou precipitação de matéria advinda do éter – cuja existência é comprovada por essa condensação ou precipitação. A propensão atual do pensamento científico favorece a teoria dos íons. O íon difere da molécula, do corpúsculo e do átomo na circunstância de ser um íon. Há uma quinta teoria sustentada por idiotas, mas é duvidoso que saibam sobre o assunto algo mais do que os outros.

MOLHO, *s.*

O mais infalível sinal da existência de civilização e cultura esclarecida. Um povo sem molhos tem mil vícios; um povo com um molho tem apenas novecentos e noventa e nove. Para cada molho inventado e aprovado, um vício é renunciado e perdoado.

MÔNADA, *s.*

A última e indivisível unidade da matéria. (Ver MOLÉCULA.) De acordo com Leibnitz, até onde ele parece disposto a ser compreendido, a mônada tem um corpo sem massa e uma mente sem manifestação – Leibnitz a reconhece pelo inato poder da

ponderação. Ele fundou com base nela uma teoria do universo, coisa que a criatura suporta sem ressentimento, pois é uma verdadeira dama. Pequena como é, a mônada contém todas as possibilidades e todos os poderes necessários para evoluir até se transformar num filósofo alemão de primeira classe – de modo geral, uma criaturinha muito capaz. Não deve ser confundida com o micróbio ou o bacilo; por sua incapacidade de discerni-la, um bom microscópio revela que ela é de uma espécie inteiramente distinta.

MONARCA, *s.*

Uma pessoa encarregada de reinar. Antigamente o poder do monarca era mais monopolizado, como atesta a derivação da palavra, e como muitos súditos tiveram oportunidade de aprender. Na Rússia e no Oriente, o monarca ainda exerce uma influência considerável nos assuntos públicos e na disposição da cabeça humana, mas, na Europa ocidental, a administração política é confiada principalmente a seus ministros, ficando ele um tanto preocupado com reflexões relacionadas ao estado de sua própria cabeça.

MONÓLOGO, *s.*

A atividade de uma língua que não tem ouvidos.

MONSENHOR, *s.*

Um alto título eclesiástico de cujas vantagens o Fundador da nossa religião não tomou conhecimento.

MONUMENTO, *s.*

Uma estrutura destinada a comemorar algo que ou não precisa de comemoração ou então não pode ser comemorado.

> Os ossos de Agamenon estão à mostra,
>
> E arruinado está seu monumento real,

mas a fama de Agamenon não sofre nenhuma diminuição em consequência. O costume do monumento tem suas *reductiones ad absurdum* em monumentos “para os mortos desconhecidos” – isto é, monumentos para perpetuar a lembrança daqueles que não deixaram nenhuma lembrança.

MORAL, *adj.*

Em conformidade com um padrão local e mutável de conduta correta. Dotado da qualidade de ser universalmente conveniente.

MÓRMON, *s.*

Um seguidor de Joseph Smith, que recebeu de um anjo uma revelação inscrita em placas de latão, posteriormente revisadas e ampliadas por seu sucessor na profecia. Enquanto ainda não passavam de um povo inofensivo, os mórmons foram duramente perseguidos, seu profeta foi assassinado, suas casas foram queimadas; então foram expulsos para o deserto, onde prosperaram, praticaram a poligamia e ingressaram, por sua vez, no jogo da perseguição.

“Dizem que os mórmons são mentirosos. Dizem que Joseph Smith *não* recebeu das mãos de um anjo a revelação escrita que nós obedecemos. Eles que provem!” – *Brigham Young, profeta e especialista em lógica.*

Mortadela, *s.*

Um cachorro morto que é melhor do que um leão vivo, mas não se deve comer.

Mortalidade, *s.*

A parte da imortalidade que nós conhecemos.

Morto, *adj.*

Sem mais precisar respirar; sem mais
Sofrer no mundo; as lutas infernais
Terminadas; o grande prêmio afinal
Recebido: uma pá de cal!

Squatol Johnes.

Mosaico, *s.*

Uma espécie de trabalho incrustado. A palavra vem de Moisés, que, quando pequeno, foi incrustado numa cesta entre os juncos.

Mosquito, *s.*

O germe da insônia, distinto da Consciência, que é a bactéria da mesma doença. Natural de Nova Jersey, onde os pântanos nos quais se multiplica são conhecidos como prados e os próprios mosquitos são referidos pelos nativos como cotovias.

“Eu sou o mestre de todas as coisas!”, exclamou o Homem.

“E eu, então, sou o quê?”, retrucou o Mosquito.

Motivo, *s.*

Um lobo mental numa pele moral.

Movimento, *s.*

Uma propriedade, condição ou estado da matéria. A existência e a possibilidade do movimento são negadas por muitos filósofos, que apontam a circunstância de que uma coisa não pode se mover onde está e não pode se mover onde não está. Outros, com Galileu, afirmam: “Entretanto se move”. Não cabe ao lexicógrafo decidir.

“Como é encantadora a divina Filosofia!” – *Milton.*

Mula, *s.*

Adendo impensado da criação; um animal que Adão não nomeou.

Mulher, *s.*

Integrante do chamado sexo oposto ou forte.

MULTIDÃO, *s.*

Uma turba. Na política, fonte de sabedoria e virtude. Numa república, objeto da adoração do estadista. “Há sabedoria numa multidão de conselheiros”, diz o provérbio. Se vários homens com idêntica sabedoria individual são mais sábios do que qualquer um deles, por certo eles adquirem o excesso de sabedoria pelo simples ato de ficar juntos. De onde vem isso? Obviamente, de lugar nenhum – dá no mesmo dizer que uma cadeia de montanhas é mais alta do que as montanhas isoladas que a compõem. Uma multidão é tão sábia quanto seu membro mais sábio quando ela o obedece; caso contrário, não é mais sábia do que seu membro mais tolo.

MÚMIA, *s.*

Um egípcio antigo, outrora usado como medicamento universal nas modernas nações civilizadas, e agora envolvido no fornecimento à arte de um excelente pigmento. Também é útil em museus para satisfazer a curiosidade vulgar que distingue o homem dos animais inferiores.

MUSTANGUE, *s.*

Um cavalo indócil das planícies do oeste. Na sociedade inglesa, a esposa americana de um nobre inglês.

N

Nação, *s.*

Entidade administrativa operada por uma multidão incalculável de parasitas políticos logicamente ativos, mas fortuitamente eficientes.

Não americano, *adj.*

Perverso, intolerável, bárbaro.

Nariz, *s.*

O mais extremo posto avançado do rosto. Pela circunstância de que os grandes conquistadores possuem grandes narizes, Getius, cujos escritos antecedem a era do humor, chama o nariz de “órgão da visão”. Já foi observado que o nosso nariz nunca fica tão alegre como quando está metido nos assuntos dos outros, fato do qual alguns fisiologistas tiraram a inferência de que o nariz é desprovido do sentido do olfato.

Nariz-de-garrafa, *adj.*

Possuidor de um nariz feito à imagem do criador.

Nascimento, *s.*

O primeiro e mais medonho de todos os desastres. Quanto à natureza do fenômeno, parece não haver uniformidade. Castor e Pólux nasceram do ovo. Palas saiu de um crânio. Galateia foi outrora um bloco de pedra. Peresilis, que escreveu no século X, garante ter brotado do chão sobre o qual um sacerdote havia derramado água benta. Sabe-se que Arimaxus derivou de um buraco no solo, aberto por incidência de raio. Leucomedon era filho de uma caverna do Monte Etna, e eu mesmo vi um homem sair de uma adega.

Natal, *s.*

Um dia reservado e consagrado à gula, à embriaguez, à pieguice, à troca de presentes, à chatice pública e à má conduta doméstica.

Nepotismo, *s.*

Nomear a vovó para um cargo público pelo bem do partido.

Neutro, *s.*

Na política, um indivíduo afligido por autoestima e afeito ao vício da independência. Termo pejorativo.

Newtoniano, *adj.*

Referente a uma filosofia do universo inventada por Newton, que descobriu que uma maçã inevitavelmente cai no chão, mas foi incapaz de dizer por quê. Seus sucessores e discípulos avançaram tanto que já são capazes de dizer quando.

Niilista, *s.*

Um russo que nega a existência de tudo, menos a de Tolstói. O líder da escola é Tolstói.

Nirvana, *s.*

Na religião budista, um prazeroso estado de aniquilação concedido aos sábios, especialmente àqueles que são sábios o bastante para compreender esse estado.

Nivelador, *s.*

O tipo de reformador político e social que se preocupa mais em puxar os outros para baixo, de modo que lhe façam companhia, do que em se elevar até eles.

Nobre, *s.*

Provisão da natureza para americanas solteiras e ricas que ambicionam incorrer em distinção social e sofrer na alta sociedade.

Noiva, *s.*

Mulher com uma bela perspectiva de felicidade atrás de si.

Noivo, *s.*

Equipado com uma tornozeleira de ferro para prender bola e corrente.

Noivos, *s.pl.*

Um homem e uma mulher que, sendo agradáveis um para o outro e desagradáveis para seus amigos, anseiam por conciliar a sociedade passando a ser insuportáveis um com o outro.

Nomeado, *s.*

Um cavalheiro modesto diminuindo de tamanho, saindo da distinção da vida privada e diligentemente buscando a honrosa obscuridade do cargo público.

Nomear, *v.*

Designar para o mais pesado fardo político. Indicar uma pessoa competente para suportar os tomates podres e os gatos mortos da oposição.

Novembro, *s.*

A décima primeira das doze partes de um tédio.

NUDEZ, *s.*

A qualidade artística que se mostra mais dolorosa para quem tem pruridos.

NÚMENO, *s.*

Aquilo que existe, em oposição àquilo que apenas parece existir, este último sendo um fenômeno. O númeno é um pouco difícil de localizar; ele só pode ser apreendido por um processo de raciocínio – que é um fenômeno. Não obstante, a descoberta e a exposição dos númenos oferecem um campo fértil para o que Lewes chama de “a empolgante variedade infinita do pensamento filosófico”. Viva (portanto) o númeno!

O

Obcecado, *part.*

Transtornado por um espírito maligno, como os porcos gadarenos e outros críticos. A obsessão foi outrora mais comum do que é hoje. Arasthus conta a história de um camponês que era ocupado por um diabo diferente a cada dia da semana, e aos domingos por dois. Eles eram vistos com grande frequência, sempre caminhando na sombra do camponês quando ele estava obcecado, mas foram afinal expulsos pelo notário da aldeia, um santo homem; mas os diabos levaram o camponês consigo, pois ele desapareceu completamente. Um diabo arrancado de uma mulher pelo arcebispo de Reims saiu correndo pelas ruas, perseguido por cem pessoas, até chegar ao campo aberto, onde, pulando mais alto que uma torre de igreja, escapou num pássaro. Um capelão do exército de Cromwell exorcizou o diabo obcecante de um soldado atirando esse soldado na água, fazendo com que o diabo subisse à superfície. O soldado, infelizmente, não subiu.

Observatório, *s.*

Um lugar onde os astrônomos ficam conjeturando sem pressa sobre os palpites de seus antecessores.

Obsoleto, *adj.*

Aquilo que deixou de ser utilizado pelos tímidos. Dito principalmente a respeito de palavras. Uma palavra que algum lexicógrafo marca como obsoleta se torna depois um eterno objeto de pavor e aversão para o escritor tolo, mas, se for uma palavra boa que não tiver nenhum exato equivalente moderno igualmente bom, ela será boa o bastante para o bom escritor. Na verdade, a atitude de um escritor diante das palavras “obsoletas” é uma medida tão verdadeira de sua capacidade literária quanto qualquer coisa que não o caráter de seu trabalho. Um dicionário de palavras obsoletas e obsolescentes não só seria singularmente rico em frutos fortes e doces do idioma; acrescentaria imensas posses ao vocabulário de todo escritor competente que porventura não fosse um leitor competente.

Obstetra, *s.*

O fornecedor do Diabo.

Obstinação, *s.*

Firmeza pervertida. Persistência em algo questionável. Constância numa conclusão divergente. Afirmação indireta, por parte de outro, da nossa falibilidade.

Obstinado, *adj.*

Inacessível à verdade tal como ela se manifesta no esplendor e na ênfase da nossa defesa.

O protótipo popular e mais expoente da obstinação é a mula, um animal muitíssimo inteligente.

Ocasional, *adj.*

Algo que nos aflige com maior ou menor frequência. Esse, porém, não é o sentido em que a palavra é usada na expressão “versos ocasionais”, que são versos escritos por uma “ocasião”, como um aniversário, uma celebração ou outro evento. É verdade, eles nos afligem um pouco mais do que outros tipos de verso, mas o nome não se refere de modo algum a uma recorrência irregular.

Oceano, *s.*

Massa de água que ocupa cerca de dois terços de um mundo feito para o homem – que não possui guelras.

Ocidente, *s.*

A parte do mundo situada a oeste (ou a leste) do Oriente. É em grande parte habitada por cristãos, poderosa subtribo dos Hipócritas, cujos principais empreendimentos são o assassinato e a fraude, que eles gostam de chamar de “guerra” e “comércio”. Esses são também os principais empreendimentos do Oriente.

Ócio, *s.*

O intervalo lúcido de uma vida desordenada.

Ociosidade, *s.*

Uma fazenda-modelo onde o diabo faz experimentos com sementes de novos pecados e promove o cultivo de vícios essenciais.

Oculto, *adj.*

Algo que só vem a ser conhecido por quem acha que vale a pena conhecê-lo.

Ódio, *s.*

Um sentimento apropriado à ocasião da superioridade de outra pessoa.

Ofensivo, *adj.*

Aquilo que gera emoções ou sensações desagradáveis, como o avanço de um exército contra seu inimigo.

"A tática do inimigo foi ofensiva?", perguntou o rei.

"Eu diria que sim!", respondeu o general malsucedido. "O patife não quis sair da trincheira!"

Oleaginoso, *adj.*

Oleoso, liso, lustroso.

Disraeli certa vez descreveu os modos do bispo Wilberforce como “untuosos, oleaginosos, saponáceos”. E o bom prelado nunca mais deixou de ser conhecido como Sam Ensaboado. Para cada homem existe uma palavra no vocabulário que gruda nele como segunda pele. Seus inimigos só precisam encontrá-la.

Olímpico, *adj.*

Relativo a uma montanha da Tessália, habitada outrora por deuses, hoje um repositório de jornais amarelados, garrafas de cerveja e latas de sardinha mutiladas, atestando a presença do turista e de seu apetite.

Oneração, *s.*

Aquilo que tira o valor de uma propriedade sem afetar seu título. O direito de outro camarada ao recheio da nossa torta.

Ópera, *s.*

Uma peça que representa a vida em outro mundo, cujos habitantes não falam, mas cantam, não se movem, mas gesticulam, e não têm posturas, mas poses. Toda atuação é simulação, e a palavra *simulação* vem de *simia*, macaco; na ópera, porém, o ator usa como seu modelo o *Simia audibilis* (ou *Pithecanthropos estentor*) – o macaco que uiva.

Ópio, *s.*

Uma porta destrancada na prisão da Identidade. Ela conduz ao pátio do presídio.

Opor-se, *v.*

Ajudar com obstáculos e objeções.

Oportunidade, *s.*

Ocasião propícia para não deixar escapar uma decepção.

Oposição, *s.*

Na política, o partido que impede o governo de dar um passo maior do que as pernas cortando suas pernas.

O rei de Ghargaroo, tendo viajado ao exterior para estudar a ciência do governo, nomeou uma centena de seus súditos mais gordos como membros de um parlamento para fazer leis que gerassem arrecadação de receitas. Designou quarenta deles como integrantes do Partido da Oposição e mandou seu primeiro-ministro instruí-los cuidadosamente para que se opusessem a qualquer medida real. Não obstante, o primeiro projeto submetido foi aprovado por unanimidade. Muitíssimo descontente, o rei o vetou, informando aos membros da oposição que, se fizessem aquilo de novo, pagariam pela obstinação com suas cabeças. Todos os quarenta prontamente estriparam suas próprias barrigas.

“O que faremos agora?”, perguntou o rei. “As instituições liberais não podem ser mantidas sem um partido de oposição.”

“Esplendor do universo”, retrucou o primeiro-ministro, “é verdade que esses cães das trevas já não têm suas credenciais, mas nem tudo está perdido. Deixe o assunto nas mãos deste verme do pó.”

Então o ministro providenciou para que os corpos da Oposição de Sua Majestade fossem embalsamados, empalhados, recolocados em seus lugares e pregados nos assentos do poder. Quarenta votos passaram a ser registrados contra cada novo projeto de lei, e a nação prosperou. Certo dia, porém, um projeto para instituir um imposto sobre verrugas foi derrotado – os membros do partido do governo não tinham sido pregados em seus assentos! Isso enfureceu o rei a tal ponto que o primeiro-ministro foi executado, o parlamento foi dissolvido com uma bateria de artilharia e o governo do povo, pelo povo e para o povo desapareceu de Ghargaroo.

Oratória, *s.*

Uma conspiração entre discurso e ação para enganar o entendimento. Uma tirania moderada pela estenografia.

Órfão, *s.*

Uma pessoa viva de quem a morte roubou o poder da ingratidão filial – uma privação que atrai com particular eloquência tudo que existe de solidário na natureza humana. Quando jovem, o órfão é comumente mandado para uma instituição na qual, pelo cuidadoso cultivo de seu rudimentar senso de localização, ele aprende qual é

seu devido lugar. Depois é instruído nas artes da dependência e da servidão, e finalmente é libertado para se vingar do mundo atuando como engraxate ou copeira.

Ostra, *s.*

Um molusco viscoso e mucoso que os homens civilizados têm a temeridade de comer sem lhe tirar as entranhas! As conchas às vezes são dadas aos pobres.

Otimismo, *s.*

A doutrina, ou crença, de que tudo é lindo, inclusive o que é feio; de que tudo é bom, especialmente o ruim; e de que tudo que é errado está certo. É adotada com maior tenacidade por aqueles mais acostumados ao azar de cair em adversidade, e é mais aceitavelmente exposta com um sorriso forçado. Sendo uma fé cega, é inacessível à luz da refutação – uma desordem intelectual que não cede a nenhum tratamento, exceto a morte. É hereditária, mas, felizmente, não contagiosa.

Otimista, *s.*

Um defensor da doutrina de que o preto é branco.

Um pessimista encaminhou a Deus uma requisição de socorro.

“Ah, você deseja que eu lhe restitua sua esperança e alegria”, disse Deus.

“Não”, retrucou o requerente, “gostaria que o senhor criasse algo que as justificasse.”

“O mundo está todo criado”, disse Deus, “mas você esqueceu uma coisa – a mortalidade do otimista.”

OURIÇO, *s.*

O cacto do reino animal.

OURO, *s.*

Um metal amarelo muito valorizado por sua conveniência nos vários tipos de roubo conhecidos como comércio. O ouro é o mais pesado de todos os metais com exceção da platina, e uma quantidade considerável dele afunda um homem muito mais rápida e profundamente do que a platina, a tal ponto que esta última é transformada em salva-vidas e utilizada como dispositivo de elevação para balões.

OUVINTE, *s.*

Pessoa que encontra nas afirmações de um orador público algo que o estimula singularmente a pensar sobre seus próprios assuntos.

OVERDOSE, *s.*

Uma dose fatal de medicamento quando ministrada por qualquer pessoa que não seja um médico.

P

Paciência, *s.*

Uma forma menor de desespero, disfarçada de virtude.

Pagão, *s.*

[1] Um indivíduo ignorante que prefere divindades caseiras e ritos religiosos indígenas.

[2] Uma criatura ignorante que comete a estupidez de adorar algo que ela consegue ver e sentir.

Pai, *s.*

Um comissário e intendente de subsistência fornecido pela natureza para nossa manutenção no período em que ainda não aprendemos a viver de rapina.

Palácio, *s.*

Uma residência refinada e cara, particularmente a de uma grande autoridade. A residência de um alto dignitário da Igreja Cristã é

chamada de palácio; a do Fundador de sua religião era conhecida como campo, ou beira de estrada. Existe progresso no mundo.

Palerma, *s.*

Uma pessoa de graça imperfeita, um pouco dada demais ao vício de tropeçar nos próprios pés.

Palma, *s.*

Espécie de árvore com diversas variedades, das quais a popular “palma luxuriante” (*Palma hominis*) é mais amplamente distribuída e diligentemente cultivada. Esse nobre vegetal exala certa goma invisível que podemos detectar aplicando na casca uma moeda de ouro ou prata. O metal ficará grudado com notável tenacidade. O fruto da palma luxuriante é tão amargo e insatisfatório que uma porcentagem considerável é doada, por vezes, sob a forma de uma ação conhecida como “beneficente”.

Pandemônio, *s.*

Literalmente, a Morada de Todos os Demônios. A maioria deles se exilou na política e nas finanças, e a morada é agora usada pelo Reformador Audível como salão de conferências. Quando perturbados por sua voz, os ecos antigos clamam respostas apropriadas que são muitíssimo gratificantes para o orgulho de distinção do pregador.

Panteísmo, *s.*

A doutrina de que tudo é Deus, em contraste com a doutrina de que Deus é tudo.

Pantomima, *s.*

Uma peça em que a história é contada sem violentar o idioma. A forma menos desagradável de ação dramática.

Pão-duro, *adj.*

Indevidamente desejoso de manter aquilo que muitas pessoas meritórias desejam obter.

Papai, *s.*

Um pai desrespeitado por seus filhos vulgares.

Parricídio, *s.*

Um golpe de misericórdia filial pelo qual um indivíduo é libertado dos prolongados tormentos da paternidade.

Partidário, *s.*

[1] Um seguidor que ainda não obteve tudo que espera ganhar.

[2] Um adepto desprovido de bom senso.

Passado, *s.*

A pequena fração da Eternidade com a qual temos uma ligeira e lamentável familiaridade. Uma linha móvel chamada Presente a separa de um período imaginário conhecido como Futuro. Essas duas grandes divisões da Eternidade, das quais uma fica continuamente apagando a outra, são inteiramente diferentes. Uma é sombria de tanta tristeza e decepção, a outra brilha de alegria e prosperidade. O Passado é a região dos soluços, e o Futuro, o reino da canção. No primeiro, agacha-se a Memória, trajando aniagem e cinzas, resmungando preces penitenciais; sob o luminoso sol do segundo, a Esperança voa com asas livres, chamando-nos para templos de sucesso e caramanchões de sossego. Contudo, o Passado é o Futuro de ontem, e o Futuro é o Passado de amanhã. Eles são a mesma coisa – o conhecimento e o sonho.

Passaporte, *s.*

Um documento traiçoeiramente imposto a um cidadão que vai para o exterior, expondo-o como um alienígena e destacando-o para especial reprovação e afronta.

Passatempo, *s.*

Um artifício para promover o desânimo. Exercício leve para a debilidade intelectual.

Patifaria, *s.*

Estupidez militante. A atividade de um intelecto nublado.

Patife, *s.*

Um tolo considerado sob outro aspecto.

Patriota, *s.*

Alguém a quem os interesses de uma parte parecem superiores aos interesses do todo. O joguete dos estadistas e a ferramenta dos conquistadores.

Patriotismo, *s.*

Lixo combustível pronto para a tocha de qualquer ambicioso que quiser iluminar seu nome.

No famoso dicionário do Dr. Johnson, o patriotismo é definido como o último refúgio de um canalha. Com todo o respeito devido a um lexicógrafo esclarecido, mas inferior, peço licença para defender que é o primeiro.

Paz, *s.*

Nos assuntos internacionais, um período de trapaças entre dois períodos de combate.

Pecar, *v.i.*

Ingressar em outra congregação.

Pedestre, *s.*

A parte variável (e audível) da via para um automóvel.

Pedigree, *s.*

A parte conhecida do caminho que vai de um ancestral arborícola dotado de uma bexiga natatória até um descendente urbano dotado de um cigarro.

Pegar, *v.t.*

Adquirir, frequentemente por força, mas preferencialmente por furto.

Pele-vermelha, *s.*

Um índio norte-americano cuja pele não é vermelha, pelo menos do lado de fora.

Pelourinho, *s.*

Um dispositivo mecânico para infligir distinção pessoal – protótipo do jornal moderno dirigido por pessoas de virtudes austeras e vidas impecáveis.

Pena, *s.*

Um instrumento de tortura produzido por um ganso e comumente empunhado por um burro. O uso da pena é agora obsoleto, mas seu equivalente moderno, a caneta de aço, é empunhado pelo mesmo Espectro eterno.

Penitente, *adj.*

Sofrendo ou aguardando punição.

Perda, *s.*

Privação de algo que tínhamos ou não tínhamos. Assim, no segundo sentido, afirma-se sobre um candidato derrotado que ele “perdeu a eleição”; e sobre o poeta Gilder, eminente homem, que ele “perdeu a cabeça”.

Perdão, *s.*

Estratagema para deixar um criminoso desprevenido e pegá-lo em flagrante no delito seguinte.

Perdição, *s.*

A perda da alma; e também o lugar onde ela pode ser encontrada.

Peregrino, *s.*

Um viajante que é levado a sério. Um Pai Peregrino foi alguém que, deixando a Europa em 1620 porque não lhe permitiam cantar

salmos pelo nariz, seguiu para Massachusetts, onde poderia personificar Deus de acordo com os ditames de sua consciência.

Perfeição, *s.*

Uma condição ou qualidade imaginária que se distingue do estado real por um elemento conhecido como excelência; um atributo do crítico.

Pericárdio, *s.*

Um saco de membrana que cobre uma multidão de pecados.

Peripatético, *adj.*

Andando para lá e para cá. Relativo à filosofia de Aristóteles, que, enquanto a explanava, deslocava-se de um lugar para outro a fim de evitar as objeções de seus pupilos. Uma precaução desnecessária – eles não entendiam o assunto mais do que ele.

Peroração, *s.*

A explosão de um foguete oratório. É deslumbrante, mas, para um observador que tiver o tipo errado de nariz, sua peculiaridade mais conspícua será o cheiro dos vários tipos de pólvora utilizados em sua preparação.

Perseverança, *s.*

Uma humilde virtude através da qual a mediocridade alcança um sucesso inglório.

Perspectiva, *s.*

Um panorama geralmente proibitivo. Uma expectativa geralmente proibida.

Persuasão, *s.*

Uma espécie de hipnose na qual a sugestão oral assume a forma estorvadora de um argumento ou apelo.

No órgão legislativo do futuro, os votos serão conquistados, como agora, por sugestão hipnótica, mas não haverá debates para obscurecer as resoluções do governo e travar os interesses públicos; a oposição será encarada até o consentimento.

Peru, *s.*

Ave grande cuja carne, quando comida em determinados aniversários religiosos, tem a peculiar propriedade de atestar devoção e gratidão. Casualmente, é uma carne deliciosa.

Pessimismo, *s.*

Uma filosofia imposta às convicções do observador pela desanimadora prevalência do otimista, com seu espantalho da esperança e seu sorriso desengonçado.

Piano, *s.*

Um utensílio de sala destinado a subjugar o visitante impenitente. É operado mediante a opressão das teclas da máquina e do espírito da plateia.

Pianoforte (abreviado para Piano), *s.*

Um instrumento previdentemente providenciado por maridos e pais americanos para suas esposas e filhas, em observância da máxima de Bulwer segundo a qual “a melhor maneira de impedir as queridas criaturas de fazer o diabo é incentivá-las a fazer tolices”.

Piedade, *s.*

Uma deficiente sensação de isenção, inspirada por contraste.

Piegas, *adj.*

Ostentando a qualidade de uma poesia publicada em revista.

Pilhar, *v.*

Tocar um negócio abertamente.

Pintura, *s.*

A arte de proteger superfícies planas das condições climáticas e expô-las ao crítico.

Antigamente, a pintura e a escultura eram combinadas na mesma obra: nossos antepassados pintavam suas estátuas. A única relação atual entre as duas artes é que o pintor moderno cinzela os bolsos de seus clientes.

Pirata, *s.*

Um político dos mares.

Pirataria, *s.*

O comércio sem fraldas de contenção, tal e qual Deus o criou.

Pirronismo, s.

Antiga filosofia cujo nome deriva de seu inventor. Consistia numa descrença em absolutamente tudo, com exceção do pirronismo. Seus professores modernos fizeram esse acréscimo.

Plagiar, *s.*

Usar o pensamento ou estilo de um escritor que nós nunca, nunca lemos.

Plágio, *s.*

Coincidência literária composta de uma infame precedência e uma honrosa subsequência.

Planejar, *v.t.*

Preocupar-se com o melhor método de conseguir um resultado acidental.

Platônico, *adj.*

Pertinente à filosofia de Sócrates. *Amor platônico* é o nome que os tolos dão ao afeto entre uma impotência e uma gelidez.

Plebeu, *s.*

Um romano antigo que, na pureza do sangue de seu país, não manchava nada senão suas próprias mãos. Distinto do patrício, que era uma solução saturada.

Plebiscito, *s.*

Uma votação popular para determinar a vontade do soberano.

Plenipotenciário, *adj.*

Dotado de plenos poderes. Um *ministro plenipotenciário* é um diplomata investido de autoridade absoluta sob a condição de que jamais a exerça.

Pleonasmo, *s.*

Um exército de palavras escoltando um soldado raso do pensamento.

Plutocracia, *s.*

[1] O governo exercido por aqueles que são sábios em propriedade pessoal e experientes no mercado imobiliário.

[2] Uma forma republicana de governo na qual o poder deriva da presunção dos governados – eles acham que governam.

Pobreza, *s.*

Uma lima providenciada para os dentes dos ratos reformistas. O número de planos para sua abolição é igual ao número dos reformadores que sofrem com ela somado ao dos filósofos que não sabem nada sobre ela. Suas vítimas se distinguem pela posse de todas as virtudes e pela fé em líderes que procuram conduzi-las a uma prosperidade aonde as virtudes ainda não chegaram.

Poesia, *s.*

Uma forma de expressão característica da Terra além das Revistas.

Polidez, *s.*

A mais aceitável das hipocrisias.

Polido, *adj.*

Especialista na técnica e na prática da dissimulação.

Poligamia, *s.*

Uma casa de redenção ou capela expiatória equipada com vários banquinhos para humilhação dos arrependidos, distinta da monogamia, que só tem um.

Política, *s.*

Uma altercação de interesses disfarçada de concurso de princípios. A condução dos assuntos públicos para benefício privado.

Político, *s.*

Uma enguia na lama fundamental sobre a qual a superestrutura da sociedade organizada se levanta. Quando se contorce, o político confunde a agitação de sua cauda com o tremor do edifício. Em comparação com o estadista, sofre a desvantagem de estar vivo.

Pólvora, *s.*

Um agente empregado pelas nações civilizadas para resolver conflitos que poderiam se tornar problemáticos caso não fossem ajustados. A maioria dos autores atribui a invenção da pólvora aos chineses, mas não com evidências muito convincentes. Milton afirma que ela foi inventada pelo diabo para dispersar os anjos, e essa opinião parece ganhar algum apoio na escassez de anjos.

PÔQUER, *s.*

Um jogo que, segundo se diz, é disputado com cartas e com certo propósito desconhecido por este lexicógrafo.

PORCO, *s.*

Um animal (*Porcus omnivorus*) intimamente ligado à raça humana pela esplendorosa vivacidade de seu apetite, que, no entanto, é inferior em abrangência, pois ele tem aversão a carne de porco.

PORRETE, *s.*

Um medicamento para aplicação externa na cabeça e nos ombros de um tolo.

PORTÁTIL, *adj.*

Exposto a uma propriedade mutável devido às vicissitudes da posse.

PORTO, *s.*

Um lugar onde os navios se abrigam das tempestades e ficam expostos à fúria da alfândega.

POSITIVISMO, *s.*

Uma filosofia que nega o nosso conhecimento do Real e afirma nossa ignorância do Aparente. Seu expoente mais extenso é Comte, o mais amplo é Mill, e o mais grosso, Spencer.

Posse, *s.*

Uma vantagem que beneficia A pela negação do direito de B de tomar a propriedade de C.

Posteridade, *s.*

Um tribunal de apelação que reverte o julgamento dos contemporâneos de um autor popular, o apelante sendo seu concorrente obscuro.

Postura, *s.*

Uma invenção do diabo para auxiliar seus seguidores nos meandros da sociedade elegante.

Potável, *s.*

Adequado para beber. A água é tida como potável; com efeito, alguns a classificam como nossa bebida natural, embora mesmo eles só a considerem palatável quando afetados pelo recorrente transtorno conhecido como sede, para o qual ela é um remédio. Em nada jamais houve aplicação de tão grandiosa e diligente engenhosidade, em todas as épocas e em todos os países, exceto nos menos civilizados, como houve na invenção de substitutos para

a água. Argumentar que essa generalizada aversão a tal líquido não tem base no instinto de conservação da raça é repudiar a ciência – e sem a ciência nós somos como cobras e sapos.

Praga, *s.*

Nos tempos antigos, um castigo generalizado imposto aos inocentes para repreender seus governantes, como no famoso caso de Faraó, o Imune. A praga que hoje temos a felicidade de conhecer é meramente a fortuita manifestação da natureza de sua despropositada hediondez.

Prazer, *s.*

[1] A forma menos detestável do desânimo.

[2] Uma emoção engendrada por algo vantajoso para nós ou desastroso para os outros. No plural, a palavra se refere às ajudas quase sempre artificiais à melancolia que aprofundam a treva geral da existência com um desânimo particular.

Pré-adamita, *s.*

Membro de uma raça experimental e aparentemente insatisfatória que antecedeu a Criação e viveu em condições difíceis de conceber. Melsius acreditava que os pré-adamitas habitavam “o Vácuo” e eram algo intermediário entre os peixes e as aves. Pouco se sabe sobre eles além do fato de que forneceram a Caim uma esposa e aos teólogos uma controvérsia.

Precedente, *s.*

No Direito, uma decisão, regra ou prática anterior que, na ausência de um estatuto definido, tem qualquer força e autoridade que um juiz quiser lhe dar, simplificando enormemente, assim, sua tarefa de fazer o que bem entender. Como existem precedentes para tudo, ele só precisa ignorar aqueles que contrariam seus interesses e acentuar os que se alinham a seus desejos. A invenção do precedente eleva o julgamento em tribunal da condição inferior de um calvário fortuito à nobre posição de um arbitramento dirigível.

Precisão, *s.*

Certa qualidade desinteressante cuidadosamente excluída das declarações humanas.

Preço, *s.*

Determinado valor acrescido de um montante razoável pelo desgaste da consciência na cobrança.

Preconceito, *s.*

Uma opinião vagabunda sem meios visíveis de sustentação.

Predestinação, *s.*

A doutrina de que todas as coisas ocorrem de acordo com um programa. Essa doutrina não deve ser confundida com a da preordenação, que diz que todas as coisas estão programadas mas não afirma sua ocorrência, esta sendo apenas uma implicação de outras doutrinas pelas quais isso fica subentendido. A diferença é grande o bastante para ter inundado a cristandade de tinta – para não falar do sangue coagulado. Com a distinção das duas doutrinas bem mantida em mente, e com uma crença reverente em ambas, podemos ter a esperança de escapar da perdição, se formos poupados.

Predileção, *s.*

A fase preparatória da desilusão.

Preexistência, *s.*

Um fator despercebido na criação.

Preferência, *s.*

Um sentimento ou estado de espírito induzido pela crença errônea de que uma coisa é melhor do que outra.

Um filósofo antigo, expondo sua convicção de que a vida não é melhor do que a morte, foi questionado por um discípulo, que queria saber por que motivo, então, ele não morria. “Porque a morte”, respondeu ele, “não é melhor do que a vida.” Ela é mais longa.

Preguiça, *s.*

Injustificado repouso de postura numa pessoa de baixo nível.

Pré-histórico, *adj.*

Pertencente a um período primitivo e a um museu. Anterior à técnica e à prática de perpetuar a falsidade.

Prelado, *s.*

Funcionário da igreja com um grau superior de santidade e gordos rendimentos. Membro da aristocracia do Céu. Um cavalheiro de Deus.

Prender, *v.t.*

Deter formalmente um indivíduo acusado de comportamento inusitado.

"Deus criou o mundo em seis dias e foi preso no sétimo." – *A Versão Não Autorizada.*

Prerrogativa, *s.*

O direito do soberano de agir errado.

Presbiteriano, *s.*

Alguém movido pela convicção de que as autoridades governantes da Igreja deveriam ser chamadas de presbíteros.

Prescrição, *s.*

O palpite de um médico quanto àquilo que vai prolongar melhor a situação com menos danos para o paciente.

Presente, *s.*

[1] A parte da Eternidade que separa os domínios da frustração do reino da esperança.

[2] Algo dado na expectativa de algo melhor. O pagamento de hoje pelo serviço de amanhã.

Presidente, *s.*

A carranca de proa num pequeno grupo de homens sobre os quais todo mundo sabe com absoluta certeza – como não se sabe sobre ninguém mais – que um imenso número de seus compatriotas nunca quis nenhum deles como presidente.

Presidir, *v.*

Guiar as ações de um órgão deliberativo até um resultado desejável. Em jornalês, tocar um instrumento musical; por exemplo: “Ele presidiu o flautim”.

Preso, *part.*

Apanhado em flagrante delito sem o dinheiro necessário para satisfazer o policial.

Pressa, *s.*

A eficiência dos desleixados.

Pressentimento, *s.*

A consciência de uma breve imunidade contra algo desagradável.

Presunção, *s.*

Autoestima em alguém de quem não gostamos.

Prever, *v.t.*

Relatar um acontecimento que não ocorreu, não está ocorrendo e não vai não ocorrer.

Primaz, *s.*

O chefe de uma igreja, em especial de uma igreja estatal sustentada por contribuições involuntárias. O Primaz da Inglaterra é o Arcebispo da Cantuária, um amável velhinho que ocupa o Palácio de Lambeth quando está vivo e a Abadia de Westminster quando está morto. Ele costuma estar morto.

Prisão, *s.*

Um lugar de punições e recompensas. O poeta nos assegura que

“Muros de pedra prisão não são”,

mas a combinação do muro de pedra, do parasita político e do instrutor moral não é nenhum jardim dos prazeres.

Probóscide, *s.*

Órgão rudimentar que o elefante usa no lugar do garfo e da faca, instrumentos que a Evolução continua lhe sonegando. Para fins humorísticos, é popularmente chamado de tromba.

Profecia, *s.*

A técnica e prática de vender credibilidade para entrega futura.

Proibido, *part.*

Investido de um encanto novo e irresistível.

Projétil, *s.*

O árbitro final nas disputas internacionais. Antigamente, tais disputas eram resolvidas por meio do contato físico dos disputantes, com os simples argumentos que a lógica rudimentar do tempo podia fornecer – a espada, a lança e assim por diante. Com a intensificação da prudência nos assuntos militares, o projétil foi

caindo cada vez mais no gosto de todos, e agora é tido em alta estima pelos mais corajosos. Seu principal defeito é que ele requer acompanhamento pessoal no ponto de propulsão.

Promessa, *s.*

Encantamento destinado a evocar uma esperança que posteriormente será exorcizada por desatenção.

Promover, *v.*

Nos assuntos financeiros, contribuir para o desenvolvimento de uma empresa de transferência – aquela que transfere dinheiro do bolso do investidor para o bolso do promotor.

Propriedade, *s.*

Qualquer coisa material, sem nenhum valor particular, que possa ser defendida por A da cupidez de B. Tudo aquilo que satisfaz a paixão por posses de uma pessoa e frustra todas as outras. O objeto da breve rapacidade e da longa indiferença do homem.

Prova, *s.*

Evidência dotada de uma nuance mais plausível do que improvável. O depoimento de duas testemunhas convincentes em vez de uma só.

Providencial, *adj.*

Inesperada e visivelmente benéfico para quem assim o descreve.

Próximo, *s.*

Aquele a quem nos mandam amar como a nós mesmos, e que faz tudo a seu alcance para que sejamos desobedientes.

Público, *s.*

O fator negligenciável nos problemas da legislação.

Puritana, *s.*

Uma cafetina se escondendo atrás das costas de seu comportamento.

Q

QUADRO, *s.*

Uma representação em duas dimensões de algo que é enfadonho em três.

QUERIDA, **QUERIDO**, *s.*

A personalidade insuportável do sexo oposto em fase inicial de desenvolvimento.

QUIROMANCIA, *s.*

O 947º método (segundo a classificação de Mimbleshaw) de obter dinheiro por fraude. Consiste em “ler o caráter” nas rugas que aparecem quando contraímos a mão. A simulação não é totalmente falsa; o caráter realmente pode ser lido com muita exatidão dessa forma, pois as rugas de todas as mãos submetidas a exame formam claramente a palavra “trouxa”. A trapaça consiste em não ler a mão em voz alta.

QUOCIENTE, *s.*

Um número que demonstra quantas vezes uma soma de dinheiro pertencente a determinada pessoa foi parar no bolso de outra – geralmente tantas vezes quanto possível.

QUÓRUM, *s.*

Membros em número suficiente num órgão deliberativo para que possam impor suas vontades à vontade. No Senado dos Estados Unidos, o quórum consiste no presidente da Comissão de Finanças e num mensageiro da Casa Branca; na Câmara dos Representantes, no presidente da Câmara e no Diabo.

R

Rabdomante, *s.*

Alguém que usa uma varinha de condão para prospectar metais preciosos no bolso de um tolo.

Rabecão, *s.*

O carrinho de bebê da morte.

Rábula, *s.*

Um advogado concorrente ou oponente.

Ração de verme, *s.*

O produto final do qual nós somos a matéria-prima. O conteúdo do Taj Mahal, do Túmulo de Napoleão e da Tumba de Grant. A ração de verme costuma durar menos do que a estrutura que lhe serve de morada, mas “isso também passará”. O trabalho mais ridículo ao qual um ser humano pode se dedicar é provavelmente a construção de um túmulo para si mesmo. O propósito solene não tem como

dignificar e apenas acentua, por contraste, a futilidade conhecida de antemão.

Raciocinar, *v.i.*

Pesar probabilidades na escala do desejo.

Racional, *adj.*

Desprovido de todas as ilusões, menos as da observação, da experiência e da reflexão.

Radical, *s.*

Um meliante que quer inviabilizar o futuro desacreditando o passado e abolindo o presente.

Radicalismo, *s.*

O conservadorismo de amanhã injetado nos assuntos de hoje.

Rainha, *s.*

Uma mulher por quem o reino é governado quando há um rei, e através de quem o reino é governado quando não há.

Ralé, *s.*

Numa república, aqueles que exercem uma autoridade suprema moderada por eleições fraudulentas. A ralé é como o sagrado Simurgh da fábula árabe – onipotente sob a condição de que não faça nada. (A palavra vem do aristocratês, e não tem equivalente exato em nossa língua, mas significa, na mais próxima tradução possível, “sublime suíno”.)

Rapacidade, *s.*

Poupança sem esforço. A inteligência econômica do poder.

Rapto, *s.*

Uma espécie de convite sem persuasão.

Rato, *s.*

Um animal que polvilha seu caminho com mulheres desmaiadas. Assim como em Roma os cristãos eram atirados aos leões, do mesmo modo, séculos antes, em Otumwee, a mais antiga e famosa cidade do mundo, mulheres hereges eram atiradas aos ratos. O historiador Jakak-Zotp, único otumwump cujos escritos chegaram a nós, afirma que essas mártires enfrentavam suas mortes com pouca dignidade e muito esforço. Ele até tenta desculpar os ratos (tamanha é a malícia do fanatismo) declarando que as desafortunadas mulheres pereciam às vezes por exaustão, às vezes por tropeçar e quebrar o pescoço, outras vezes por falta de revigorantes. Os ratos, ele afirma, desfrutavam dos prazeres da perseguição com compostura. Porém, se “a história romana é em

nove décimos mentirosa", dificilmente poderemos esperar uma proporção menor dessa figura retórica nos anais de um povo capaz de tão incrível crueldade com as adoráveis mulheres; pois o coração duro tem língua falsa.

Razão, *s.*

Propensitato de preconceito.

Razoável, *adj.*

Acessível à infecção das nossas opiniões. Receptivo à persuasão, à dissuasão e à evasão.

Realidade, *s.*

O sonho de um filósofo louco. Aquilo que apareceria no tubo de ensaio se nós precipitássemos um fantasma. O núcleo de um vácuo.

Realismo, *s.*

A arte de retratar a natureza tal como ela é vista pelos sapos. O encanto pulsante da paisagem pintada pela toupeira, ou da história escrita pela lagarta-mede-palmos.

Realmente, *adv.*

Aparentemente.

Rebaixamento, *s.*

Atitude mental costumeira e decente na presença da riqueza e do poder. Peculiarmente apropriada num empregado quando se dirige a um empregador.

Rebelde, *s.*

O fracassado proponente de um novo desgoverno.

Recato, *s.*

Uma espécie de relutância antigamente afetada por mocinhas, hoje abandonada por contrariar a “etiqueta”.

Reconciliação, *s.*

Uma suspensão das hostilidades. Uma trégua armada com o propósito de desenterrar os mortos.

Reconsiderar, *v.*

Buscar justificativa para uma decisão já tomada.

Recontagem, *s.*

Na política americana, um novo lance de dados concedido ao jogador contra quem eles se mostraram viciados.

Recreação, *s.*

Um tipo específico de desânimo que alivia uma fadiga generalizada.

Recusa, *s.*

Negação de algo desejado; como a mão de uma solteira idosa oferecida em casamento para um pretendente rico e bonito; uma concessão valiosa para uma corporação rica que se pede a um fiscal; a absolvição de um rei impenitente por um padre, e assim por diante. As recusas são classificadas numa escala decrescente de finalidade: a recusa absoluta, a recusa condicional, a recusa tentativa e a recusa feminina. A última é chamada por alguns sofistas de recusa aquiescente.

Redenção, *s.*

O ato de libertar pecadores da penalidade de seu pecado fazendo com que assassinem a divindade contra quem pecaram. A doutrina da Redenção é o mistério fundamental da nossa santa religião, e todo aquele que nela crer não perecerá, mas terá uma vida eterna para tentar compreendê-la.

Referendo, *s.*

Lei para submeter propostas legislativas a uma votação popular de modo a verificar o erro consensual da opinião pública.

Reflexão, *s.*

Ação da mente através da qual obtemos uma visão mais clara da nossa relação com as coisas de ontem e somos capazes de evitar os perigos que não voltaremos a encontrar.

Reforma, *s.*

Uma coisa que satisfaz principalmente os reformadores contrários à reformação.

Refúgio, *s.*

Qualquer coisa que garanta proteção a uma pessoa em perigo. Moisés e Josué designaram seis cidades de refúgio – Bezer, Golã, Ramote, Quedes, Siquém e Hebron – para onde alguém que tivesse tirado inadvertidamente uma vida poderia fugir quando caçado por parentes do falecido. Esse admirável expediente proporcionava um salutar exercício ao fugitivo e permitia que os parentes desfrutassem dos prazeres da caça; assim, a alma do morto era devidamente honrada pela observância de rituais semelhantes aos jogos fúnebres da Grécia antiga.

Refugo, *s.*

Resíduo sem valor, como as religiões, filosofias, literaturas, artes e ciências das tribos que infestam as regiões situadas ao sul do Polo Norte.

Rei, *s.*

Uma pessoa do sexo masculino comumente conhecida nos Estados Unidos como “cabeça coroada”, embora nunca use uma coroa e geralmente não tenha nenhuma cabeça digna de menção.

Relembrar, *v.*

Recordar com acréscimos algo previamente desconhecido.

Relicário, *s.*

Um receptáculo para objetos sagrados como pedaços da cruz verdadeira, costelas de santos, as orelhas da jumenta de Balaão, o pulmão do galo que levou Pedro ao arrependimento e assim por diante. Os relicários costumam ser feitos de metal e providos de uma fechadura para impedir que o conteúdo saia e realize milagres em ocasiões inoportunas. Uma pena da asa do Anjo da Anunciação certa vez escapou durante um sermão na Basílica de São Pedro e tanto fez cócegas nos narizes da congregação que as pessoas acordaram e espirraram com grande veemência três vezes cada uma. É relatado no *Gesta Sanctorum* que um sacristão da catedral da Cantuária surpreendeu a cabeça de São Dionísio na biblioteca. Repreendida por seu severo guardião, ela explicou que estava procurando um corpo de doutrina. Esta leviandade indecorosa tanto enfureceu o diocesano que a cabeça transgressora foi publicamente anatematizada, lançada no rio Stour e substituída por outra cabeça de São Dionísio, trazida de Roma.

Religião, *s.*

Uma filha da Esperança e do Medo explicando à Ignorância a natureza do Incognoscível.

"Qual é a sua religião, meu filho?", perguntou o arcebispo de Reims.

"Perdão, monsenhor", retrucou Rochebriant, "eu tenho vergonha dela."

"Então por que não vira um ateu?"

"Impossível! Eu teria vergonha do ateísmo."

"Nesse caso, monsieur, junte-se aos protestantes."

Relógio, *s.*

Uma máquina de grande valor moral para o homem, suavizando sua preocupação com o futuro ao lhe lembrar o monte de tempo que lhe resta.

Renda, *s.*

Um delicado e caro tecido com o qual a alma feminina é pescada como um peixe.

Rendimentos, *s.pl.*

O natural e racional calibrador e medidor da respeitabilidade, os padrões comumente aceitos sendo artificiais, arbitrários e falaciosos; porque, como Sir Sycophas Chrysolater acertadamente

observou, “a verdadeira função útil da propriedade (consista ela no que for – moedas, ou terra, ou casas, ou mercancias, ou qualquer coisa que possa ser nomeada como detentora do direito de nos prestar subserviência), como também das honrarias, dos títulos, privilégios e posições, e todos os favores e relacionamentos com pessoas de qualidade ou capacidade, não é senão render dinheiro. Daí segue-se que todas as coisas devem ser verdadeiramente classificadas como dotadas de valor na medida da sua prestabilidade para tal fim, e que seus possuidores deverão ser classificados em conformidade; nem o senhor de uma mansão improdutiva, por mais ampla e antiga que seja, nem aquele que detém um cargo honorífico não remunerado, nem o indigente favorito de um rei poderão ser estimados no nível de excelência daquele cuja riqueza é de majoração diária; e muito dificilmente aqueles cujo patrimônio é estéril poderão reivindicar e devidamente merecer mais honra do que os pobres e indignos.”

Renome, *s.*

Um grau de distinção entre a má fama e a fama – um pouco mais suportável do que uma e um pouco mais intolerável do que o outra. Às vezes é conferido por uma mão inamistosa e inconsiderada.

Renunciar, *v.t.*

Abrir mão de uma honra em troca de uma vantagem. Abrir mão de uma vantagem em troca de uma vantagem maior.

Reparação, *s.*

Satisfação prestada por um erro cometido e deduzida da satisfação sentida em seu cometimento.

Réplica, *s.*

Reprodução de uma obra de arte quando feita pelo artista que criou a original. É assim chamada para distingui-la de uma "cópia", que é feita por outro artista. Quando as duas são feitas com habilidade idêntica, a réplica é tanto mais valiosa, pois se supõe que seja mais bela do que parece.

Repolho, *s.*

Verdura típica das hortas, quase tão grande e sábia quanto a cabeça de um homem.

Repórter, *s.*

Um escritor que adivinha seu caminho rumo à verdade e a dissipa com uma tempestade de palavras.

Repousar, *v.i.*

Parar de incomodar.

Repreensão, *s.*

Um dos muitos métodos pelos quais os tolos preferem perder seus amigos.

Representante, *s.*

Na política nacional, um membro da Câmara Baixa neste mundo que não pode acalentar nenhuma esperança de promoção no próximo.

Reprovação, *s.*

Na teologia, o estado de um desafortunado mortal condenado antes do nascimento. A doutrina da reprovação foi pregada por Calvino, cujo regozijo com ela ficava um pouco prejudicado pela triste sinceridade de sua convicção de que, embora uns sejam predestinados à perdição, outros são predestinados à salvação.

República, *s.*

Uma nação na qual, com a coisa governada e coisa governante a sendo iguais, a uma só autoridade é permitido impor uma obediência opcional. Numa república, a base da ordem pública é o hábito cada vez mais raro da submissão, herdado de ancestrais que, sendo verdadeiramente governados, submetiam-se porque precisavam se submeter. Existem tantas espécies diferentes de república quanto existem gradações entre o despotismo de onde elas vieram e a anarquia para onde elas levam.

Repugnância, *v.*

Um dos graus de desaprovação devidos àquilo que é entendido imperfeitamente.

Réquiem, *s.*

Uma missa para os mortos que, segundo nos asseguram os poetas menores, os ventos cantam sobre os túmulos de seus favoritos. Às vezes, a fim de proporcionar um entretenimento variado, eles cantam um hino fúnebre.

Resgate, *s.*

A compra daquilo que não pertence ao vendedor e tampouco pode pertencer ao comprador. O menos lucrativo dos investimentos.

Residente, *adj.*

Incapaz de sair.

Residir, *v.i.*

Tratar com merecida indiferença o aviso do proprietário de que alugou a casa para um novo morador disposto a pagar.

Resoluto, *adj.*

Obstinado numa decisão aprovada por nós.

Respeitabilidade, *s.*

O fruto de um caso amoroso entre uma cabeça careca e uma conta bancária.

Respirador, *s.*

Aparelho fixado sobre o nariz e a boca de um habitante de Londres para filtrar o universo visível em sua passagem rumo aos pulmões.

Responsabilidade, *s.*

[1] Uma carga removível transferida facilmente para os ombros de Deus, do Destino, da Fortuna, da Sorte ou de um vizinho. Nos tempos antigos da astrologia, era costumeiro descarregá-la em cima de uma estrela.

[2] A mãe da cautela.

> “Eu me responsabilizo, cuide lá”,
>
> Disse o grão-vizir. “Pois bem, pois bem,
>
> Esse é o único tipo”, disse o xá,
>
> “De habilidade que você tem.”
>
> *Joram Tate.*

Responsável, *adj.*

Passível de um abatimento em prazer, lucro ou vantagem; exposto ao perigo de uma penalidade.

Restituição, *s.*

A fundação ou o financiamento de universidades e bibliotecas públicas por doação ou legado.

Restituidor, *s.*

Benfeitor; filantropo.

Retaliação, *s.*

A rocha natural sobre a qual se ergue o Templo da Lei.

Resultado, *s.*

Uma espécie particular de frustração. Pelo tipo de inteligência que vê numa exceção a comprovação da regra, a sabedoria de um ato é julgada pelo resultado, pela consequência. Isso é um absurdo imortal; a sabedoria de um ato deve ser julgada pela luz que iluminava o autor quando ele o cometeu.

Réu, *s.*

No direito, uma pessoa amável que devota seu tempo e seu caráter à preservação do patrimônio de seu advogado.

Revelação, *s.*

Um famoso livro em que São João Evangelista escondeu tudo que ele sabia. A revelação é feita pelos comentadores, que não sabem nada.

Reverência, *s.*

Atitude espiritual de um homem perante um deus e de um cão perante um homem.

Revisor, *s.*

Um malfeitor que se redime de ter deixado nosso texto ridículo permitindo que o tipógrafo o deixe ininteligível.

Revolução, *s.*

Na política, uma mudança abrupta na forma de desgoverno. Na história americana, especificamente, a substituição de um domínio administrador por um Ministério, com a qual o bem-estar e a felicidade do povo aumentaram em nada menos do que meia polegada. As revoluções são geralmente acompanhadas por um considerável derramamento de sangue, mas valem a pena na estimativa dos beneficiários cujo sangue não teve o azar de ser extraído. A Revolução Francesa é de um valor incalculável para o socialista de hoje; quando este manipula os fios que acionam os ossos dela, os gestos do esqueleto se mostram indescritivelmente

aterrorizantes para os tiranos sangrentos suspeitos de fomentar a lei e a ordem.

Rezar, *v.*

Pedir que as leis do universo sejam anuladas em favor de um único peticionário confessadamente indigno.

Rico, *adj.*

Um guardião, sujeito a prestação de contas, dos bens dos indolentes, dos incompetentes, dos esbanjadores, dos invejosos e dos desafortunados. Essa é a visão que prevalece no submundo, onde a Irmandade Humana encontra seu mais lógico desenvolvimento e sua mais franca defesa. Para habitantes do mundo intermediário, a palavra significa “bom” e “sábio”.

Ridicularização, *s.*

Palavras destinadas a mostrar que a pessoa contra quem elas são proferidas é desprovida da dignidade de caráter que distingue quem as profere. Elas podem ser explícitas, miméticas ou meramente risonhas. Shaftesbury é citado proclamando-a “o teste da verdade” – uma afirmação ridícula, pois inúmeras falácias solenes passaram por séculos de ridicularização sem nenhum abatimento de sua aceitação popular. Que outra coisa, por exemplo, foi mais valorosamente ridicularizada do que a doutrina da Respeitabilidade Infantil?

RIMA, *s.*

Sons concordantes, geralmente ruins, nos términos de versos. Os versos em si, distintos da prosa, são geralmente maçantes.

RIMADOR, *s.*

Um poeta considerado com indiferença ou desestima.

RIQUEZA, *s.*

Uma dádiva do céu significando:

"Este é o meu amado filho, em quem me comprazo." – *John D. Rockefeller.*

"A recompensa da labuta e da virtude." – *J.P. Morgan.*

"As poupanças de muitos nas mãos de um". – *Eugene Debs.*

A essas excelentes definições o inspirado lexicógrafo sente que não pode acrescentar nada de valor.

RISO, *s.*

Convulsão interior que produz uma distorção das feições, acompanhada por ruídos inarticulados. É infecciosa e, embora intermitente, incurável. A tendência de sofrer ataques de riso é uma das características que distinguem o homem dos animais – sendo estes não apenas inacessíveis à provocação do exemplo dele, mas também imunes aos micróbios dotados de competência originária na

concessão da doença. Não se sabe se o riso pode ser transmitido aos animais por inoculação do paciente humano; essa é uma questão que não foi respondida pela experimentação. O Dr. Meir Witchell sustenta que o carácter infeccioso do riso se deve à fermentação instantânea da saliva propagada em borrifos. Partindo dessa peculiaridade, ele chamou a moléstia de *Convulsio spargens*.

Rito, *s.*

Uma cerimônia religiosa ou semirreligiosa estabelecida por lei, preceito ou costume, com o óleo essencial da sinceridade cuidadosamente descartado.

Ritualismo, *s.*

Um Jardim Retangular de Deus onde Ele pode passear em retilínea liberdade, sem pisar na grama.

Roda de tortura, *s.*

Um instrumento argumentativo muito usado antigamente para convencer os devotos de uma fé falsa a adotar a verdade viva. Como chamado aos não convertidos, a roda nunca teve grande eficácia; hoje ela é tida em baixa estima pela população.

Romance, *s.*

Um conto com enchimentos. Uma espécie de composição que tem a mesma relação com a literatura que o panorama tem com a arte.

Como é longo demais para ser lido numa sentada, as impressões deixadas por suas partes sucessivas vão sendo sucessivamente apagadas, como no panorama. A unidade, a totalidade do efeito, é algo impossível, porque, além das poucas páginas lidas por último, tudo que fica na mente é o mero enredo do que aconteceu antes. Diante do romance fantástico, o romance realista é o que a fotografia é diante da pintura. Seu princípio diferencial, a probabilidade, corresponde à verdade literal da fotografia e o coloca claramente na categoria de relatório; ao passo que as asas livres do romancista fantástico lhe permitem subir a quaisquer altitudes imaginativas que estiverem ao alcance de sua competência; e os três fundamentos essenciais da arte literária são a imaginação, a imaginação e a imaginação. A arte de escrever romances, tal como já foi um dia, está morta faz muito tempo por toda parte, exceto na Rússia, onde ela é nova. Que descansem em paz suas cinzas – algumas das quais vendem muito.

Romance fantástico, *s.*

Ficção que não deve nenhuma lealdade ao Deus das Coisas como Elas São. No romance realista, o pensamento do escritor fica preso à probabilidade, como um cavalo doméstico no poste de amarração, mas, no romance fantástico, percorre à vontade a imensa região da imaginação – livre, sem lei, imune a freio e rédea. Nosso típico autor realista é um pobre coitado, como Carlyle diria – um mero repórter. Ele pode até inventar seus personagens e seu enredo, mas não deve imaginar o acontecimento de algo que não costuma ocorrer, muito embora sua narrativa como um todo seja francamente uma

mentira. O motivo pelo qual esse autor se autoimpõe tão dura condição e “arrasta passo a passo uma longuíssima corrente” forjada de próprio punho é algo que ele poderá explicar em dez grossos volumes sem iluminar sequer num mísero bruxuleio de vela o negror profundo de sua própria ignorância no assunto. Existem grandes romances realistas, pois grandes escritores “devastaram seus poderes” para escrevê-los, mas continua sendo verdade que, de longe, a ficção mais fascinante que temos é *As mil e uma noites*.

Rubor, *s.*

Um truque que fez grande sucesso com as mulheres em tempos antigos, mas hoje caído em desuso como arte perdida, muito embora, através de laboriosa prática, a donzela moderna ainda seja capaz de executá-lo sob o risco de ser internada e medicada por apoplexia.

Ruído, *s.*

Um fedor nos ouvidos. Música indomada. O principal produto e o sinal de autenticidade da civilização.

Rum, *s.*

Genericamente, qualquer bebida ardente que produza loucura em abstêmios.

RUMOR, *s.*

Um boato. O som de uma arma de fogo.

“Por que motivo não marchou em meu socorro, senhor?”, perguntou o general Ewell ao comandante de uma de suas divisões.

“O senhor não ouviu o rumor das minhas armas?”

“Bem, general, sim, ouvi esse rumor, mas não acreditei nele.”

S

Sabá, *s.*

Uma festa semanal que tem sua origem no fato de que Deus criou o mundo em seis dias e foi preso no sétimo.

Saca-rolhas, *s.*

A provisão de um cavalheiro que viaja somente com o mínimo necessário.

Sacramento, *s.*

Uma solene cerimônia religiosa à qual são atribuídos diversos graus de importância e autoridade. Roma tem sete sacramentos, mas as igrejas protestantes, sendo menos prósperas, sentem que só podem bancar duas, que ainda por cima são de uma santidade inferior. Algumas das seitas menores não têm sacramento nenhum – e por essa economia mesquinha elas serão indubitavelmente condenadas à perdição.

Sagacidade, *s.*

O tempero com o qual o humorista americano estraga sua culinária intelectual ao não utilizá-lo.

Sagrado, *adj.*

Dedicado a certo propósito religioso; dotado de um caráter divino; inspirador de solenes pensamentos ou emoções; por exemplo, o Dalai Lama do Tibete, o Moogum de M'bwango, o templo dos Macacos no Ceilão, a Vaca na Índia, o Crocodilo, o Gato e a Cebola do Egito antigo, o Mufti de Moosh, o pelo do cão que mordeu Noé, etc.

Salafrário, *s.*

Um homem cujas qualidades, preparadas para exibição como uma caixa de bagas num mercado – as bonitas em cima –, foram abertas pelo lado errado. Um cavalheiro invertido.

Santo, *s.*

Um pecador morto, revisto e editado.

A duquesa de Orleans refere que o irreverente marechal de Villeroi, velho caluniador que na juventude conhecera São Francisco de Sales, comentou quando ouviu alguém chamá-lo de santo: "Fico encantado em saber que Monsieur de Sales é um santo. Ele adorava dizer coisas indelicadas e costumava trapacear nas cartas. Em outros aspectos, era um perfeito cavalheiro, muito embora tolo."

Saquear, *v.*

Tomar o patrimônio de outra pessoa sem observar as decentes e habituais discrições do roubo. Efetuar uma mudança de propriedade com o cândido acompanhamento de uma banda de metais. Arrebatar os bens que A tirou de B e deixar C lamentando uma oportunidade perdida.

Sarcófago, *s.*

Entre os gregos, um caixão que, sendo feito de certo tipo de pedra carnívora, tinha uma peculiar propriedade de devorar o corpo depositado nele. O sarcófago conhecido pelos obituaristas modernos é comumente um produto da arte do carpinteiro.

Satã, *s.*

Um dos lamentáveis erros do Criador, pelo qual teria morrido de arrependimento, se arrependimento matasse. Instalado em cargo de arcanjo, Satã se mostrou variadamente censurável e afinal foi expulso do Céu. A meio caminho em sua queda, fez uma pausa, baixou a cabeça para refletir por um momento e então voltou.

“Há um favor que eu gostaria de pedir”, ele falou.

“Diga lá.”

“O homem, fiquei sabendo, está prestes a ser criado. Ele vai precisar de leis.”

“O quê? Desgraçado! Você, adversário do homem por nomeação, encarregado de odiar a alma dele desde o alvorecer da

eternidade... você pede o direito de criar as leis dele?”

“Perdão; meu pedido é que ele mesmo seja autorizado a criá-las.”

Dito e feito.

Sátira, *s.*

Uma espécie obsoleta de composição literária na qual os vícios e desatinos dos inimigos do autor eram expostos com ternura imperfeita. Neste país, a sátira nunca teve mais do que uma existência incerta e doentia, pois sua alma é a sagacidade, da qual somos melancolicamente deficientes, e o humor que nós confundimos com a sátira, como qualquer humor, é compreensivo e tolerante. Além disso, muito embora os americanos sejam “dotados por seu Criador” de vícios e desatinos abundantes, não é do conhecimento geral o fato de que tais qualidades são condenáveis, de modo que o satirista é popularmente considerado um patife de mal com a vida, e os gritos de socorro de cada uma de suas vítimas evocam o consentimento nacional.

Sedento de sangue, *adj.*

Viciado no desperdício gratuito de sangue – que provavelmente é muito bom de beber.

Segunda-feira, *s.*

Nos países cristãos, o dia que vem depois do jogo de beisebol.

SEGURO, *s.*

Um moderno e engenhoso jogo de azar em que é permitido ao jogador desfrutar da confortável convicção de estar ganhando do sujeito responsável pela banca.

Agente de seguros: Meu caro senhor, esta é uma bela casa – queira me deixar segurá-la.

Proprietário da casa: Com prazer. Por favor, estabeleça um prêmio anual muito baixo, de maneira que, segundo as tabelas do seu atuário, quando ela vier a ser provavelmente destruída por um incêndio, eu tenha pagado ao senhor consideravelmente menos do que o valor de face da apólice.

Agente de seguros: Minha nossa, não... Não podemos nos dar ao luxo de fazer algo assim. Precisamos fixar um prêmio de forma que o senhor acabe pagando mais.

Proprietário da casa: Como, então, poderei *eu* me dar ao luxo de *algo assim*?

Agente de seguros: Ora, a sua casa pode queimar por inteiro a qualquer momento. Houve a casa dos Smith, por exemplo, que...

Proprietário da casa: Queira me poupar... pelo contrário, houve a casa dos Brown, e a casa dos Jones, e a casa dos Robinson, que...

Agente de seguros: Queira poupar *a mim*!

Proprietário da casa: Tentemos entender um ao outro. O senhor quer que eu lhe pague dinheiro na suposição de que algo vai

acontecer antes do prazo estipulado pelo senhor para o acontecimento. Em outras palavras, espera que eu aposte que a minha casa não vai durar tanto tempo quanto o senhor diz que ela provavelmente vai durar.

Agente de seguros: Contudo, se a sua casa queimar sem seguro, a perda será total.

Proprietário da casa: Desculpe-me... pelas tabelas do seu próprio atuário, eu provavelmente terei economizado, quando ela queimar, todos os prêmios que de outro modo eu teria pagado ao senhor, num montante superior ao valor de face da apólice correspondente. Mas vamos supor que ela queime, sem seguro, antes do prazo no qual são baseados os seus cálculos. Se eu não posso me dar ao luxo da despesa, como poderia o senhor, se ela estivesse segurada?

Agente de seguros: Ah, nós estaríamos lastreados por nossas especulações mais afortunadas com outros clientes. Virtualmente, eles pagam a sua perda.

Proprietário da casa: E eu não ajudo virtualmente, então, a pagar pelas perdas deles? Por acaso as casas deles não são tão passíveis quanto a minha de queimar antes que eles tenham pagado ao senhor tanto quanto acabariam recebendo do senhor? O caso se mostra da seguinte maneira: o senhor espera tirar mais dinheiro dos seus clientes do que dar dinheiro a eles, não é isso?

Agente de seguros: Certamente; se não fizéssemos assim...

Proprietário da casa: Não posso confiar o meu dinheiro ao senhor. Pois bem, então. Se é certo, no tocante ao universo dos seus clientes como um todo, que eles perdem dinheiro para o

senhor, é provável, no tocante a qualquer um dos clientes, que esse cliente acabe perdendo dinheiro. São essas probabilidades individuais que dão a certeza no coletivo.

Agente de seguros: Não posso negar... mas observe os números neste panf...

Proprietário da casa: Deus me livre!

Agente de seguros: O senhor falou em economizar prêmios que de outro modo me pagaria. Não seria uma tendência natural o senhor desperdiçá-los? Oferecemos ao senhor um incentivo à parcimônia.

Proprietário da casa: A disposição de A para cuidar do dinheiro de B não é exclusiva das seguradoras, mas, como instituição de caridade, vocês são dignos da maior estima. Aceite tal reconhecimento, por favor, de um Objeto Merecedor.

SEM-TETO, *adj.*

Alguém que pagou todos os impostos sobre os bens de uso doméstico.

SENADO, *s.*

Um grupo de cavalheiros idosos encarregados de altos deveres e baixas condutas.

SEPULTURA, *s.*

Um lugar no qual os mortos são depositados para esperar a chegada do estudante de medicina.

Sereia, *s.*

Um dos diversos prodígios musicais que ganharam fama na vã tentativa de dissuadir Odisseu de uma vida nas ondas do mar. Figurativamente, qualquer dama com promessa esplêndida, propósito dissimulado e desempenho decepcionante.

Sicofanta, *s.*

Alguém que se aproxima da Grandeza rastejando para não ser repelido com um chute no traseiro. Às vezes é um editor.

Sílfide, *s.*

Um ser imaterial, mas visível, que habitava o ar quando o ar era um elemento e ainda não estava fatalmente poluído pela fumaça das fábricas, pelo gás dos esgotos e por similares produtos da civilização. As sílfides eram parentes dos gnomos, das ninfas e das salamandras, que moravam, respectivamente, na terra, na água e no fogo, residências que hoje são igualmente insalubres. As sílfides, como as aves do céu, podiam ser do sexo feminino ou do masculino, aparentemente sem nenhum propósito, porque, se chegaram a ter descendentes, estes devem ter se aninhado em lugares inacessíveis – nenhum dos passarinhos jamais foi visto.

Silogismo, *s.*

Uma fórmula lógica que consiste numa premissa maior, numa premissa menor e numa incoerência. (Ver Lógica).

Símbolo, *s.*

Algo que supostamente caracteriza ou representa outra coisa. Muitos símbolos são meras “sobrevivências” – coisas que, já não tendo nenhuma utilidade, continuam a existir porque herdamos a tendência de fazê-las; como as urnas funerárias esculpidas nos mausoléus. Elas já foram, outrora, urnas verdadeiras contendo as cinzas dos mortos. Não podemos deixar de fazê-las, mas podemos lhes dar um nome que disfarce a nossa impotência.

Sincero, *adj.*

Idiota e iletrado.

Sofisma, *s.*

O método controverso de um adversário, distinto do nosso por superior insinceridade ou tolice. É o método dos sofistas tardios, uma seita grega de filósofos que começaram ensinando sabedoria, prudência, ciência, arte e, em suma, todas as coisas que os homens deveriam saber, mas que se perderam num labirinto de ninharias e numa névoa de palavras.

Sofrer, *v.i.*

Sepultar um pepino no estômago.

Soldado raso, *s.*

Cavalheiro militar com um bastão de marechal em sua mochila e um obstáculo em sua esperança.

Solteiro, *s.*

Um homem que as mulheres ainda estão experimentando.

Sonolento, *adj.*

Profundamente afetado por uma peça teatral adaptada do francês.

Sozinho, *adj.*

Em má companhia.

Em contato, ah!, o aço e a pederneira
Revelam a ideia, com faísca, com fogueira,
Que o metal e a pedra, mesquinhos,
Amaram em segredo sozinhos.
Booley Fito.

Suborno, *s.*

Aquilo que permite a um membro do legislativo californiano sobreviver com seu salário sem quaisquer economias desonestas.

Sucesso, *s.*

O único pecado imperdoável que podemos cometer contra os nossos semelhantes.

Suco gástrico, *s.*

Um líquido para dissolver bois e fazer homens com a polpa.

Suficiente, *adj.*

Tudo existente no mundo que seja do nosso agrado.

Sufrágio, *s.*

Expressão de opinião por meio de uma cédula. O direito de sufrágio (que é considerado tanto um privilégio como um dever) significa, segundo a interpretação comum, o direito de votar num homem escolhido por outro homem, e é altamente valorizado. A recusa em exercê-lo tem a má fama de representar “incivismo”. O incivil, entretanto, não pode ser apropriadamente denunciado por seu crime, pois não existe acusador legítimo. Se o próprio acusador for culpado, ele não terá legitimidade no tribunal da opinião pública; se não for, ele se beneficia com o crime, pois a abstenção de A na votação dá maior peso ao voto de B. Por sufrágio feminino entende-se o direito que uma mulher tem de votar conforme a orientação de

algum homem; é uma derivação da responsabilidade feminina, que é um pouco limitada. A mulher mais ávida por fugir de sua opressão para fazer valer seus direitos é a primeira a saltar de volta quando ameaçam açoitá-la por fazer mau uso deles.

Suíno, *s.*

Um pássaro notável pela catolicidade de seu apetite e que serve para ilustrar o nosso. Entre os maometanos e judeus, o suíno não é apreciado como artigo de dieta, mas é respeitado pela delicadeza de seus hábitos, pela beleza de sua plumagem e pela melodia de sua voz. É principalmente como ave canora que a criatura é estimada; já houve casos em que uma gaiola cheia de suínos em pleno coro arrancou lágrimas de duas pessoas ao mesmo tempo. O nome científico desse passarinho é *Porcus rockefelleri*. O Sr. Rockefeller não descobriu o suíno, mas o suíno é considerado descoberta dele por direito de semelhança.

Sujeira, *s.*

Substância peculiar, amplamente disseminada na natureza, mas encontrada mais abundantemente nas mãos de eminentes estadistas norte-americanos. É insolúvel em dinheiro público.

Sumir, *v.i.*

[1] “Agir de maneira misteriosa”, geralmente levando embora um bem alheio.

[2] Alguém ter sua presença inesperadamente solicitada junto à cabeceira de um parente moribundo e perder o trem de volta.

SUPERAR, *v.t.*

Ganhar um inimigo.

SUSPENSÃO DE PENA, *s.*

Uma interrupção das hostilidades contra um assassino condenado para permitir que o Executivo determine se o assassinato não poderá ter sido cometido pelo advogado de acusação. Qualquer interrupção na continuidade de uma expectativa desagradável.

T

Tarifa, *s.*

Uma escala de taxas que são cobradas sobre as importações para proteger o produtor doméstico contra a ganância de seus consumidores.

Táxi, *s.*

Veículo torturante no qual um pirata nos conduz aos solavancos e por caminhos tortuosos até o lugar errado, para então nos roubar.

Tecnicalidade, *s.*

Num tribunal inglês, um homem chamado Home foi julgado por difamação porque acusara seu vizinho de assassinato. Suas exatas palavras foram: “Sir Thomas Holt, munido de cutelo, lesionou seu cozinheiro na cabeça de modo que um lado da cabeça caiu sobre um ombro e o outro lado sobre o outro ombro”. O réu foi absolvido por instrução do tribunal, com os sábios juízes considerando que tais palavras não representavam acusação de assassinato, pois não afirmavam a morte do cozinheiro, esta sendo apenas uma inferência.

TÉDIO, *s.*

Enfado, o estado ou condição de quem está enfastiado. Diversas derivações fantasiosas da palavra já foram sugeridas, mas o padre Jape, autoridade das mais altas, afirma que ela vem de uma fonte muito óbvia – as primeiras palavras do antigo hino latino *Te Deum Laudamus*. Nessa derivação aparentemente natural há algo que entristece.

TELEFONE, *s.*

Invenção do diabo que revoga algumas das vantagens de fazer com que uma pessoa desagradável mantenha distância.

TELESCÓPIO, *s.*

Dispositivo dotado de uma relação com o olho semelhante à relação do telefone com o ouvido, permitindo que objetos distantes nos infernizem com uma multiplicidade de detalhes desnecessários. Felizmente, é desprovido de uma campainha que nos convoque ao sacrifício.

TEMERÁRIO, *adj.*

[1] Azarado na execução de um ato de coragem.

[2] Insensível ao valor do nosso conselho.

Temeroso, *adj.*

Civilmente desejoso de que as coisas não sejam como parecem ser.

Tempo, *s.*

O clima do momento. Um permanente tópico de conversação entre pessoas a quem esse tópico não interessa, mas que herdaram a tendência de comentá-lo dos nus ancestrais arborícolas a quem o assunto interessava profundamente. O estabelecimento de departamentos meteorológicos oficiais e seus permanentes serviços enganosos provam que até os governos são acessíveis à persuasão dos rudes antepassados da selva.

Tenacidade, *s.*

Certa qualidade da mão humana em sua relação com a moeda corrente. Alcança seu maior desenvolvimento nas mãos das autoridades, e é considerada um equipamento proveitoso para uma carreira na política.

Teosofia, *s.*

Uma fé antiga dotada da plena certeza da religião e do pleno mistério da ciência. O teósofo moderno sustenta, com os budistas, que nós vivemos um número incalculável de vezes nesta terra, num incalculável número correspondente de corpos diferentes, porque a vida não é longa o suficiente para o nosso desenvolvimento espiritual completo; ou seja, uma única vida não basta para que

fiquemos tão sábios e bons quanto decidimos desejar ficar. Ser absolutamente sábio e bom – essa é a perfeição; e a visão do teósofo, de tão penetrante, permitiu-lhe observar que todas as criaturas desejosas de aprimoramento acabam atingindo a perfeição. Observadores menos competentes aceitam excetuar os gatos, que nunca parecem estar nem mais sábios nem melhores do que eram no ano anterior. A maior e mais gorda criatura entre os teósofos recentes foi a falecida Madame Blavatsky, que não tinha gatos.

TERGIVERSADOR, *s.*

Um mentiroso em estágio de lagarta.

TERRA, *s.*

Uma parte da superfície do planeta considerada como propriedade. A teoria de que a terra é uma propriedade sujeita ao controle privado é a base da sociedade moderna, e é eminentemente digna da superestrutura. Levada a sua conclusão lógica, significa que alguns têm o direito de impedir outros de viver; pois o direito de possuir implica o direito exclusivo de ocupar, e, de fato, leis de invasão de terra são decretadas onde quer que o direito à propriedade seja reconhecido. Disso decorre que, se a *terra firma* toda for patrimônio de A, B e C, não haverá lugar para D, E, F e G nascerem ou, caso nascidos como invasores, existirem.

TINTA, *s.*

Na escrita, um composto vilanesco de tanogalato de ferro, goma-arábica e água, usado principalmente para facilitar a infecção da idiotice e promover o crime intelectual. As propriedades da tinta são peculiares e contraditórias: ela pode ser usada para fazer reputações e desfazê-las; para denegri-las e torná-las brancas; mas é mais geral e aceitavelmente empregada como argamassa para unir as pedras no edifício da fama, e como caiação para esconder, depois, a péssima qualidade do material. Há homens chamados jornalistas que abriram estabelecimentos oferecendo banhos de tinta; algumas pessoas pagam para entrar, e outras, para sair. Não é infrequente alguém pagar uma soma para entrar e pagar o dobro para sair.

Tipos móveis, *s.pl.*

Pestilentas peças de metal suspeitas de destruir a civilização e o saber, a despeito de sua óbvia serventia na criação deste incomparável dicionário.

Tolo, *s.*

Um sujeito que permeia o domínio da especulação intelectual e se difunde através dos canais de atividade moral. Ele é onificente, oniforme, oniperceptivo, onisciente, onipotente. Foi ele quem inventou as letras, a imprensa, a estrada de ferro, o barco a vapor, o telégrafo, o lugar-comum e o círculo das ciências. Ele criou o patriotismo e ensinou a guerra às nações – fundou a teologia, a filosofia, o direito, a medicina e Chicago. Estabeleceu os governos monárquico e republicano. Existe desde sempre e para sempre – é

hoje o mesmo tolo que o alvorecer da criação contemplou. Na manhã dos tempos, cantou em colinas primitivas, e, no meio-dia da existência, encabeçou a procissão do ser. Sua mão maternal ninou calorosamente o sol poente da civilização, e no crepúsculo ele prepara o leite moral que o Homem vai tomar antes de dormir e ajeita as cobertas da sepultura universal. Por fim, depois que todos nós tivermos nos retirado na noite do esquecimento eterno, ele vai se sentar para escrever a história da civilização humana.

Topete, *s.*

Um tufo de cabelo que insiste em cair para o lado errado. No caso de um homem casado, ele normalmente aponta para o lado sobre o qual sua esposa comumente pisa.

Torta, *s.*

Uma emissária da Indesejada das Gentes, isto é, da Indigestão.

"A torta fria era tida em alta estima pelos restos." – *Rev. Dr. Mucker, num sermão fúnebre dedicado a um nobre britânico.*

Trabalho, *s.*

Um dos processos pelos quais A adquire patrimônio para B.

Trair, *v.t.*

Efetuar pagamento em troca de confidência.

Trapo, *s.*

O uniforme dos pobres, destinado a distinguir essas criaturas de seus criadores.

Travessa, *s.*

Uma coisa sem sentido que segura comida sem comê-la.

Trégua, *s.*

Amizade.

Trigo, *s.*

Cereal do qual, com alguma dificuldade, pode ser feito um uísque razoavelmente bom, e que também é usado para fazer pão. Os franceses, segundo se diz, comem mais pão *per capita* da população do que qualquer outro povo, o que é natural, porque só eles conseguem deixar o negócio palatável.

Trindade, *s.*

No teísmo complicado de certas igrejas cristãs, três divindades inteiramente distintas e compatíveis com apenas uma. As divindades subordinadas da fé politeísta, como diabos e anjos, não são dotadas do poder combinatório, e precisam instar individualmente suas reivindicações à veneração e à propiciação. A

Trindade é um dos mistérios mais sublimes da nossa santa religião. Ao rejeitá-la por ser incompreensível, os unitários revelam sua inadequada percepção dos fundamentos teológicos. Em religião nós acreditamos apenas naquilo que não conseguimos entender, exceto no caso de uma doutrina inteligível que contradiz uma doutrina incompreensível. Nesse caso, nós acreditamos na primeira como sendo uma parte da segunda.

Triquinose, *s.*

A resposta do porco aos proponentes de porcofagia.

Moisés Mendelssohn, tendo adoecido, mandou chamar um médico cristão, que sem demora diagnosticou o transtorno do filósofo como triquinose, mas, com muito tato, deu-lhe outro nome.

“O senhor precisa de uma imediata mudança de dieta”, ele disse. “O senhor deve comer duzentos gramas de carne de porco dia sim, dia não.”

“Carne de porco?”, berrou o paciente. “Carne de porco? Não consigo nem ver carne de porco na minha frente!”

“O senhor está falando sério?”, o médico perguntou num tom grave.

“Eu juro!”

“Ótimo! Sendo assim, eu me comprometo a curá-lo.”

Troglodita, *s.*

Especificamente, um morador de caverna do período paleolítico, depois da Árvore e antes do Apartamento. Uma famosa comunidade de trogloditas morou com Davi na caverna de Adulão. A colônia consistia em “todos aqueles que estavam em situação aflitiva, e todos aqueles que estavam em dívida, e todos aqueles que estavam descontentes” – em suma, todos os socialistas de Judá.

TSÉ-TSÉ, *s.*

Uma mosca africana (*Glossina morsitans*) cuja picada é comumente considerada o remédio natural mais eficaz para combater a insônia, embora alguns pacientes prefiram a picada do romancista americano (*Mendax interminabilis*).

TUDO, *s.*

Cada mísero centavo – exceto aquilo que você separou para si.

TUTOR, *s.*

Alguém que se compromete a proteger de outros aquilo que ainda não conseguiu obter para si.

U

UBIQUIDADE, *s.*

O dom ou poder de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, mas não em todos os lugares o tempo todo – esta última qualidade é característica da onipresença, um atributo exclusivo de Deus e do éter luminífero. Essa importante distinção entre ubiquidade e onipresença não era bem clara para a Igreja medieval, e muito sangue foi derramado por causa da confusão. Certos luteranos, que afirmavam a presença do corpo de Cristo em todos os lugares, ficaram conhecidos como ubiquitários. Por tal erro foram sem dúvida condenados, pois o corpo de Cristo está presente apenas na eucaristia, embora este sacramento possa ser realizado em mais de um lugar simultaneamente. Em tempos recentes a ubiquidade nem sempre foi compreendida – nem mesmo por Sir Boyle Roche, por exemplo: ele sustentava que um homem não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo a menos que seja um pássaro.

ULTIMATO, *s.*

Na diplomacia, uma última exigência antes das primeiras concessões.

Ultraje, *s.*

Qualquer ato desagradável considerado sob o ponto de vista de sua vítima. Uma negação de imunidade.

Ungir, *v.t.*

Lubrificar um rei ou outro grande funcionário já suficientemente escorregadio.

Universalista, *s.*

Alguém que cede seu cobiçado assento no inferno para pessoas de outra fé.

Urbanidade, *s.*

O tipo de civilidade que os observadores urbanos atribuem aos habitantes de todas as cidades, menos aos de Nova York. Sua expressão mais comum é ouvida nas palavras “queira me desculpar” e não é incompatível com o desrespeito aos direitos alheios.

V

Vaidade, *s.*

A homenagem prestada por um tolo aos méritos do idiota mais próximo.

Velhice, *s.*

O período da vida no qual compensamos os vícios que ainda estimamos injuriando aqueles que já não podemos perpetrar por falta de ânimo empreendedor.

Velho, *adj.*

Algo que chegou a um estágio de utilidade que não é incompatível com a ineficiência geral, como um *homem velho*. Desacreditado pelo passar do tempo e ofensivo para o gosto popular, como um *livro velho*.

> “Livro velho nem pensar!”, Goby dizia.
>
> “Quero livro e pão novo todo dia.”
>
> A própria Natureza não o deixa sozinho
>
> E produz toda hora um idiota fresquinho.

Harley Shum.

VERDADE, *s.*

Uma engenhosa mistura de desejabilidade e aparência. A descoberta da verdade é o único propósito da filosofia, que é a ocupação mais antiga da mente humana e tem boas perspectivas de continuar existindo em crescente atividade até o fim dos tempos.

VEREADOR, *s.*

Um criminoso inventivo que acoberta sua roubalheira secreta com a simulação da pilhagem escancarada.

VERSO BRANCO, *s.*

Pentâmetros iâmbicos sem rima – o tipo de verso inglês mais difícil de escrever aceitavelmente; um gênero, portanto, muito afetado por aqueles que não conseguem escrever aceitavelmente nenhum gênero.

VESPA, *s.*

Um meteoro incandescente, pesando várias toneladas, que por vezes acerta um camarada inesperadamente no meio dos olhos e o deixa vendo estrelas. É representado simbolicamente como um inseto com cabeça careca e cauda influente, mas o homem vitimado por uma vespa surgida de um céu claro não fica satisfeito com esse

tipo de representação, e garante, sentidamente, que uma fotografia instantânea da vespa em pleno voo contaria uma história diferente.

Veste sacerdotal, *s.*

A fantasia multicor usada pelos bobos da corte no Palácio do Céu.

Vida, *s.*

Uma salmoura espiritual que preserva o corpo da decomposição. Vivemos no diário temor de perdê-la; contudo, uma vez perdida, não sentimos falta dela. A questão “Vale a pena viver?” tem sido bastante discutida, particularmente por aqueles que pensam que não vale, muitos dos quais escreveram alongadamente na defesa de seu ponto de vista e, por meio de uma cuidadosa observância das leis da saúde, desfrutaram por décadas das honras da controvérsia bem-sucedida.

Vidente, *s.*

Pessoa, normalmente uma mulher, que tem o poder de ver o que é invisível para seu cliente – a saber, que ele é uma besta.

Vil, *adj.*

A qualidade da motivação de um competidor.

Violino, *s.*

Um instrumento que provoca cócegas nos ouvidos humanos com a fricção da cauda de um cavalo nas entranhas de um gato.

Virtudes, *s.pl.*

Certas abstenções.

Vituperação, *s.*

A sátira tal como entendida por asnos e por todas as pessoas acometidas de um defeito na sagacidade.

Viúva, *s.*

Uma figura patética que o mundo cristão decidiu tratar humoristicamente, mesmo que a ternura de Cristo pelas viúvas tenha sido uma das características mais marcantes de sua personalidade.

Volubilidade, *s.*

A reiterada saciedade de um afeto empreendedor.

Votação, *s.*

Esquema simples através do qual uma maioria comprova para uma minoria o disparate da resistência. Diversas pessoas dignas e imperfeitas no aparelhamento mental acreditam que as maiorias governam graças a certo direito inerente; e as minorias se

submetem não porque precisam, mas porque se submeter é o mais aconselhável.

Voto, *s.*

Instrumento e símbolo do poder de um homem livre para fazer de si mesmo um tolo e de seu país um desastre.

W

WALL STREET, *s.*

Um símbolo do pecado que merece a censura de todo e qualquer diabo. A crença de que Wall Street é um covil de ladrões dá conforto a todos os ladrões malsucedidos no lugar de uma esperança no Paraíso.

X

Xingar, *v.t.*

Espancar energicamente com um bastãozinho verbal. Trata-se de uma operação que na literatura, em especial no drama, é frequentemente fatal para sua vítima. Contudo, o risco de sofrer xingamentos não faz senão pequena figura na fixação das taxas de um seguro de vida.

Z

Zênite, *s.*

O ponto no céu diretamente acima de um homem de pé ou de um repolho em desenvolvimento. Um homem na cama ou um repolho na panela não são considerados como dotados de um zênite, embora nesse aspecto da questão tenha ocorrido, no passado, uma discordância considerável entre os eruditos, com alguns defendendo que a postura do corpo não era importante. Estes eram chamados de horizontalistas, e seus oponentes, de verticalistas. A heresia horizontalista foi afinal extinta por Xanobus, o rei-filósofo de Abara, um zeloso verticalista. Invadindo uma assembleia de filósofos que debatiam o assunto, ele lançou uma cabeça humana decepada aos pés dos oponentes e lhes pediu que determinassem seu zênite, explicando que o corpo estava pendurado pelos calcanhares ao ar livre. Observando que se tratava da cabeça de seu líder, os horizontalistas não perderam tempo em se declarar convertidos a qualquer ponto de vista que a Coroa tivesse o prazer de defender, e o horizontalismo tomou seu lugar entre as fés defuntas.

Zeus, *s.*

O principal deus dos gregos, venerado pelos romanos como Júpiter e pelos americanos modernos como Deus, Ouro, Populacho e Cachorro. Alguns exploradores que tocaram o litoral da América, e um que alega ter penetrado uma distância interior considerável, julgaram que esses quatro nomes representavam divindades distintas, mas, em sua obra monumental sobre as Fés Sobreviventes, Frumpp insiste que os nativos são monoteístas, cada um tendo apenas a si mesmo como deus, um deus venerado sob vários nomes sagrados.